



HISTÓR JAS ERETRATOS DA FEIRA DO LARGO DA ORDEM.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Boletim Casa Romário Martins. Histórias e retratos da Feira do Largo da Ordem / pesquisa e texto Luana de Oliveira Camargo e Soraia Gatti; fotografia Carolina Castanho. __ Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v.38, n. 150, set.2022. 190 p.: il.color.

ISSN: 0102.3268

1.Feira do Largo da Ordem — Curitiba. 2. Artesanato — Curitiba. 3. Patrimônio Imaterial. 4. Artesãos — Entrevistas. I. Camargo, Luana de Oliveira. II. Gatti, Soraia. III. Castanho. Carolina.

CDD: 745.098162

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Maria Inês Barreto – CRB9/946



EDIÇÃO ESPECIAL



LUANA CAMARGO E SORAIA GATTI

FOTOGRAFIA

CAROLINA CASTANHO

SUMÁRIO

PREFÁCIO 6

INTRODUÇÃO 9

1. FEIRA DO LARGO DA ORDEM EM CURITIBA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS 13

- 1.1. Contexto histórico de origem 17
- 1.2. Arte e artesanato: uma distinção delicada 26
- 1.3. Conflitos em torno da comercialização de produtos industrializados na Feira 29
- 1.4. Identidade cultural e artística 33
- 1.5. A Feira como patrimônio imaterial 35

2. ENTREVISTAS 39

- 2.1. A arte estava me chamando
- René Scholz | tecelagem 41
- **2.2.** Meu senhor Deus, graças te dou que um dia o pai disse para vir para o Brasil Maria Laskowski | motivos ucranianos 49
- **2.3.** A gente traz um dom, cada família tem um, o meu é esse Linda Grabowski | biscoitos artesanais 55
- 2.4. É minha herança, né, é minha herança
- Dolly Villanueva | artesanato em couro, pedras naturais e metal 61
- 2.5. Sempre foi um trabalho familiar
- Angela Coraiola | pinturas orgânicas em banquetas de madeira 67
- **2.6.** A gente tem que viver para ter histórias
- Angela Hasselmann | artesanato em MDF 73
- 2.7. A Feira me moldou como pessoa
- Éder Ferraz | cristais e pedras 79
- **2.8.** Isso é o importante, fazer a diferença na vida das pessoas
- Silvina Aranibar | duendes, elfos e seres elementais em biscuit 85

- 2.9. A Feira é uma coisa que está na minha alma
- Edson Mendes da Silva | empanadas 93
- 2.10. Foi amor à primeira vista
- Isaías Teixeira | sapatos e cintos de couro **101**
- 2.11. Um verdadeiro mosaico cultural
- Nilcema do Rocio Ratim | estamparia 107
- 2.12. A Feira representa um legado de conhecimento
- Odair Marlier | marchetaria, mandalas e velas 113
- 2.13. Poder sobreviver de artesanato é uma glória
- Altamir Cabral | brinquedos antigos e instrumentos musicais 119
- **2.14.** A Feira em si é minha vida, minha paixão
- Benedito Martins | acessórios e bijuterias **125**
- **2.15.** Parece que era predestinado
- Reginaldo Carvalho | pintura a óleo e aquarela 133
- **2.16.** Já tava no sangue
- Richard Poppe | murais magnéticos 139
- 2.17. Chega uma hora em que você tem que tomar uma decisão na vida
- Santo Antônio Strapasson | sisal **145**
- **2.18.** A Feira é rica por suas referências, seus conhecimentos e suas ancestralidades
- Tiemi Takahashi | artesanato em arame e caixinhas de fósforo 151
- 2.19. O artesanato é uma forma de transformar o sútil em concreto
- Wilson Guimarães | artesanato em couro **157**
- 2.20. Do que mais gosto na Feira são as cores
- Fátima Sanson | casinhas de passarinhos e aromatizantes 163
- **2.21.** Era aqui onde eu queria estar, e estou
- Jane Castanho | encadernação artesanal **169**

Referências 175

Sempre tive a plena convicção de que todas as pessoas têm histórias que merecem ser contadas: a senhora refugiada, o cozinheiro que herdou uma receita familiar, a moça que nasceu e cresceu em uma barraca, eu e você. Entre tantas histórias de vida que se encontram e se entrelaçam em uma das maiores feiras ao ar livre do Brasil, resgatamos para o presente trabalho 21 narrativas que buscam, por meio de diferentes trajetórias de vida, mostrar fragmentos da Feira do Largo da Ordem, carregados de simbologias e plurais perspectivas, revelando também a alteridade que nos faz humanos.

Hoje patrimônio imaterial da cidade de Curitiba, nossa Feira foi construída com a luta de muitos artesãos, artistas e cozinheiros. O chão do Largo da Ordem, centro histórico da cidade, é palco de muitas expressões, elos, sonhos e suores. Nesse local encontramos heranças em níveis pessoais e coletivos, saberes ancestrais, tradições familiares, criações e descobertas. Uma memória coletiva que foi e é tecida a partir de milhares de memórias individuais que circulam por aqui em seus quase 50 anos de existência.

A Feira do Largo da Ordem abriga histórias. A Feira do Largo da Ordem é formada por pessoas. Queremos mostrar a você, leitor, algumas narrativas de vida que aqui coexistem em suas subjetivas importâncias, mantendo, uma a uma, nosso patrimônio cultural. Apresentamos aqui um pequeno livro com grandes relatos de vida.

> Aos feirantes do Largo da Ordem: somos escuta porque vocês são narrativa. Que possamos permanecer tecendo, Luana de Oliveira Camargo.

Em 2018 passei a visitar a Feira do Largo da Ordem com mais frequência, conhecer e ouvir sobre a trajetória de vida de alguns dos feirantes que estavam próximos à barraca em que minha mãe expõe seu trabalho. Ficava nítido o papel da Feira do Largo da Ordem na vida daquelas pessoas. Estar na Feira mantinha suas famílias, pagava os estudos dos filhos, nunca foi apenas um ponto de venda.

Será que essas pessoas que acordavam cedo aos domingos para montar seus expositores se viam como pessoas importantes para o acontecimento que é a Feira do Largo? Será que se entendiam como personagens importantes de uma das maiores feiras de artesanato? Será que entendiam que faziam parte de um dos patrimônios imateriais de Curitiba?

Fui movida e motivada por essas perguntas que pipocavam na minha mente toda vez que eu visitava a Feira. Quem são essas pessoas que estão por trás de toda essa movimentação histórica da Feira do Largo da Ordem? Os registros fotográficos vêm para isso, para que essas histórias tenham CARA, para fixar na memória que a Feira é feita de GENTE.

As fotografias contidas neste livro também são para que os feirantes se vejam e se apropriem do importante lugar que ocupam na história da cidade de Curitiba, e para que no futuro possamos consultar a história da cidade e ver quem eram essas figuras que movimentaram a cidade aos domingos.

> A fotografia resgata e conta história. Desejo uma boa leitura, das histórias e das imagens. E que a história se perpetue, Carolina Cruz Castanho

INTRODUÇÃO





O fio condutor que direciona e propaga conexões entre as diferentes linguagens e áreas do conhecimento que tecem este trabalho é a busca pela preservação da memória das pessoas que compõem a feira, entendendo e defendendo que os próprios feirantes são a essência e a potência de expressão artística da Feira do Largo da Ordem. Dessa forma, os saberes aqui presentes se expressam por meio da pesquisa histórica realizada por Soraia Gatti, da pesquisa antropológica guiada por Luana Camargo e das fotografias feitas por Carolina Castanho. Um tecer de sentidos e sentimentos que, em comunhão, findam na realização da presente obra.

A pesquisa histórica, dividida em cinco partes, teve como objetivo central a construção crítica e historicamente localizada e contextualizada de uma narrativa para a origem e a trajetória da Feira do Largo, de seu princípio organizacional e institucional no início da década de 1970 até a contemporaneidade. A primeira parte, *Contexto Histórico de Origem*, constrói uma narrativa possível para a origem e o desenvolvimento da Feira ao longo do tempo, enfatizando sua localização em dinâmicas e contextos (municipais, estaduais, nacionais e internacionais) mais amplos. Nesse sentido, são abordadas as influências políticas e econômicas exercidas pela ditadura militar (1964 – 1985) nos mais diversos cruzamentos entre feiras urbanas de arte e artesanato com as mais diversas sociabilidades, redes de solidariedade e manifestações artísticas, multiculturais e contraculturais.





A segunda parte da abordagem histórica, *Arte e Artesanato: uma distinção delicada*, propõe uma breve reflexão crítica e conceitual a respeito dos lugares e dos atores da cultura que historicamente recebem o status de arte e de artesanato, atentando para a urgência de um questionamento decolonial de perspectivas eurocêntricas como definidoras universais do conceito de arte.

A terceira temática abordada, intitulada *Conflitos em torno da comercializa-*ção de produtos industrializados, tematiza a desproteção dos artesãos frente à concorrência representada pela chegada da comercialização de produtos industrializados, produzidos em série, na Feira. A quarta parte, *Identidade Cultural e Artística*, reflete brevemente a respeito dos entrecruzamentos identitários múltiplos que os artesãos e suas obras expressam e misturam ao realizarem o evento. Por fim, o último título do texto histórico, *A Feira como Patrimônio Imaterial*, ressalta o reconhecimento do evento como patrimônio cultural imaterial de Curitiba, enfatizando o protagonismo das pessoas e de seus trabalhos como o centro dessa expressão cultural.

Em sequência, temos a pesquisa antropológica que foi realizada por meio de trabalhos de campo na Feira do Largo da Ordem, com a execução de 21 entrevistas etnográficas com feirantes do Largo. Entre eles, alguns são os que acompanham o seu desenvolvimento desde os primórdios de sua criação, mas todos são integralmente responsáveis pela manutenção dessa manifestação cultural enquanto vitais elementos da sua organização social, mantendo-a viva ao longo das décadas.

As entrevistas etnográficas realizadas com feirantes da Feira do Largo da Ordem tiveram por objetivo registrar as memórias que eles consideram importantes para suas trajetórias: infância, família, perdas, afetos, lutas e conquistas. Nos encontros com os 21 diferentes agentes culturais, deixamos espaços abertos para inscrições discursivas que, não quiadas por roteiros fixos, permitissem que os próprios inter-

locutores trouxessem o que acreditam ser valioso registrar de suas próprias vidas. Dessa forma, divididos em capítulos nomeados com frases narradas pelos próprios personagens, cada uma dessas histórias apresentará ao leitor passagens das vidas de nossos interlocutores e diferentes nuances da Feira, revelando singulares perspectivas de um patrimônio plural. Os temas abordados se constroem de acordo com o livre acionamento de memória dos entrevistados, permitindo que suas narrativas se manifestem de forma flexível e não direcionada.

Durante toda a obra, os registros fotográficos se fazem presentes a fim de revelar ao público os vários rostos donos das histórias de vida que compõem este livro, dando mais pessoalidade às narrativas e reforçando que a Feira é feita por pessoas. Além disso, como ferramenta política, essas fotografias também têm por objetivo que os feirantes se vejam e se apropriem do importante lugar que ocupam na história da cidade de Curitiba. A fotografia resgata e conta a história.

11



ma das maiores feiras do Brasil na contemporaneidade, campo de manifestação e representações de lutas, contradições e tensões sociais desde sua origem, a feira urbana de arte e artesanato do Largo da Ordem em Curitiba iniciou suas atividades oficialmente em 1971 — a partir do Decreto nº 981 da prefeitura da cidade, que legalizava a criação do evento e garantia o estabelecimento geográfico para os expositores. A feira emergiu a partir de um entrecruzamento de sociabilidades, redes de solidariedade e manifestações artísticas e multiculturais. Em seus 50 anos de história, foi e é um espaço de resistência e intercâmbio cultural — espaço físico e imaterial onde histórias de vidas, famílias e ancestralidades inteiras se entrelaçam.

O objetivo central da abordagem histórica de nosso projeto está em preservar a memória das pessoas que compõem a feira, entendendo e defendendo que os próprios feirantes, os que participaram da criação e todos os que mantêm o evento vivo ao longo das décadas, são a gênese e a essência desse patrimônio cultural imaterial da cidade.

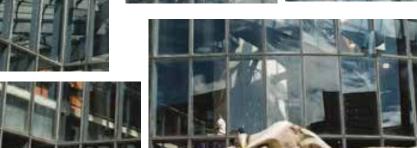








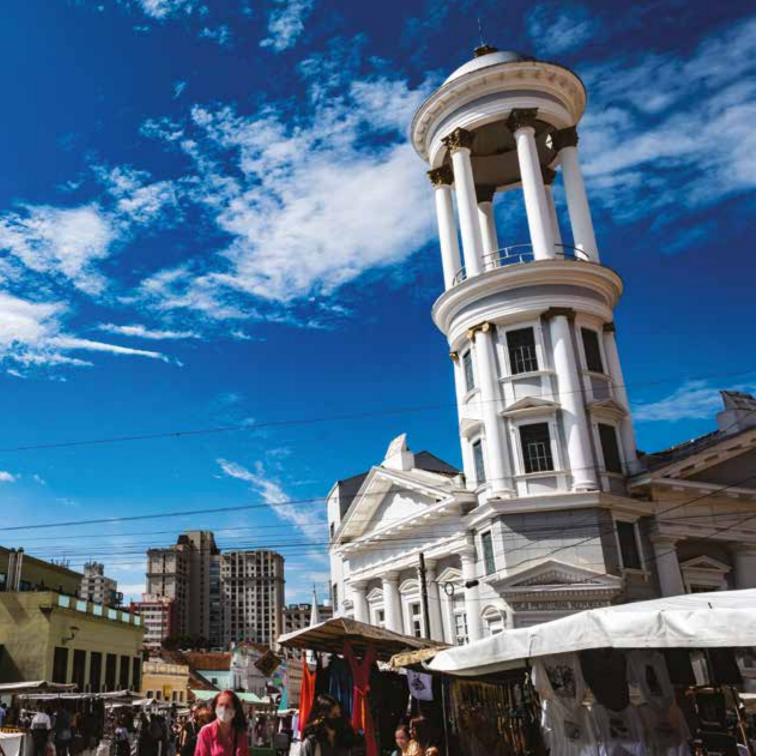












CONTEXTO HISTÓRICO DE ORIGEM

A Feira do Largo da Ordem nasceu em Curitiba em um contexto histórico nacional dominado por autoritarismos, pânicos morais e contradições culturais, sociais e políticas. No Brasil, desenvolvia-se a ditadura militar (1964 -1985), momento político em que a censura artística, cultural e de qualquer forma de expressão divergente do espectro de ideias e ideais militaristas predominantes no período era uma prática institucional comum e articulada policialmente nos estados e municípios.

As décadas de 1960 e 1970, no Brasil e em Curitiba, foram marcadas pelo endurecimento da violência de Estado, que se aprofundou com a edição do Ato Institucional nº 5 em 1968 — decreto executivo que recrudescia as ações de censura do Estado. A produção artístico-cultural do período, que em muito circulava pelas feiras dos principais centros urbanos do país, sofria com a vigilância e a intransigência moral institucionalizadas, ou seja, praticadas de forma legal e oficial. Desse modo, várias especificidades do conteúdo de diversas obras eram parcial ou totalmente desautorizados com base em argumentos políticos planificadores e coercitivos.

A "modernização conservadora" e o momentâneo e instável "milagre econômico" promovidos pela ditadura, contudo, foram importantes para a elevação do poder aquisitivo da classe média. O que elevou também, por consequência, o poder aquisitivo do público

A influência da contracultura internacional, sobretudo norte-americana e inglesa, chegava ao Brasil e atingia a juventude a partir de pressupostos caracteristicamente subjetivos, que envolviam as roupas, as músicas, a literatura, novos padrões alimentares e comportamentais, bem como novas consciências de expansão do olhar para a diferença e a diversidade em um mundo globalizado. Marcada fortemente pela busca da individualidade, a nova contracultura jovem buscava a simultaneidade da libertação pessoal com a libertação social em um momento opressivo da política nacional. A progressiva aceitação de inovações contraculturais as tornam novos paradigmas que contribuem com uma mudança da mentalidade coletiva no sentido de perspectivas de enfrentamento e combate aos rígidos e tradicionais padrões culturais de comportamento e moralidade (LUZ, 2014). O Movimento Hippie torna-se, nesse contexto, um dos mais populares novos paradigmas da sociedade. Seus seguidores têm um profundo trânsito e contribuição artística para as feiras urbanas populares. Adeptos e/ou praticantes do Movimento Hippie exibiam naquela época, e continuam a expor, suas artes e produções pelas praças de Curitiba em diferentes feiras.

Nesse contexto em que um movimento cultural controverso ao Estado passa a integrar eventos urbanos e culturais, como as feiras de artesanato, o discurso de incentivo ao artesão, incorporado pela mídia e pelos folhetins vendidos nas esquinas da cidade em vários momentos da história da Feira do Largo, esteve historicamente também relacionado ao conflito cultural. Os espaços ocupados pelos hippies e sua arte revelavam e revelam uma forma de expressão legítima, mas dissidente e que por vezes a sociedade e as instituições contestavam e buscavam reprimir ou dispersar.

Interagindo com as transformações políticas, econômicas e culturais profundas para as quais o país se enveredava, a Feira do Largo da Ordem nasce em meados

da década de 1970 como um espaço de sociabilidade fruto da tentativa de união e centralização de várias feiras que se estabeleciam em diversos pontos do centro da cidade de Curitiba, como a Feira da Praça Zacarias, a Feira da Praça Garibaldi, a Feira da Praça Tiradentes e o Mercado das Pulgas no Largo. Os hippies acompanharam e sempre estiveram presentes nesse processo, onde estabeleciam suas feiras hippies de forma provisória em locais diversos, mas principalmente no circuito das feiras da Praça Zacarias (BONZATTO; POLICHUK, 2014; PORTELA, 2013; RATZ, 2007).

Wilson Guimarães, artesão produtor de sapatos de couro há 54 anos e feirante urbano, em entrevista para a antropóloga do projeto, Luana Camargo, afirma que:

A nossa feira começou, na realidade, na Praça Osório, por um período muito curto.

Depois foi transferida para as Pérgolas... São detalhes que às vezes a História não conta... Foi transferida para as Pérgolas, que ficava ali na Travessa Oliveira Bello, na frente do Palácio Avenida. E das Pérgolas para a Praça Zacarias, no final de 1967, onde fazíamos as exposições aos sábados.

Em 1971, portanto, quando houve o decreto da prefeitura reconhecendo a feira de artesanato, ela na época estava estabelecida na Praça Zacarias. Wilson conta que comerciantes se articularam para retirar a feira de lá, pelo movimento efervescente de pessoas que a feira provocava, e depois, quando a feira saiu da Praça Zacarias, esses mesmos comerciantes se manifestaram pela volta dela. É muito interessante perceber nessa memória, que faz parte da vivência de um antigo e famoso feirante da história do evento, a sociabilidade cultural, política, moral e comercial estabelecida entre os diferentes grupos de pessoas envolvidas no território da feira e no próprio processo de institucionalização dela (ou seja, os artesãos-produtores e feirantes, os grupos itinerantes hippies, os comerciantes fixos dos espaços, a sociedade curitibana, os turistas e o conjunto de agentes do próprio Estado). A feira era agregadora, sincrética, diversa e aguçadora da criatividade e da produção cultural, e também sempre esteve imersa

em lutas burocráticas e institucionais competitivas, conflitivas, coercitivas e arbitrárias com outros diferentes grupos de interesse.

Ainda sobre a feira de arte e artesanato na Praça Zacarias, Wilson relata que houve a participação de muitos dos artesãos envolvidos nesse início das feiras urbanas de Curitiba em movimentações e propagações culturais de ressonância nacional. Wilson afirma que a Feira da Praça Zacarias, conjuntamente com a Feira da Praça da República em São Paulo e a da Praça General Osório no Rio de Janeiro, foi uma das primeiras feiras urbanas de artesanato no país:

Depois apareceu o Terreiro de Jesus em Salvador e assim por diante foram se expandindo. **Foi um período muito bonito**. (...) Se pararmos para fazer uma análise mais profunda, a nossa atividade [de feiras de artesanato] aqui em Curitiba foi a raiz do início da atividade no Sul do país. Pois nós fomos depois expor em feiras em Florianópolis, Balneário Camboriú, Porto Alegre, Londrina, Maringá, Ponta Grossa, nas feiras do Litoral [do Sul do país de forma geral] no verão. **Essa efervescência foi borbulhando e florindo e crescendo**. (Wilson Guimarães. grifo nosso)

Segundo Wilson, por volta de 1970, foi criado o Mercado das Pulgas em volta do bebedouro do Largo. Era uma tentativa de mesclar uma feira de antiguidades com a feira de artesanato. A feira se organizava na frente da Casa Vermelha, e ali, conta o artesão, era ainda um espaço de circulação de veículos, então eram colocadas manilhas de concreto pra separar o espaço de trânsito da feira. Essa memória do Mercado das Pulgas de Wilson é importante, pois, segundo o próprio artesão, as histórias publicadas no meio cultural, jornalístico e acadêmico acabam sempre por linearizar que as feiras de artesanato da Praça Zacarias foram praticamente direto pro Largo da Ordem, mas houve um período anterior do Mercado das Pulgas e também um período paralelo de feiras de artesanato importantes na Praça Tiradentes e na Praça Rui Barbosa em Curitiba.

A feira aos sábados da Praça Zacarias foi inicialmente transferida para a Praça Tiradentes, no início da década de 1980, quando ocorreu uma revitalização da frente da Catedral e o trânsito que passava ali foi fechado para abrigar as exposições. Wilson rememora que os expositores realizaram atividades ali na Praça Tiradentes por um período de três ou quatro anos. Depois, em fins de década de 1980 e início de 1990, houve uma revitalização da Praça Rui Barbosa e a transferência da feira dos sábados da Tiradentes para a Praça Rui Barbosa. Até que, de meados para o fim da década de 1990, houve a construção da Rua da Cidadania na Rui Barbosa e a prefeitura reservou então, segundo Wilson, espaços pequenos de 1 m² na rua da cidadania para que cada expositor realizasse suas vendas no espaço interno da nova construção. "O espaço era todo pintado de preto, sem iluminação, sem conforto, sem qualidade e sem os meios necessários para que houvesse a continuidade do sucesso do evento", relata Wilson Guimarães.

A Feira da Praça Rui Barbosa ocorria sempre aos sábados e às quartas-feiras e também nos dias que antecediam as datas comemorativas, como Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia dos Namorados. Em dezembro, em razão do Natal, a feira ocupava grande parte do mês. Porêm, com intervenções ocorridas a partir da construção da Rua da Cidadania Matriz e a maior presença do comércio de produtos industrializados, a participação de artesãos e produtores manuais foi progressivamente se esvaziando da Praça Rui Barbosa.

A inauguração da Feira do Largo da Ordem no início da década de 1970 acontecia, portanto, em paralelo a outras feiras urbanas em distintos territórios da cidade. Foi no Largo, porém, que o conjunto dos artesãos e produtores manuais se centralizaram. O Largo da Ordem faz parte do circuito do Centro Histórico de Curitiba, localiza-se no bairro São Francisco e abrange parte das edificações mais antigas da cidade, como a Casa Romário Martins (datada do século XVIII), a Casa Vermelha (construção da segunda metade do século XIX) e a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco (de 1737). Wilson conta que inicialmente, com ele, eram cerca de 20 expositores.

Com tais disposições, a prefeitura buscava, nesse primeiro momento, criar me-

canismos de proteção jurídica, policial e de fiscalização aos artesãos e à arte

Se estabelecia também uma união entre pretensões institucionais, políticas e econômicas em torno do itinerário turístico do Centro Histórico com a tentativa de regulamentação de feiras que, até então, ocorriam de forma espontânea e diversa geograficamente pelo centro da cidade. Segundo Wilson, "E a feira foi crescendo. Num primeiro momento, nós expúnhamos no chão na praça do Largo. A prefeitura inclusive vinha de manhã com os caminhões, lavava a praça, instalava guarda-sóis ajustáveis ao posicionamento do sol para que nós trabalhássemos com proteção".

23

Cenários que são reforçados pela publicação de 17 de janeiro de 1973 da Gazeta do Povo, o jornal afirmou "No Largo da Ordem não é qualquer um que pode apregoar seus tarecos. A prefeitura exige documentos na inscrição e sempre há gente supervisionando, oferecendo cobertura àqueles que vendem artigos que não podem ser expostos ao sol". A reportagem inclusive faz a oposição dessa situação institucionalizada e regularizada na Feira do Largo com o livre comércio de artigos produzidos por hippies que continuava a ocorrer na Praça Zacarias.

Por volta de 1980, Wilson conta que organizadores da Feira do Largo sentiram a necessidade da criação de uma primeira comissão de artesãos para auxiliar a coordenação da feira junto à prefeitura:

Segundo o Decreto nº 509 da prefeitura de Curitiba, de 10 de julho de 1972, que regulamenta a instituição da Feira de Arte e Artesanato do Largo da Ordem, o evento cultural semanal teria por finalidade, segundo o Art. 1º:

- **a.** promover o artesanato;
- **b.** valorizar a cultura e divulgar a arte;
- c. promover a venda de trabalhos artísticos e objetos de artesanato; bem como
- **d.** incentivar pesquisas sobre a Arte Popular do Paraná.

O decreto previa ainda que seria obrigatória a apresentação, por parte dos candidatos, a expositores, de atestados de boa conduta social, fornecida por autoridade pública competente (Art. 2°). Para além, no Art. 10°, estava prevista a proibição do uso de bebidas alcoólicas, estupefacientes (entorpecentes) ou similares pelos expositores. Uma regulamentação ao mesmo tempo fiscalizatória e moral, vide o contexto político que buscava o controle de expressões culturais dissidentes ao autoritarismo vigente. Para além, os trabalhos também deveriam atender a condições básicas, como (Art. 4°):

- **a.** serem confeccionados pelo próprio expositor;
- **b.** não eram aceitos produtos industrializados ou que pertencessem a qualquer linha industrial;
- c. deveriam prescindir de criatividade e originalidade, não sendo aceitas cópias;
- **d.** satisfazer mínimas condições de qualidade, a juízo de uma comissão central avaliadora; bem como
- **e.** se posteriormente os produtos fossem submetidos a escala industrial, deveriam ser excluídos da Feira.

Essa primeira comissão, de nomes que me lembro de cabeça e que foram importantes, foi formada pelo Sérgio Cuquel e Fernando Cavalcanti, ambos falecidos; também pela Maria Telma, grande pessoa e grande entusiasta, pelo Waldir Felici, Wilson Guimarães e talvez por mais umas duas pessoas que não me recordo. Mas essas eram as principais lideranças. Nós nos reuníamos, contestávamos as alterações [de regimentos da prefeitura]. Era uma comissão que foi ativa durante um período longo e que beneficiou os artesãos e a organização da feira. (Wilson Guimarães)

Posteriormente, após tentativas anteriores de associações da categoria profissional de artesãos da cidade que obtiveram pouco sucesso, surgiram as primeiras iniciativas para a criação de um sindicato. Wilson lembra que,

Nessa efervescência e entusiasmo para participar da organização da feira surgiu a ideia da criação do sindicato [de artesãos]. Porém o nosso sindicato não era legalizado, era uma atividade espontânea, autônoma. A legislação não permitia a criação de um sindicato para o nosso segmento. E então nós tivemos que criar a primeira Associação Profissional de Artesãos do Estado do Paraná, e talvez uma das primeiras do Brasil.

A APAEP (Associação Profissional de Artesãos do Estado do Paraná) foi, posteriormente, convertida em sindicato atualmente em vias de regularização legal, tendo a carta sindical pronta em Brasília e necessitando de reorganização da diretoria para dar andamento ao processo, segundo Wilson. Para Wilson, a feira sempre contou com uma participação muito grande da sociedade curitibana, mas também sempre enfrentou os momentos de intervenção e alterações políticas, que acenavam dificuldades e a necessidade de luta por demandas coletivas. Esses momentos acabavam por articular e agregar os artesãos em torno de sua associação e em prol de suas pautas, de modo a organizarem uma frente coletiva de reivindicações com os

poderes públicos, as burocracias estatais e as negociações diplomáticas. Segundo Wilson, foi o caso da conquista da liberação de três carros da prefeitura, com motoristas, para que ficassem à disposição da associação nos dias de realização das vistorias na Casa do Artesãos, que ocorriam semanalmente às terças-feiras. Tal vitória é lembrada por Wilson com destaque pois envolveu uma grande e histórica assembleia da associação.

Na década de 1980 e início da década de 1990, a Feira do Largo já contava com aproximadamente 500 expositores, duas coordenadoras e cinco fiscais da prefeitura à disposição da realização do evento. Antes da pandemia, segundo Wilson, eram 1.300 barracas, com visitação de 20 a 30 mil pessoas todos os domingos. Com a suspensão sanitária e o isolamento social necessários à prevenção de CO-VID-19, entretanto, a feira foi reduzida pela metade. Contudo, houve a reconquista da feira também aos sábados no Largo, no momento difícil de flexibilização e reabertura do evento.

Mirando o futuro, Wilson vê como seria rico e criativo o diálogo com as feiras de artesanato de bairro que ocorrem atualmente, o que poderia ocorrer, sugere, com a criação de comissões de seleção para novos expositores, para que expositores iniciantes tenham mais oportunidades de expor e vender suas criações e produções.

25

ARTE E ARTESANATO: UMA DISTINÇÃO DELICADA

A Feira do Largo, e feiras culturais de modo amplo, costumam também suscitar um debate ao mesmo tempo implícito e explícito em torno da construção de diferenciações hierárquicas simbólicas e materiais, que incidem diretamente sobre a valoração social dos produtos. A diferenciação estabelecida entre arte e artesanato é tradicional e clássica, é um debate tão contemporâneo quanto antigo e que envolve variáveis específicas múltiplas, mas que esbarra na fundamental teoria crítica contemporânea a respeito da decolonialidade da arte e do pensamento social e cultural.

Em um domínio epistêmico e subjetivo, a colonialidade do conhecimento e do pensamento se exerce ao controlar todas as formas de produção e reprodução da subjetividade e da cultura. Para Lugones (2014), enfatizar a lógica categorial dicotômica e hierárquica é central para compreender o pensamento capitalista e colonial moderno e como essa episteme dominante fomenta silenciamentos e subalternizações em relações culturais, raciais, de gênero e sexualidade. Para a autora, a hierarquia dicotômica começou a se impor, por meios violentos, com a colonização das Américas e do Caribe. Um processo em que distinções dicotômicas e hierárquicas foram ensinadas aos(às) colonizados(as) a serviço do colonizador ocidental que partia de uma matriz cosmológica de mundo eurocentrada.

Aqui buscamos, numa perspectiva decolonial, entender que o artefato artesanal é um testemunho que revela nuances da relação entre indivíduo e sociedade. É vida e é arte. Na tensão de separar o que é arte do que é artefato fruto da repetição da criação, muitos debates se engessam numa visão binária e restrita que divide e categoriza, inferioriza determinadas manifestações em prol de produções vinculadas ao *status quo* social e epistêmico vigente. Em nossa perspectiva, o objeto artesanal se revela como autoevidente de sua arte.



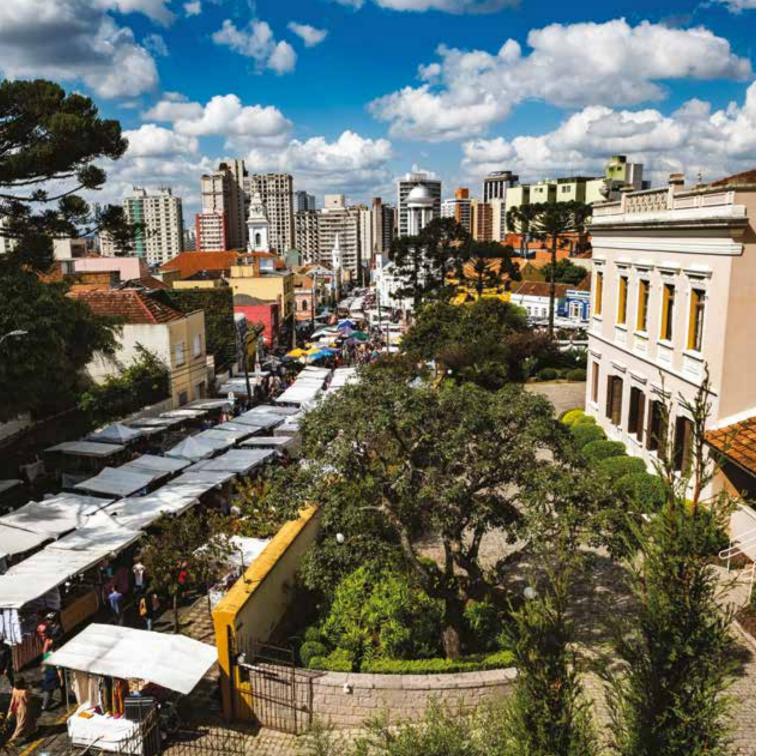












CONFLITOS EM TORNO DA COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS NA FEIRA

Segundo Portela (2013), o aumento do número de artistas e artesãos, as constantes mudanças de endereço em decorrência das intervenções institucionais e das políticas públicas, e a chegada dos produtos industrializados marcam constantes transformações para as feiras urbanas do centro da cidade de Curitiba. A parcial unificação das feiras centrais em torno do Largo da Ordem representava, nessa complexa disputa, uma alternativa para a continuidade das trocas em torno da produção de arte-artesanato.

Tensões, concorrências e conflitos se apresentaram à Feira do Largo da Ordem desde seu início. Entre expositores artesãos e/ou hippies, havia um grande dilema diante da emergência dos produtos industrializados, fabricados em série, e considerados e produzidos sem preocupação ou cuidado artístico. Um conflito que, para além de concorrência econômica, envolvia a tensão cultural e moral entre a sociabilidade, a economia, a cultura e a juventude contestatória, entre os artesãos e a institucionalização e a industrialização dos produtos comercializados no espaço.

Historicamente, a arte e o artesanato, desprendidos de seus embates de distinção e diferenciação, se unificam em uma relação conflituosa e opositiva com os contrapontos da industrialização (e seus produtos em série) e dos embates com o fomento institucional burocrático. No início da década de 1970, o ofício de ar-

tesão não era reconhecido da mesma forma que outras profissões "oficiais" (reconhecidas por lei pelo Estado brasileiro) — o que trazia o limbo da não proteção e da ausência de regulamentação do funcionamento. Além de não serem consideradas profissões, eram praticadas por muitas pessoas idosas, o que acentuava, na década de 1970, a fragilidade da produção e exposição artesanal de feiras culturais pelo país pelo descaso público.

Ao instituir a Feira do Largo da Ordem em Curitiba, a prefeitura legitimava uma ação da Fundação Cultural que visava incentivar a produção artística de artesãos locais, regularizando os trabalhos e exposições por meio de uma comissão organizadora, além de oficializar um ponto turístico novo para a cidade (BONZATTO; POLICHUK, 2014).

Esse processo incluía investidas da prefeitura em modernizar e regulamentar o circuito turístico no centro do município, inserindo e unificando diversas feiras urbanas no Largo. A entrada de produtos industrializados no comércio de rua esteve intimamente ligada a esse contexto. Em depoimento dado à Ratz (2007, p. 29), o artesão Claudionor afirma que na década de 1970, quando ainda ocorria a feira urbana da Praça Tiradentes, "[quando apareceram] essas lojinhas loucas de R\$ 1,99, daí estragou tudo, acabou com a feira". Eloi, outro artesão em depoimento à Ratz (2007, p. 36), "Aqui o artesanato não flui tanto devido aos mercados industriais, tá tendo muita coisa industrial e o artesanato fica meio sufocado dentro do mercado. A arte tá meio sufocada pela indústria, coisas industriais misturando com artesanato, mas é a evolução, os tempos são outros e a gente tem que se adaptar a isso".

Em matéria do jornal O Estado do Paraná, de 1º de dezembro de 1974, intitulada "O que será da Feira Hippie?", o perigo da perda da identificação artística das principais feiras da cidade para a industrialização é abordado. Segundo a matéria, a Feira Hippie da Praça Zacarias estava ameaçada de desaparecer ou, pelo me-

nos, de perder suas características originais. Os fundadores da feira reclamavam do artesanato industrial e até mesmo dos fabricantes de bijuterias:

"Por enquanto, só o que não se vende aqui são frutas, verduras e legumes" — diz um expositor. "O resto é um vale-tudo". Camisetas, gravatas, cachorrinhos de astracã, almofadas de crochê, de pompons — todos produtos fabricados em série, sem qualquer preocupação artística, concorrem a preço mais baixo com o trabalho artesanal da minoria que permaneceu na Praça Zacarias, nas manhãs de sábado. Os responsáveis pelo que resta de artesanato na feira hippie estão fazendo as seguintes perguntas à prefeitura: a feirinha é ou não artesanal? O que tem a ver esculturas em madeira e trabalhos em prata com camisetas, toalhas e tapetes que são vendidos ao lado? Os artistas exigem uma fiscalização mais eficiente por parte da Fundação Cultural de Curitiba. (...) Os artistas argumentam que seu trabalho tem características facilmente identificáveis, principalmente quanto à originalidade. (O Estado do Paraná, 1º/12/1974. Grifo nosso)

Nessa direção, Wilson Guimarães, em entrevista à Luana Camargo, afirmou "Embora sempre houvesse as revendas [dos produtos industrializados], mas o objetivo sempre foi a essência, a feira de artesanato para os artesãos. **Nós fazíamos questão de buscar essa valorização como produtores**". Segundo o artesão, a fiscalização, nesse cenário conflitivo, é importante,

"para que as pessoas que realmente fazem o seu produto tenham o devido valor e oportunidade de comercializar seus produtos, porque não é justo, o camarada vai lá em São Paulo, compra um monte de coisinhas, vem e tira a oportunidade daquelas pessoas que estão se dedicando a semana toda, criando, desenvolvendo e fazendo seu produto". (Wilson Guimarães)

Essa preocupação com a preservação da proveniência artística-artesã dos artigos comercializados e expostos na Feira do Largo sempre esteve presente no processo

de expansão e popularização do evento. Segundo Wilson, a feira foi expandindo em tamanho, mas caindo em qualidade artística, ele afirma: "Acho que o brasileiro de modo geral também foi perdendo aquele conceito crítico de arte, de valorização de objetos exclusivos, e foi-se aceitando essa generalização".

Segundo publicação de O Estado do Paraná de 5 de julho de 1973, intitulada "Artesãos perdem mercado", os artesãos que vendiam e expunham seus trabalhos na Feira de Arte e Artesanato da Praça Zacarias e do Largo da Ordem naquele momento estavam enfrentando sérias crises financeiras que os estavam obrigando a procurar outros empregos ou fontes de renda em razão da forte concorrência de vendas com os produtos industrializados. A matéria ainda afirmou que:

Sem qualquer fiscalização para controlar a situação, qualquer um chega e vai vendendo seu produto, o que prejudica os verdadeiros artesãos. Com o artesanato industrial, o preço baixa violentamente e os artesãos manuais ficam com duas opções: uma é voltar para a casa com seu trabalho e a outra é vendê-lo pela metade do valor real. (O Estado do Paraná, 5/7/1973)

A situação caótica e de desamparo público aos artesãos retratada pela reportagem chama a atenção para a também oscilante presença de uma fiscalização satisfatória ao longo das décadas. Em muitas memórias de feirantes e matérias antigas da mídia, ora a fiscalização cumpre seu papel, ora é representada como deficitária e intensificadora da concorrência desleal com os artigos industriais fabricados em série e muitos, como Wilson afirma, em impressoras 3D comandadas por pessoas que as programam, mas não se envolvem e dominam inteiramente o processo criativo.

IDENTIDADE CULTURAL E ARTÍSTICA

Segundo Tania Mara Dias, a arte regional tem destaque entre as demais artes, ao considerarmos a influência que o meio externo pode exercer sobre as pessoas e suas produções culturais. E isso porque a arte regional abarca inevitavelmente um campo vivencial e simbólico eminentemente popular, em que motivos arcaicos e tradicionais interagem com o novo e o contemporâneo. Nesse sentido, segundo a autora, a produção artesanal e artística, popular e regional, expressa como as pessoas se veem, como enxergam e produzem discursos (textuais, materiais ou imagéticos) sobre o outro, sua família e comunidade. A produção cultural regional revela, portanto, segundo a autora, o processo criativo e adaptativo do fazer popular – refletindo autores, localidades, funções e manifestações estéticas.

Desde o século XVIII, o Largo da Ordem do Centro Histórico da cidade de Curitiba foi uma área de intenso comércio e de encontros artísticos e culturais populares e regionais. Quando se estabeleceu, a Feira do Largo da Ordem tornou-se uma área de intensa movimentação cultural, palco de atrações artísticas de música, teatro, literatura, poesia, desenho, malabarismos, truques de mágica, performances e intervenções espontâneas.

Todas essas intervenções compõem um território que cotidianamente construiu a memória dos sujeitos nela envolvidos, sejam os feirantes, frequentadores, tu-

33

ristas e/ou transeuntes da cidade. Paralelamente, é na memória desses mesmo sujeitos que a história da própria feira se construiu e se constrói. Como espaço de construção de memória, evoca sentimentos, emoções, afetos — bem como histórias pessoais, familiares e coletiva não somente de pessoas, mas também de objetos, técnicas e práticas artísticas e artesanais (GEORGE, PASSOS, 2021, p. 53).

Segundo Tania Mara Dias, ao focarmos em estabelecer uma identidade cultural para a arte e a intimidade artesanal regional, é preciso levar em consideração toda a diversidade de referências proporcionadas pela globalização e pela difusão cultural desenvolvida pela tecnologia da informação. A arte e o artesanato das feiras urbanas de Curitiba refletem seus mais tradicionais e característicos traços regionais, mas também estão permeados de artigos com pressupostos culturais globais. É fundamental lembrar que, em sua própria origem, a Feira do Largo era resultado da absorção e sincretismo cultural, dada a influência cultural internacional do próprio movimento *hippie*.

Nesse sentido, segundo Tania Maria Dias, em muitos casos o fato artístico e artesanal pode não coincidir necessariamente com o padrão cultural regional e local. Na produção artesanal e artística predominam desejos humanos profundos, que são evocados no momento da ação transformadora do mundo e da matéria. O irracional seria então aparentemente mais verdadeiro que o racional, por parecer mais presente, potente e ativo no processo criativo (p. 4-5). E justamente esse pressuposto irracional e de múltiplas identidades e referências, que em muito permeia o inconsciente coletivo que é afetado e tocado pelas diferentes manifestações e performances de arte e pelos diversos e diferentes artigos de arte, é o que torna uma feira de arte e artesanato urbana como a do Largo da Ordem um encontro multicultural, típico da globalização cultural e técnica.

A FEIRA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL

35

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com seu decreto nº 3551 de 4 de agosto de 2000, ampliou a visão institucional brasileira a respeito do conceito de patrimônio, incorporando o caráter dinâmico da percepção de relações sociais; tradições, usos e práticas tradicionais; culturas orais, rituais e festividades, como patrimônios imateriais — aqueles que constroem pontes coletivas entre passado e a contemporaneidade presente por meio da permanência de seus efeitos e manifestações culturais no decorrer do tempo.

Em 2018, a Feira do Largo foi reconhecida como patrimônio imaterial de Curitiba pelo Conselho Municipal de Patrimônio Cultural. O que significa um reconhecimento oficial das relações de comércio, consumo e trocas; dos afetos e identificações articulados nas relações sociais que compõem a feira; das memórias da cidade identificadas com o território e o evento da Feira; bem como das expressões, manifestações e apresentações artísticas e culturais que ocorrem e ocorreram na Feira — enquanto um emaranhado de relações, sentidos e significados sociais e culturais como patrimônio a ser zelado e regulamentado pelo Estado.

Atualmente, a Feira do Largo da Ordem reúne em torno de 1.300 pessoas mantenedoras do evento, entre artesãos, expositores e comerciantes de produtos artísticos, artesanais e industriais. São comercializados no espaço comidas e bebidas populares e típicas de povos de nacionalidades imigrantes, roupas, sapatos, bijuterias, acessórios pessoais e domésticos, decorações, antiguidades, plantas, móveis, relógios, cerâmicas, tecelagens, louças, brinquedos, livros, moedas, pratarias, discos, porcelanas, velas, pedras e incensos. Todos objetos que simbolizam memórias, identidades e histórias imateriais. Produtos que carregam saberes e ofícios apreendidos e transmitidos por uma ancestralidade de gerações por meio da cultura familiar oral, pela técnica e prática diária, e também por cursos de nível técnico, de graduação e/ ou especialização (GEORGE, PASSOS, 2021).

As feiras urbanas são territórios que apresentam e representam a imaterialidade de manifestações e tradições orais, de expressões e práticas artísticas e culturais, de saberes e fazeres tradicionais. São também espaços essencialmente políticos, de sociabilidades entrecruzadas, em que facetas de poder e de dominação se fizeram e fazem perceber e atuar. A Feira do Largo da Ordem em Curitiba é um cenário globalizado e multicultural, local de encontros, sociabilidades e conquista de muitas lutas, histórias de vida, histórias de ofícios e técnicas, histórias de resistência e cooperação entre pessoas que dedicam sua vida à arte, ao processo de criar e permear de beleza o mundo dos humanos.













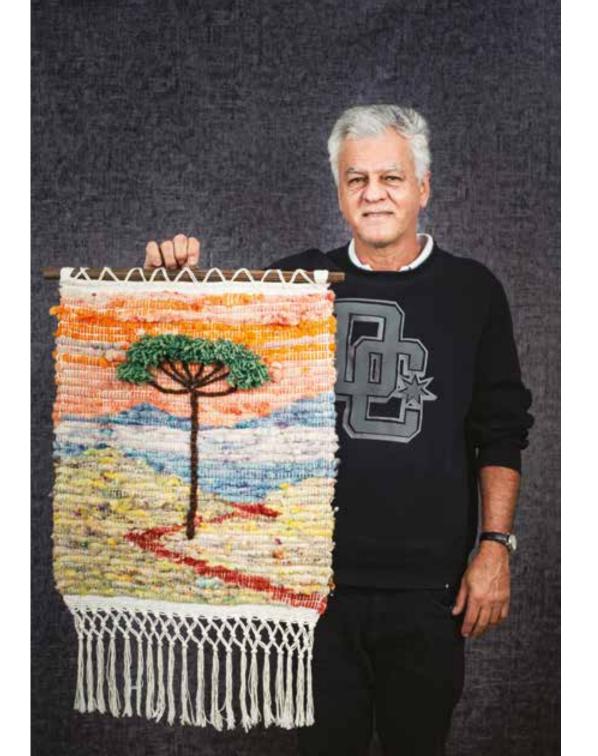












A ARTE ESTAVA ME CHAMANDO

René Scholz | tecelagem

Primeiro entrevistado de nosso trabalho, René é filho de Zélia Scholz, primeira artesã a receber um registro na Feira do Largo da Ordem. Falecida em 2021, nesse mesmo ano foi homenageada com o título de cidadã honorária da cidade, tendo René dedicado parte de nossa conversa à sua memória.

Minha mãe era mineira, de Jacutinga, nascida em novembro de 1931. Veio para o Norte do Paraná na década de 1940, mais ou menos. Eles vieram por conta das terras roxas, se mudaram pra Mandaguaçu. O Paraná teve esse processo de plantação de cafeicultura, né. As pessoas vão entrando, troca a terra que tem aqui, vende, com esse dinheiro compra mais. Então eles fizeram isso, eles vieram da cidade de Monte Sião, MG, cidade conhecida como a capital do tricô. Veja que a tradição têxtil já tava vindo desde lá. Já meu pai era da Lapa e se mudou pra Mandaguari, próximo de Mandaguaçu, pra abrir uma rádio, chamada rádio Guairacá. Minha mãe conheceu meu pai pela voz. Uma vez, visitando uma irmã que morava em Mandaguari, minha mãe foi até a farmácia de seu cunhado, que ficava embaixo da rádio Guairacá. Ela contava a história de que meu pai foi entrar na farmácia mas, por ficar olhando muito pra ela, acabou batendo a cabeça no toldo, daí começaram a rir e foi assim que começaram a conversar. Depois namoraram e em 1955 se casaram, e no ano seguinte começaram a nascer os filhos, até que o último nasceu em 1967. (Fala de René, trecho transcrito de entrevista, 2021)

René seguiu traçando seu próprio caminho, mas seguindo também os frutuosos passos

Minha bisavó já era tecedeira de tear grande, tear de pedal, a gente chamava ela de "Mãe Pai Chico", porque era esposa do "Pai Chico" – meu bisavô –, viviam em Minas Gerais. Na tecelagem as pessoas vão pra algumas especializações. Minha bisavó fazia peças grandes, colchas e cobertas. Minha avó, filha da bisa, era especializada em fazer os fios e, quando minha mãe completou seus 12 ou 13 anos, foi levada por minha avó pra aprender o ofício com minha bisavó. Eu aprendi a tecer por volta de 1972, com a mesma idade que minha mãe aprendeu e também com minha bisavó. Dentro do grupo de tecelões da minha mãe, eu me especializei na urdidura, minha mãe investiu nisso porque precisava de alquém que colocasse fios nos teares, então eu aprendi a urdir e só depois viria a aprender a tecer. Um dia, quando minha bisavó veio à Curitiba, minha mãe pediu pra ela fazer um Bacheiro, uma peça feita em lã de carneiro e que se usa embaixo da sela do cavalo. Nessa época minha mãe já tava produzindo lã. Daí minha mãe mandou um marceneiro fazer um tear para minha bisavó, um tear vertical grande, como se fosse um guadro, a gente chama de tear primitivo. Então minha bisavó veio à Curitiba e minha mãe pediu pra ela fazer uma peça específica, nessa época minha mãe já tava produzindo lã de carneiro. E ali ela começou, fez a urdidura e eu fiquei junto o tempo todo olhando aquele trabalho. Dos seis filhos de minha mãe, eu fui o único que me sentei ao lado da bisa pra aprender. Ela começou a tecer e é uma tecelagem bem devagar, é como um bordado, você vai amarrando nó por nó, são no mínimo uns cinco mil nós pra fazer uma única peça toda desenhada, fica um desenho muito bonito. Então foi ali que eu teci pela primeira vez, tinha por volta de 11 ou 12 anos de idade. Comecei fazendo um tapete, quardo essa peça até hoje. (Fala de René, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Artesão profissional que veio de uma distante área de atuação, conta que foi em 1984 que tomou a decisão de seguir nessa carreira, conseguindo sua própria licença para expor na Feira do Largo em 1985 e, desde então, permanece com sua barraca no mesmo local, na esquina da Rua do Rosário com a Feirinha. Apesar de ter ingressado na Feira apenas na década de 1980, sua história na capital paranaense teve início em 1971, quando ele e seus irmãos vieram do interior do Paraná para estudar. No decorrer dos estudos se tornaram alunos da ETFPR, a Escola Técnica Federal do Paraná. Cada irmão escolheu um curso e René ingressou no curso técnico em eletrônica, do qual saiu quando conseguiu aprovação no curso de Engenharia Eletrônica no antigo CEFET, atual Universidade Federal Tecnológica do Paraná.

Apesar de distante, era um trabalho com fios também, não deixava de ser. Figuei três anos estudando Engenharia Eletrônica até chegar uma hora em que me aborreci demais, falei "ah não, chega, isso aqui eu não quero pra minha vida inteira, 43 vou ficar louco". Chegou um momento em que eu tava guerendo fazer teatro. Lá na escola técnica temos muitas possibilidades, tinham as atividades extraclasse, aproveitei bastante. Eu entrei na natação, daí fui pro diretório, fui pra banda, e terminei no teatro, parece que a arte estava me chamando, sempre. Minha mãe era artista todo esse tempo, eu também era, sempre fui artista, mas aquele ramo me oprimia, então chegou um momento em que falei "não, eu vou trabalhar com tecelagem!". Tinha até um rapaz da Feira, ele passava sempre na barraca enquanto eu tava ajudando minha mãe, ele passava e falava "René, você tem uma responsabilidade enorme, você tem que manter esse trabalho porque isso é importante, é histórico, é milenar". Aquilo ficou latente em mim, eu sempre vendo, eu vinha ajudar minha mãe, aí ela fazia roda desfiar, ela ia descansar eu ficava ali trabalhando, e a roda ela tem um poder atrativo muito grande. Minha mãe sempre foi muito paciente, passavam as pessoas, ela sempre explicava tudo. E daí eu fui aprendendo junto, sabe?! Tudo que eu sei de tecelagem, foi assim que aprendi, é uma coisa chamada de fato folclórico. (Fala de René, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Nesse período em que saiu do curso de Engenharia Eletrônica e ingressou no ramo da tecelagem, também deu início a uma comunidade, a qual chamavam de "comunidade alternativa urbana". Explica que buscavam fugir do mercado tradicional, "um bando de hippie pensando fora da caixinha", como conta, partindo em busca de uma casa para locar e por meio dela estruturar o pretendido trabalho alternativo.

Conseguimos uma casa e então falei pra minha mãe. Ela ficou triste, mas mesmo assim me deu uma máquina de costura e um tear antigo. Fico emocionado lembrando, me dá vontade de chorar, ela apostou em mim, entende? A gente sempre foi uma simbiose, eu ajudando ela, ela me ajudando. E eu ajudando as pessoas que tavam em volta, ela dava empregos para os outros também. Minha mãe sempre trabalhou com muita gente. Perto de casa tinha a Hospedaria de Imigrantes, este local recebia pessoas que vinham do interior, principalmente, e que ainda estavam chegando em Curitiba, ela ia lá e oferecia serviço pro pessoal, daí começou a vir gente que ela foi aglutinando, pessoas que eram artesãos, gente que tava aqui sem conseguir nada, já vinha com a gente e aprendia o serviço. Tem muitos tecelões que aprenderam e herdaram a tecelagem da minha mãe. Era uma atividade ramificada, era rizomático, bonito isso, né? E ainda continua. O fenômeno que você aprende por osmose, não precisa fazer força, a coisa vai introjetando. É uma escola informal, uma escola que você aprende fazendo, isso é importante. (Fala de René, trecho transcrito de entrevista, 2021)

> Nesse período começou a ministrar cursos de tecelagem no parque São Lourenço, ficando mais de quatro anos no Centro de Criatividade de Curitiba. Quando ingressou na Feira já estava casado com sua ex-companheira, Dorotéia, que permanece sendo sua sócia até hoje. Ela atua no departamento de vendas e René atua no departamento de produção, explica. Para ele, a tecelagem não é um fenômeno isolado, pois "é muito difícil trabalhar no ramo sozinho", sendo como uma cadeia produtiva, envolvendo e empregando muita gente. Durante esse período

se formou na primeira turma da Faculdade de Artes do Paraná, antiga Faculdade de Educação Musical do Paraná, tendo iniciado em 1994 sua carreira de professor concursado do estado do Paraná. Em 2017 obteve o título de mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná, com dissertação versando sobre a Rádio Escola São Francisco, instalada no Centro de Socioeducação São Francisco, projeto que dirigiu por cinco anos.

> Nesse înterim, em 2002, comecei a desenvolver o Pequeno Museu da Tecelagem. Um site destinado a pesquisar, registrar e divulgar a tecelagem artesanal no Brasil e no Mundo. Essa arte não é ensinada nas escolas formais. Sempre depende de iniciativas de professores particulares que sempre cobram para ensinar. Minha ideia foi tornar acessível esse conhecimento à comunidade em geral, através da reunião de documentos, livros, vídeos e toda informação que puder circular no meio digital. Já são vinte anos desse museu e eu converso com o mundo inteiro, tem gente de 45 todo local conhecendo a página e conversando em grupo sobre tecelagem. Acabou virando um "pequeno" grande museu. A mesma ideia estou aplicando ao site "Museu virtual da Feira do Largo da Ordem", no qual tenho trabalhado nos últimos anos. (Fala de René, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Além de sua atuação como tecelão e professor, René também pôde, a partir de sua formação técnica, conhecer e aprender sobre um outro lado da arte têxtil. Sua primeira experiência como técnico têxtil artesanal foi ainda durante a faculdade, trabalhando durante dois anos para o Museu Paranaense. Conta que recebeu o convite por, durante uma aula, ter percebido que o tear exposto no Museu estava montado de forma errada. Assim, a partir dessa primeira oportunidade, permaneceu durante todos esses anos atuando também como técnico têxtil, "técnico de uma tecnologia antiga", como explica. Descobriu um nicho de mercado e pôde viajar por todo o Brasil sendo contratado para essa função específica que, segundo sua impressão, é carente de profissionais. Hoje, completando

quase 30 anos de atuação com a educação de jovens infratores e tendo, inclusive, viajado o mundo por conta de uma premiação com seu projeto de tecnologia social, René permanece acompanhando o desenvolvimento da Feira do Largo da Ordem por meio de sua tradição familiar.

Tem muita coisa aqui na Feira que é coisa tradicional, que vem com história, sabe. A minha mãe me deu essa consciência, dessa responsabilidade de manter e fazer essa transposição de uma geração pra outra, sabe, de carregar, como se fosse uma corrida. Pego uma coisa aqui e pego lá na frente. Acho que é isso. Eu tenho quatro filhos e todos eles sabem fazer esse trabalho também, porque é até uma coisa meio genética, você acaba aprendendo. Eu acho que no momento que eles precisarem, se um dia precisarem, eles vão ter isso como uma ferramenta, como uma válvula de escape. E pode acontecer como aconteceu comigo, de chegar um momento, após muita persistência, e de repente entender que aquele não é seu lugar. A coisa me chamou muito forte. Talvez aconteça isso com eles também, talvez não, só o tempo vai dizer. (Fala de René, trecho transcrito de entrevista, 2021)



MEU SENHOR DEUS, GRAÇAS TE DOU QUE UM DIA O PAI DISSE PARA VIR PARA O BRASIL

Maria Laskowski I motivos ucranianos

Conhecemos Maria em um dia azul na Feira do Largo da Ordem. "Senhora", não; apenas Maria, como gosta de ser chamada. Ela e sua irmã Nádia trabalham na Feira com peças de motivos ucranianos: "louças, não; porcelanas bonitas", como enfatiza. A barraca pertence à família há mais de 20 anos, sendo Nádia, irmã mais nova, a artesã responsável pela produção de todas as peças, enquanto o atendimento fica

> A profissão de artesão é uma coisa muito maravilhosa. Foi muito bom para Nádia e foi muito bom para mim ver ela fazendo porcelanas lindíssimas. Ela prosperou e foi muito marcante para nossa vida. A Feira é uma coisa muito boa porque a gente se comunica e a comunicação aumenta a sabedoria, eu já me comuniquei com tanta gente, tanta gente boa. (Fala de Maria, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Embora Maria tenha iniciado na Feira há 4 anos, são décadas frequentando e aprendendo, sobre e com a Feira. Vendo como a irmã arrumava, atendia e manuseava certas tecnologias ainda distantes, Maria foi conhecendo e se aproximando do fazer da irmã. Além da Feira do Largo da Ordem, Nádia também trabalha em Papanduva/SC, reduto ucraniano. Em certo fim de semana Nádia precisava de ajuda, precisava que alquém a substituísse na Feira do Largo e, assim, Maria fez sua primeira diária de trabalho na Feira:

Daí eu comecei assim, e domingo após domingo fui fazendo uma amizade muito bonita, muito grande, uma maravilha. Tenho amigos na Feira e fora da Feira, tenho amigos pelo Brasil e pelo mundo, todas amizades feitas na Feira. Fui fazendo um colar de amizades. O povo da Feira é muito maravilhoso, eles são amigos de verdade, uma maravilha, vizinhos que se gostam sinceramente, é muita amizade.

O povo gosta muito do artesanato ucraniano, que é louça bonita. Louça, não; porcelana bonita. Volta e meia vem gente de longe, da Ucrânia, Montes Urais, Polônia, nós atendemos muita gente. Uma vez um pessoal na minha barraca começou a conversar baixinho em russo, não sabiam falar português. Quando eu escutei, disse assim: "vocês entendem ucraniano? porque eu entendo russo". A moça abriu os olhos e o sorriso. Assim a gente se entendeu, ela falava em russo e eu em ucraniano. Eu amo isso, é um laço de amizades, e eu guardei o contato de todos. (Fala de Maria, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Nascida na Ucrânia, em plena guerra, Maria chegou ao Brasil em 1949 com oito anos de idade. Conta que seus pais pegaram, de carroça, uma rota para fugir: "ou morre, ou leva os filhos para a liberdade", explicou. Pais de oito filhos, viram a morte de um deles quando levado para guerra, morrendo em sua primeira batalha, dentro do tanque. Outros dois, um menino e uma menina, foram levados para Alemanha também jovens. Assim, com cinco filhos e fugindo da guerra, caminharam até a Alemanha, onde foram mandados para trabalhar em um sítio.

Eu tinha meus quatro aninhos e eu me lembro disso, eu andava numa bicicletinha de uma alemãzinha na roça, me lembro do plantio de ervilha, me lembro do dia em que terminou a guerra que entraram tanques americanos, lembro de famílias jogando flores. Quando a guerra acabou nos tornamos refugiados. Em 1945 fomos pra região ocupada pelos estadunidenses, onde reuniram todo o povo que já estava peregrinando, escapando da morte. Eles ajudaram todo esse povo, deram vacinas,

deram banho, deram roupa. Colocaram nos quartéis da Alemanha e deram para cada um uma função, não ficava ninguém ocioso. Quem era pequeno tinha que ir para a aula, que é o meu caso, fui e estudei ucraniano. Dos meus irmãos, um foi para o exército norte-americano e o outro foi fazer cursos de ofício. Depois cada um escolhia para onde queria ir, faziam a papelada e levavam. Meu pai escolheu o Brasil. Em 1949 nós entramos no Brasil com documentação, tudo ajeitadinho, com um pouquinho de cruzeiros e com serviço em uma fazenda de café no estado de São Paulo. Assim nós chegamos nesse país maravilhoso que é o Brasil. Cada um que veio de lá tem uma história diferente regada com lágrimas, com choro, com fome, com frio. (Fala de Maria, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Maria e os irmãos ficaram órfãos de pai e mãe logo que chegaram, ficando com os irmãos mais velhos a responsabilidade de cuidar de Maria e Nádia. Quando as irmãs ainda eram bem jovens, começaram a trabalhar em uma fábrica: "a gente veio e não tinha estudo, tínhamos o aprendizado de ler, escrever e fazer contas. Não tivemos a possibilidade de trabalhar em outro lugar a não ser a fábrica". Em sua juventude, Maria trabalhou em uma fábrica de doces, uma fábrica de móveis, uma feira verde e, com 18 anos, decidiu aprender a arte da costura.

Eu já tinha uma máquina de costura que meu pai comprou com grande dificuldade antes de morrer, deixou pra mim. Assim eu comecei, costurava de tudo, daí quando surgiu a máquina de tricô manual, eu e a Nádia compramos uma. Fizemos de tudo para não pedir pão para os outros, para ter o nosso pedaço de pão. Mais tarde eu tive uma malharia com máquina maior, máquina industrial, trabalhei até me aposentar. (Fala de Maria, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Em 1992 descobrem que seus irmãos que haviam sido levados à Alemanha ainda jovens conseguiram retornar à Ucrânia anos depois. São informadas de que o irmão teve três filhas e já havia falecido, mas que a irmã Olga ainda estava viva. Enviaram uma carta endereçada à casa de um tio, recebendo na resposta o endereço da irmã, retomando assim o contato familiar.

Pensamos "Como faremos para trazer ela? Vamos mandar a Maria!". Juntamos um dinheirinho e eu fui para a Ucrânia. Eu fui e trouxe minha irmã, ela viveu 15 anos com a gente. O outro irmão que também foi enviado para a Alemanha, voltou e construiu família, e hoje eu me comunico com uma filha dele. Uma coisa que só dá em filme, mas os filmes também vêm da vida real. (Fala de Maria, trecho transcrito de entrevista, 2021)

52

Finaliza nossa conversa contando como ama o Brasil. Disse que apesar de ter nascido na Ucrânia, lugar que conheceu pouco, vê pela televisão e o coração bate com as músicas, porém se considera brasileira e reforça que o Brasil é um lugar maravilhoso de se viver.

Então deixa eu te falar, eu amo o Brasil, eu digo assim "meu Senhor Deus, graças te dou que um dia o pai disse para vir para o Brasil" porque o Brasil não tem guerra, o brasileiro recebe o estrangeiro de coração aberto. O pai trouxe a gente para liberdade e para um lugar onde você joga a semente e colhe a comida. (Fala de Maria, trecho transcrito de entrevista, 2021)





A GENTE TRAZ UM DOM, CADA FAMÍLIA TEM UM, O MEU É ESSE Linda Grabowski i biscoitos artesanais

Como uma cozinheira de mão cheia, a história de Linda com a produção de alimentos tem início muito antes da Feira, onde atua há 42 anos. Com dois filhos pequenos e sem emprego, a mãe de Linda ficou viúva ainda muito jovem. Mãe solo e sem perspectivas de futuro, precisou deixar as crianças com uma tia para poder ir em busca de emprego como doméstica.

Comecei a trabalhar com 12 anos, como babá, cuidava de crianças. Assim eu fui indo, trocando de emprego e também de casa, porque eu não tinha uma morada fixa. Até que um dia fui parar na casa de uma família onde fiquei trabalhando de cozinheira por oito anos. Quando me casei continuei trabalhando lá por mais um ano, mas daí eu engravidei de gêmeos e tive problemas na gestação, precisei sair do emprego. E depois de nascidos, como é que eu ia trabalhar fora com filhos gêmeos pequenos? Não trabalha, né, não tinha onde deixar meus filhos. Eu acho que hoje as mulheres são mais felizes, porque hoje tem creche, tem assistência do governo, a gente não tinha nada. Eu precisava achar um jeito de custear a educação das crianças, meu marido ganhava pouco, então precisava ajudar no sustento da família e cuidar dos meus filhos. (Fala de Linda, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Com a falta de creches na época e a dificuldade de encontrar um lugar para deixar seus filhos, Linda precisou sair do trabalho para poder cuidar dos pequenos. Tentou por um tempo se firmar fazendo algumas costuras, entrou em outra casa de família, mas sempre com muita dificuldade por não ter com quem deixar seus filhos. Vendo sua dificuldade, a antiga patroa (da família para qual trabalhou por oito anos) tentou ajudar marcando um chá para que amigos pudessem conhecer os biscoitos que Linda produzia e que eram famosos na família.

Eu aprendi o biscoito de papoula com a mãe do meu chefe, na casa em que trabalhava. Lá também aprendi o de castanha, eles tinham uma receita boa. Os outros eu fui elaborando, fui pegando receitas e modificando, arrumando, acrescentando, fui fazendo assim. Mas nessa ocasião minha patroa foi muito boa vendo meu desespero, ela me disse "você faz biscoito muito bem, eu vou fazer um chá na minha casa e vou oferecer os biscoitos". Então ela me deu um bloco enorme de encomendas, todo mundo que foi no chá dela queria meus biscoitos. Daí eu fui fazendo, mas eu não tinha nada, não tinha nem forno industrial, nada. Mas apesar disso consegui um dinheiro bom, esse chá que ela fez me rendeu um futuro. (Fala de Linda, trecho transcrito de entrevista, 2021)

> Com o dinheiro dos biscoitos Linda e seu esposo conseguiram construir uma casa e, em algum tempo, compraram um carro – o que foi fundamental para que começassem a trabalhar na Feira do Largo da Ordem –, já que o terreno em questão era muito distante.

Como eu não tinha ninquém para cuidar dos meninos, resolvi continuar fazendo os biscoitos e arrumei um lugarzinho na Feira, para poder cuidar das crianças durante a semana, enquanto produzia os biscoitos e enquanto meu marido trabalhava fora. Daí no domingo, com o carro que compramos, meu marido me trazia pra Feira e voltava pra casa pra cuidar das crianças, era o dia dele, assim sempre fiquei sozinha na Feira. Vim pra Feira porque eu precisava achar uma alternativa pra poder cuidar dos meus filhos e me foi muito útil. (Fala de Linda, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Linda começou expondo no chão, sem barraca, apenas com uma mesinha adaptada para comportar um quarda-sol. Ficou assim por quatro anos até conseguir sua primeira barraca, mas continuou enfrentando de tudo: "eu vinha até com temporal e com muito frio, e vendia muito mesmo assim". Me explicou que acredita que o propósito da Feira é dar a chance de pessoas artesãs exporem seus trabalhos e gerarem renda através deles, e completa dizendo que "artesanato é feito por pessoas, com pessoas, com as mãos, com o conhecimento que cada um tem. Artesanato é isso, fazer com amor, com as mãos".

> Minha irmã me ajuda com os biscoitos, ela me ajuda na pesagem e na limpeza. Hoje eu cozinho sozinha, mas antes a minha mãe me ajudava, ela é cozinheira e sempre trabalhou de cozinheira nas casas, então tem mais facilidade de aprender. Eu que ensinei ela a fazer os biscoitos, aprendeu rápido porque tem o dom para cozinha. Cada família tem um dom, a gente traz um dom, alquém herda um dom, o meu é esse. Teve uma época que meus meninos me ajudavam, inclusive depois que o irmão nasceu – com 10 anos de diferença –, mas não pegaram porque quiseram fazer sua história, mas todos estão bem e isso é o mais importante de tudo, conseguir que seus filhos figuem bem. (Fala de Linda, trecho transcrito de entrevista, 2021)

57

O que Linda mais gosta na Feira — segundo suas palavras — são os seus fregueses, alguns são clientes fiéis há mais de 40 anos. Gosta da freguesia em si, gosta de atender e ver que voltam, porque se voltam, gostaram.

Teve um domingo de Feira em que um senhor veio passear e parou na minha barraca. Provou os biscoitos, gostou e comprou tudo pra vender na loja dele. Ele começou a passar na Feira e levar todos os pacotes, eu não conseguia fazer muito e ele levava tudo, eu ficava sem nada pra vender na Feira. Isso me fez começar a produzir mais, para ele e para Feira, aí então fui me equipando, comprando fornos para conseguir fazer mais. São 40 anos de parceria com esse senhor, e 40 anos é uma vida inteira. (Fala de Linda, trecho transcrito de entrevista, 2021)

58

Além disso, também contou sobre as amizades que construiu durante suas décadas de Feira do Largo da Ordem. Amigos feirantes, amigos fregueses. Questionada sobre as maiores marcas que a Feira deixou em sua vida, ela comentou sobre as amizades feitas e sobre as amizades perdidas, as pessoas perdidas. Memórias na Feira regadas de emoções e afetos.

Nunca imaginei que ficaria tanto tempo na Feira. Meu marido que diz "a tua Feira é tua vida", porque vivo em função da Feira. Pra vir aqui no domingo eu trabalho a semana inteira, conciliando tudo: trabalho e família. Eu gosto muito de fazer biscoitos e não sou ambiciosa, porém sou exigente, meu produto precisa ser excelente. A Feira me deu tudo o que eu precisava. Minha maior conquista na vida foi ter conseguido educar três filhos que hoje estão bem, fiz 50 anos de casada e a família sempre seguindo em frente. (Fala de Linda, trecho transcrito de entrevista, 2021)





É MINHA HERANÇA, NÉ, É MINHA HERANÇA

Dolly Villanueva | artesanato em couro, pedras naturais e metal

Com o semblante e o espírito joviais, é difícil acreditar que uma moça tão nova esteja na Feira há quase 40 anos. Ela faz parte do grupo de feirantes que cresceu na Feira e a viu crescer também. Filha de artesã e feirante, Dolly acompanhava sua mãe na Feira do Largo da Ordem desde muito pequena e passou toda a sua vida nesse ofício que aprendeu ainda na infância.

Tenho muita lembrança da infância nas feiras, minha mãe fez outras antes de vir pro Largo. Me lembro quando eu era criança, correndo com meus amigos e brincando aqui na praça Garibaldi. Ainda tenho esses amigos, continuam aqui também, a gente era tudo criancinha. Eu vinha todo domingo com a minha mãe, ela vendia bolsa de couro, pedras, cintos, colares. Aprendi tudo com ela, cresci já no ateliê, vendo as coisas, aprendi vendo ela fazer. Fui tomando gosto e criando as minhas próprias peças. Com 10 anos eu já ajudava a produzir o artesanato e a atender, ficava do ladinho dela. Meus quatro irmãos também ajudavam na barraca, vínhamos todos ainda pequenos. Não é à toa que todos os meus irmãos são comerciantes, pegaram o gostinho pelo atendimento, e eu trabalho com a Feira, fiquei com o artesanato. (Fala de Dolly, trecho transcrito de entrevista, 2021)

A trajetória de Dolly é, em partes, semelhante às trajetórias de muitos outros feirantes que cresceram na Feira e herdaram as barracas de seus pais. A turma de crianças desse período se mantém, em grande medida, até hoje. As crianças cresceram e se tornaram as responsáveis pelos espaços conquistados por suas famílias e, em muitos casos, o artesanato permanece o mesmo, revelando a simbologia das tradições, memórias e afetos que compõem essas heranças familiares.

Uma lembrança que eu quardo pra vida toda é o dia em que vim pra Feira sozinha com 12 anos. Minha mãe estava doente, de cama, não podia andar e me avisou que não viria pra Feira. A Feira era nosso sustento, então pequei a mochila dela, arrumei alguns materiais, saí sem ela ver e andei de ônibus sozinha pela primeira vez. Eu lembro até hoje, eu com a mesinha ali, no sol quente arrumando os produtos da minha mãe. Lembro que não consegui montar a barraca, mas eu sabia vender, sabia dar troco. Lembro que passou uma fiscal perguntando: "Quem é aquela menina ali?", daí eu falei: "Ah, minha mãe tá ali, ela já volta". Se eu visse alquém perguntar, já falava: "Minha mãe saiu". A gente tinha que ser esperto desde pequeno. Na volta eu me perdi, não sabia voltar pra praça onde pegava o ônibus, mas me virei e pedi informação na rua. Chequei em casa naquele dia, nunca esqueci, minha mãe tava na cama doente, eu pequei minha pochete de dinheiro e abri, falei: "Olha, mãe, olha o que eu vendi", ela não acreditou. Chequei com um maço de dinheiro em casa, nem sei como. Eu tinha um diário na época e escrevi tudo nele: "Saí de casa sozinha, andei de ônibus e fiz muita venda", essa é uma história que nunca vou esquecer. (Fala de Dolly, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Mãe solo de cinco filhos, Schuesty – mãe de Dolly – criou a família com o sustento que a Feira proporcionou. Dolly contou sobre as dificuldades que enfrentaram, de ver sua mãe sozinha fazendo todo o possível, carregando a barraca pesada nas costas – pois não tinha carro –, montando tudo e assim educando os filhos.

Lembro também que, como somos em vários filhos, a gente não podia comer um x-salada, era só pão, era só o básico, e assim eu aprendi a dar valor. Foi muito bom poder vir junto pra Feira com minha mãe, poder ajudar no trabalho, aprendi a valorizar a vida, dar valor às coisas. Minha mãe foi uma guerreira, criou cinco filhos sozinha só com a Feira e me passou o legado. (Fala de Dolly, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Com 16 anos, com a mãe a acompanhando às vezes, Dolly assumiu sozinha a barraca. Conta que, como já expunha suas próprias produções, seus próprios produtos, sua mãe a comunicou que a partir daquele momento ela ficaria com a Feira, assumindo seu lugar: "Já ficou minha barraca, meu espaço, as minhas coisas. Daí desde então não parei mais, me empolguei. É minha herança, né, é minha herança". Aos 30 anos Dolly decidiu fazer faculdade, integralmente paga com a Feira: "Tudo o que eu conquistei foi com meu artesanato, tudo saiu da minha mão". Hoje é dona de um ateliê no qual atende durante a semana, mas enfatiza que apesar das outras formas de venda — como a internet e até mesmo outras feiras — "o Largo é completamente diferente, é outra energia, outro público". Conta que o que mais gosta na Feira é de conhecer pessoas e, o mais gratificante, receber clientes dez anos depois e eles estarem utilizando suas peças ou contando histórias sobre elas.

Eu lembro de cenas: quando eu cresci na Feira, depois engravidei e tive meu filho, trazia ele junto, amamentava ele pequenininho ali na barraca. Isso me lembra eu e a minha mãe. Meu filho desde os quatro anos ficava nas barracas, indo nas barracas dos vizinhos, todo mundo conhece ele desde bebê. Quem também conheceu minha mãe sempre fala: "Nossa, eu vi você no colo da tua mãe e teu filho no teu colo, logo é ele aqui". Me sinto orgulhosa, sabe, por ter vivido tudo isso. Eu cresci aqui na Feira do Largo, acompanhei minha mãe, já sou outra geração na Feira. Agora, conversando com você, eu até me emociono, dá vontade de chorar. Começam a vir todas as lembranças, os momentos bons, os momentos difíceis. Desde criança, sabe, desde criança. (Fala de Dolly, trecho transcrito de entrevista, 2021)





SEMPRE FOI UM TRABALHO FAMILIAR

Angela Coraiola | pinturas orgânicas em banquetas de madeira

Com três filhos jovens, Ilza – mãe de Angela – foi a precursora do artesanato na família, tendo no sangue o "espírito empreendedor" que, segundo a filha, é algo que a tomou também. Responsável por apresentar o universo das feiras à família, Ilza apostou em uma melhor condição de vida trabalhando com o artesanato. Ela acertou.

Nossa história com artesanato começa com a minha mãe e seu espírito empreendedor. Trabalhou para sustentar a família durante muito tempo no comércio, mas devido a seu grande interesse na feira da praça Rui Barbosa, começou a fazer muitos cursos de artesanato. A gente viu o artesanato e as feiras como uma grande oportunidade. Eu tinha 14 anos quando comecei, então são quase 40 anos de feira porque ela envolveu toda a família desde o começo, sempre foi um trabalho familiar, sempre cuidamos de um negócio familiar. Eu fui desenvolvendo habilidades junto, meus irmãos também, quando não estávamos na feira estávamos ajudando ela a produzir. Como não tínhamos carro, saía todo mundo junto pra ajudar a carregar as bolsas enormes cheias de produtos, caixas pesadíssimas — isso me marcou bastante, doía pra caramba —, e ainda expúnhamos no chão sem estrutura nenhuma. Minha mãe foi com a cara e com a coragem, e a gente trabalhou muito, mas isso nos fortaleceu, eu sempre aprendi que o trabalho dignifica. As coisas vão se estruturando, vão se ajeitando. (Fala de Angela Regina, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Com 18 anos consegui meu registro pra trabalhar na Feira do Largo, e era uma coisa muito importante para nós enquanto economia, enquanto setor, todos trabalhávamos e nos sustentávamos com o artesanato na Feira. Quando eu cheguei e consegui a licença pra expor, ainda não tinha um local pra expor. Então eu tinha que chegar cedo e esperar até dar um horário suficiente pra entender quais feirantes tinham faltado, pra então a gente poder montar nossas coisas em algum espaço que tinha sobrado. Na época era tanta correria que não dava nem tempo de a gente se situar, de entender o quão importante é a Feira, tudo o que ela representa culturalmente. (Fala de Angela Regina, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Passado um tempo, Angela se casou e, com alguns anos de diferença, teve três filhos. Aponta o artesanato como a possibilidade de não apenas conseguir uma boa condição de vida, mas poder estar presente na criação e no crescimento de seus filhos.

Eu tomei isso para minha vida porque via muito retorno e satisfação, mas na época em que liberaram as importações de produtos da China houve uma quebra muito significativa nas vendas de artesanato, nós sentimos muito isso. Mas eu insisti em continuar trabalhando com artesanato porque eu quis ser "mãe integral" dos

meus filhos, cuidar deles, eu não quis ir trabalhar fora e arriscar deixar meus filhos com outras pessoas, eu quis isso pra minha vida. Assumi isso como meu trabalho e optei por poder cuidar deles, acompanhar tudo. O artesanato, trabalhar por conta, me proporcionou muito disso, essa vivência que eu tive com eles. (Fala de Angela Regina, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Hoje, divorciada e cultivando uma madura relação de amizade com o pai de seus filhos, narra com gratidão a participação que ele teve em sua trajetória como artesã, fazendo questão de citá-lo como um importante colaborador e incentivador de sua vida profissional.

Uma pessoa que me ajudou muito, muito, muito na questão do artesanato foi o meu ex-esposo, ele faz parte da minha história, me deu muito apoio na Feira. A gente sempre vinha juntos, então sempre foi uma questão muito ligada à família, meus filhos pequenos também vinham, ajudavam a atender, a gente acaba envolvendo as crianças. Antes eu trabalhava com produtos que dependiam muito do meu ex-esposo, então quando nos separamos eu me senti perdida. Daí um amigo me indicou esse tipo de trabalho que faço hoje, resolvi tentar e amei. Encontrei minha paixão. É interessante isso, né? Quando você deixa ir, quanta coisa pode acontecer. Levei 40 anos pra encontrar minha paixão no artesanato. Saí da minha zona de conforto, me desafiei e descobri essa paixão. Tenho muita satisfação, muita, muita. (Fala de Angela Regina, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Em seus relatos, Angela também traz o impacto da pandemia da COVID-19 na vida dos feirantes. Para ela, além do lado econômico, a falta da Feira afeta diretamente nas corriqueiras alegrias da vida. Os elos construídos são fatores de imensa importância e são citados em todas as entrevistas que realizamos com os mais de vinte feirantes. "Fez falta porque é nosso trabalho, mas fez mais falta ainda porque é a nossa praia", completa.

A Feira vai fazer cinquenta anos e hoje, nós que somos peças formadoras da Feira, entendemos a importância dela para Curitiba no setor econômico, mas muito mais pelo cultural. É tão gostoso você estar passando pela Feira e ouvir o chorinho, poder parar e apreciar, descer um pouquinho mais e passar pelo Memorial de Curitiba com suas apresentações, mais tarde poder assistir ao menino que estará ali tocando vários instrumentos musicais, ao lado contemplar a estátua viva. São tantos personagens que compõem essa feira de forma cultural, é tão importante eles estarem aqui conosco, torna essa Feira muito rica. (Fala de Angela Regina, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Por fim, traz as sutilezas do dia a dia de quem é artesã e constrói esse patrimônio cultural, apontando não só sua importância em nível pessoal, mas mostrando uma perspectiva coletiva acerca do impacto dessa manifestação sobre seu povo.

Eu me sinto muito privilegiada por ser artesã, agradeço a Deus por isso. O artesanato tem uma ancestralidade, é dos primórdios da humanidade, o artesanato carrega uma história. Eu ainda tô aprendendo, o artesanato é uma coisa tão bacana que você vai descobrindo jeitos e técnicas, é com o tempo que você vai aprimorando, colocando a sua impressão digital ali. Ser artesã e poder trabalhar na Feira é um privilégio. A Feira é referência de trabalhos bem-feitos, é formada por artesãos que capricham em todos os quesitos de material e acabamento. Pra quem mora aqui na cidade, é muito valioso o elo com o "seu artesão", aquele profissional de referência e confiança. Por isso e tantas outras coisas a Feira do Largo se tornou amada, ela é a queridinha de Curitiba. Prova disso é todo esse movimento, tanta gente vindo apreciar tudo que essa Feira tem de riqueza na questão cultural. A Feira é uma preciosidade para o curitibano, aqui todos são bem-vindos, é maravilhoso por suas particularidades e peculiaridades, por todos os sotaques que escutamos aqui. (Fala de Angela Regina, trecho transcrito de entrevista, 2022)





A GENTE TEM QUE VIVER PARA TER HISTÓRIAS

Angela Hasselmann | artesanato em MDF

Integrando o vasto grupo da velha guarda da Feira do Largo da Ordem, conhecemos Angela com seus 46 anos de Feira, tendo começado nela durante a gestação de seu primeiro filho. Conta que na sua época de solteira sempre trabalhou fora e, após se casar e engravidar, percebeu que não conseguiria mais se encaixar no mercado de trabalho. A Feira representou para Angela e para muitas outras mães a possibilidade de ter uma fonte de renda própria, conciliando seu oficio com a criação dos filhos.

Meus filhos começaram a vir ao mundo e eles já participavam da Feira. Como eu não tinha com quem deixar, trazia junto. Criei meus quatro filhos embaixo da barraca, ficavam dormindo ali. E daí eles foram crescendo, crescendo, eles começaram a me ajudar atendendo com uns 10 anos de idade, e à medida que cresciam foram me ajudando mais, me ajudaram até há pouco tempo. Tiveram períodos que eu vendia muito, mal vencia fazer os produtos, então assim que eles criaram tamanho pra isso eu deixava eles na Feira e ia para casa fazer os materiais, produzir para poder vender. Me ajudaram muito, muito mesmo e, com isso, são todos comerciantes, por conta de terem sido criados ali, trabalhando e vendendo. (Fala de Angela H., trecho transcrito de entrevista, 2021)

75

Na época em que começou a participar de feiras, na década de 1970, Angela tra-

Eu já produzi muitas coisas diferentes. Tudo que eu já fiz e faço eu aprendi sozinha. Comprava peças, desmontava e aprendia a fazer, daí modificava dando meu toque de artesã. Fiz muitas coisas, é muito tempo produzindo, 46 anos é uma vida. Praticamente tudo o que eu tenho, conquistei com a Feira. Essas coisas, essas histórias são boas de contar, dizem que a gente tem que viver para ter histórias, né? Se eu fosse te contar tudo o que a gente já viveu, faltaria tempo. (Fala de Angela H., trecho transcrito de entrevista, 2021)

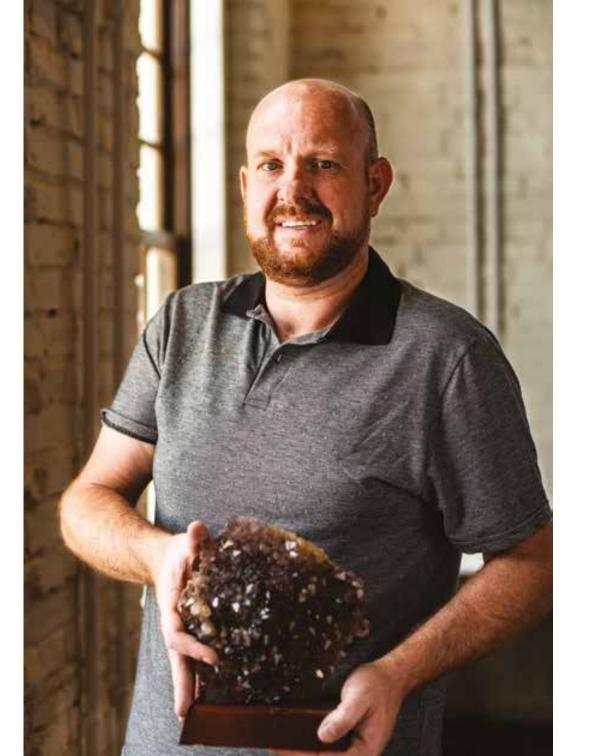
Angela começou no comércio ainda muito jovem, na mercearia de seu pai, o que considera o fator responsável por seu "tino de vendedora". Seu pai vendia e, na época, registrava tudo em um caderno. A responsável pela contabilidade do caderno era ela, a jovem Angela: "Eu era rápida e não errava as contas, não precisava de calculadora. Aprendi com meu pai, peguei com ele o dom do comércio. Meus filhos trabalharam comigo, aprenderam comigo e hoje são comerciantes também".

Minha família hoje quer que eu pare por conta da minha idade, mas eu não consigo me desgrudar dessa Feira. Sinto que estou cansada, que tá na hora de parar, mas eu sinto falta dela. Nossa Feira é assim, maravilhosa. Todos os turistas que vêm aqui elogiam demais, demais. Dizem que já viajaram, que já foram várias vezes para muitos lugares e que essa Feira de Curitiba é das melhores. Mas eu realmente acho que tá na hora de dar mais atenção para minha família no domingo, sabe? A gente, queira ou não queira, perde o domingo em família, já perdi muitos almoços, por exemplo. Todos os domingos eles ficam me esperando, Dia das Mães, Dia dos Pais, sempre, há 46 anos. Acho que está na hora de dar uma pausa, é uma vida inteira nisso, todo domingo, e eu não falto à Feira de jeito nenhum. (Fala de Angela H., trecho transcrito de entrevista, 2021)

Angela também conta sobre sua amizade com os feirantes, alguns amigos de longa data. A Feira inteira é dividida em uma espécie de vizinhança. De uma maneira geral, em cada quadra há agrupamentos de feirantes, os quais muitos chamam de vizinhos e compartilham dinâmicas de sociabilidade típicas das feiras.

Eu e meus vizinhos de barraca temos muita união, somos amigos e nos ajudamos muito. Por exemplo, quando um precisa sair pra comprar um lanche ou pra resolver alguma coisa, sempre tem os vizinhos que ajudam a cuidar da sua barraca. Também nos ajudamos emprestando materiais, como a maquininha de cartão, que às vezes dá problema por causa do sinal de internet. A gente é bem unido ali, sabe? Tenho certeza de que é disso que eu mais vou sentir falta quando parar, da minha união com meus amigos da Feira. Sentir falta de chegar de manhã e brincar, conversar, sentar quando a Feira tá fraca e ficar contando os problemas, dando risada. Tenho a impressão de que a hora que eu parar de vir para vender, eu vou sempre vir aqui passear, de tanto que eu gosto. A gente tem amigos aqui, cria boas amizades verdadeiras. Essa troca fará muita falta na minha vida. Eu acho que a minha família é maior na Feira do que na família de sangue mesmo. (Fala de Angela H., trecho transcrito de entrevista, 2021)





A FEIRA ME MOLDOU COMO PESSOA Éder Ferraz | cristais e pedras

Pai de sete filhos e garimpeiro, "daqueles de se embrenhar no meio do mato", Ervino Ferraz viajou durante muito tempo por boa parte do Brasil para minerar. Na época em que a história da família Ferraz começa na Feira do Largo da Ordem, em agosto de 1978, ainda era possível a extração de minérios, e Ervino, pai de Éder, buscava com suas próprias mãos os cristais com os quais trabalhava em Curitiba.

Quando recebemos o convite para expor na Feira, ele só trabalhava com as pedras brutas, então meus três irmãos mais velhos começaram a ajudar ele no comecinho da barraca na Feira. Ele começou só com os cristais, depois trouxe druzas de Ametista e outras pedras. Em 1979 ele conheceu um senhor chamado Arão, lá do Rio Grande do Sul, e esse senhor ensinou ele a realmente trabalhar com as pedras e rochas, beneficiar essas pedras, trazendo pra Curitiba muitos maquinários, como serras, máquinas de polir e máquinas de furar pedras. Assim, meu pai e meus três irmãos mais velhos começaram a produzir algumas peças, como, por exemplo, os sinos de ventos, que é uma peça com que trabalhamos até hoje. (Fala de Éder, trecho transcrito de entrevista, 2022)

O trabalho familiar começou a crescer e toda a família cresceu junto. Éder, o caçula, nasceu em 1982 e foi, literalmente, criado na Feira. Conta que cresceu em uma caixinha na barraca, pois, ainda muito pequeno, já acompanhava seus

Nesse movimento, os filhos foram se desenvolvendo e começaram a entrar no negócio da família. Enquanto os irmãos beneficiavam as pedras, lapidando, polindo, moldando e furando, a irmã Ester começou a produzir algumas peças, como brincos e pulseiras. Em 1990 a barraca da família Ferraz já era referência em pedras na Feira do Largo. Quando Éder fez 12 anos, em 1994, começou a produzir peças também, fazia pequenas árvores de pedra, instruções que recebeu com um de seus irmãos. Para ganhar seu próprio dinheiro, tinha um combinado com seu pai: ele faria as arvorezinhas sempre de par, uma para si e outra para ele. Vendia uma, era sua, vendia outra, era do pai. Assim começou a "brincadeira com as pedras", como conta, até que em seguida foi aprendendo a produzir outros itens, como chaveiro, anel e enfeites.

Tem várias coisas que foram me marcando nesse caminho, episódios em que vi o esforço da minha família para continuar, ver a luta deles para estar na Feira todo domingo e se manter. Lembro do ritual de preparar tudo na sexta-feira, pra sábado cedinho sair pra feira da praça Rui Barbosa e pra no domingo ir pra Feira do Largo. Era nosso ritual, sempre certinho, eu me divertia. Isso foi me criando como homem, moldando meu caráter. Ver a luta dos meus pais e dos meus irmãos pra ser alguém moldou meu caráter. Cresci com muitas pessoas da Feira, como, por exemplo, o Wilson Guimarães, que era amigo do meu pai e hoje é meu amigo. Ele me viu crescer e hoje até sou padrinho de um dos netos dele. Lembro das brincadeiras que ele

fazia com meu pai, hoje os filhos dele são amigos de casa. Lembro do Palhaço Cheiroso que passava na Feira e brincava com a gente, lembro de pequeno ver os Hare Krishnas e achar diferente e interessante, lembro de esperar o ano inteiro pra ter a Feira de São Francisco e eu ficar ansioso pelo bingo, amava participar. São muitas coisas marcantes. (Fala de Éder, trecho transcrito de entrevista, 2022)

81

Com o passar do tempo, os filhos foram amadurecendo e seguindo novos rumos, seus próprios rumos. Com pouco mais de vinte anos, Éder saiu da Feira para começar a trabalhar em uma empresa privada, de forma que a produção acabou ficando apenas com seus pais e sua irmã Ester. Ele, apesar de vir crescendo na empresa em que trabalhava, sentia que não era aquilo que queria para sua vida e, segundo suas palavras, acabou criando uma rotina que parecia estar o matando aos poucos.

Em 2003, com o falecimento de seu pai, a barraca dos Ferraz passou a ficar sob os cuidados de sua mãe e de sua irmã. Em 2008, Ivone, sua mãe, se casou novamente e Ester se mudou para Santa Catarina. Em algum tempo, o padrasto de Éder passou a ajudar na Feira, mas percebendo a necessidade de alguém com mais prática no trabalho, Éder decidiu voltar ao Largo para ajudá-los. Tempo depois sua esposa decidiu se juntar ao trabalho da Feira, começando a estudar e entender sobre as pedras e, hoje, se completam oito anos que Éder vem assumindo a barraca de sua família, onde trabalha com sua esposa e ainda expõe algumas das peças que sua mãe produz.

A gente vai criando elos, criando vínculos com as pessoas que trabalham na Feira. Conheci muitas histórias, lembro da família de alguns feirantes, como o Luiz do caldo de cana e sua mãe, lembro do Altair que na época vendia as batatas fritas que eram meu sagrado almoço de domingo. Essa é uma parte das minhas memórias de infância e é uma parte da história Ferraz na Feira do Largo da Ordem. Herdei a barraca, hoje sou o único filho que trabalha com as pedras, essa herança está comigo. Eu gosto muito de ter crescido na Feira, ela me moldou como pessoa. Eu era uma criança muito tímida, foi com a Feira aprendi a me soltar, conversar com as pessoas. A Feira me moldou. Pra trabalhar aqui você precisa saber o que quer, porque você trabalha muito mais como autônomo, como o próprio Wilson me disse esses dias: "Ser empreendedor não é só escolha, é um estilo de vida". Então você tem que estar certo do que quer, mas no fim é tudo muito mais gratificante. (Fala de Éder, trecho transcrito de entrevista, 2022)



02



ISSO É O IMPORTANTE, FAZER A DIFERENÇA NA VIDA DAS PESSOAS

Silvina Aranibar | duendes, elfos e seres elementais em biscuit

De nacionalidade argentina, narrando suas histórias de vida com seu marcante sotaque que nos permite viajar sinestesicamente, Silvina apresenta em seus relatos uma perspectiva singular sobre o "fazer feira". Trabalhando e estudando acerca de seres elementais da natureza, traz em cada peça produzida o objetivo de tocar, comunicar e ajudar cada um que com ela tenha contato.

Como meu trabalho artesanal é com seres elementais, eu o considero muito especial. Coloco toda a minha energia neles: estou fazendo e vou cantando, falando com eles. Pra mim, não é mais um boneco ou uma peça de arte, mas é uma parte minha. Meu tempo, meu trabalho. Na verdade, pra mim, é um prazer fazer eles e eu ainda ganho dinheiro fazendo o que amo. Nossa, muitas vezes não vendi nada na feirinha e eu volto feliz pra casa mesmo assim. (Fala de Silvina, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Sua produção consiste em, resumidamente, dar materialidade aos seres que compõem muitas de suas histórias de vida: elfos, duendes e fadas, por exemplo. Com diferentes materiais, dá forma a esses pequenos grandes companheiros de sua trajetória, apresentando ao público diferentes faces e tamanhos para cada um deles. Há em seu artesanato o uso de diferentes técnicas para a elaboração de cada um, com um trabalho que se estende do uso de tecidos até os detalhados rostos esculpidos em massa de biscuit.

Tive um sonho. Foi muito nítido, eu estava entre eles, alguns duendes seres grandões, eles estavam todos brincando. E tinha uma clareira, como nos filmes, cheia de flores, uma floresta mesmo. Eles falavam algo que eu não entendia, e eu sabia que quando eu acordasse, saberia dessa experiência. Era como se eu tivesse a consciência de que estava em um sonho. Era como uma mensagem. Então, na hora em que eu acordei, era cedo ainda, acordei meu companheiro Gustavo e falei: "Você tem que me levar para comprar massa, preciso comprar biscuit, alguma coisa para mexer com as mãos". Eu saí pelo jardim, cedo ainda, e vi que não tinha nem barro para poder fazer algo de imediato. Eu precisava mexer, eu precisava. Fomos até uma loja e compramos um pacote de massa, eu nem sabia direito o que tava comprando. Eu não sabia como mexer com a massa, como modelar, que utensílios utilizar, mal sabia o que ia fazer, só precisava muito mexer. Então eu tirei a massa da sacola e comecei. É como se minhas mãos tivessem começado a se mexer sozinhas. Eu tava muito ansiosa, queria "já", fazer uma coisa já. Então, eu comecei. Nossa, quando saiu a primeira face, o primeiro rosto, fiquei assim muito surpresa e emocionada. Pensei "meu Deus, por que não encostei antes na massa? Por que eu não pequei essa técnica antes?". (Fala de Silvina, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Assim, se dedicando a esse trabalho artesanal cheio de significados, sua trajetória na Feira do Largo da Ordem tem início com o apoio de sua amiga Fátima, que, gratificantemente, também compõe esta coletânea de entrevistas. A relação entre elas demonstra os frutuosos laços de amizade que se formam entre feirantes, com um apoio e incentivo mútuo, com aprendizados e partilhas que alicerçam essas conexões.

Eu comecei na feirinha dos bairros, ali no Passeio Público, há uns 15 anos, mais ou menos, e fiquei lá por uns dois ou três anos. Porque, na verdade, eu já vinha aqui no Largo só pra dar umas voltinhas, sempre vinha visitar a Feira, ficava encantada com as coisas, com esse passeio maravilhoso que a Feira proporciona. Trazia o Gustavo, meu companheiro, e sempre falei pra mim: "Ah, eu gostaria tanto de estar aqui". Lá na feira do Passeio Público eu conheci a Fátima, minha amiga querida que também expõe no Largo, com as casinhas de passarinho. Sou muito grata, ela que me ajudou a entrar na Feira do Largo. Toda vez que a vejo, digo: "Menina, é graças a você que estou aqui, participando de tanta coisa maravilhosa". Participando desse patrimônio que é a Feira, né? (Fala de Silvina, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Apesar de, segundo suas próprias impressões, algumas pessoas sentirem medo de suas peças – por se tratarem de impressionantes composições materiais de seres elementais –, Silvina conta que ainda assim consegue se aproximar dessas pessoas. Para ela, essa é a parte mais valiosa de seu trabalho, o contato humano.

O mais importante de tudo isso é conseguir me aproximar das pessoas por meio deles [os elfos], do meu artesanato. Desejar o bem para as pessoas através deles. Os elfos me permitiram isso: chegar à gente, chegar às pessoas, tocar o coração das pessoas. Tem muitos que não conhecem, pedem licença e entram na minha barraca, ficam ali um tempo em meditação. É o que eu faço também. É tudo gratificante. Eu saio, deixo eles sozinhos, à vontade na barraca. Eu não fico. Eu não gosto de ficar em cima das pessoas, tentando vender as peças. Eu tento transferir a minha energia para as pessoas através do que faço, não se trata só de comércio. (Fala de Silvina, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Parte marcante de suas narrativas diz respeito à proximidade que alcança para com o público, os elos humanos que se constroem pelo caminho aparecem como parte fundamental de seu trabalho. Intrínseco ao trabalho de artesã está sua busca por ajudar ao próximo por meio de acolhimento e escuta.

Meu companheiro sempre fala que eu deveria ser psicóloga, porque pessoas que eu nem conheço chegam até mim e contam seus problemas. E pra mim é totalmente gratificante poder escutar e transmitir isso para a pessoa. Porque meu artesanato não é só "um bonequinho", como muitos falam, e, sim, o que eu coloquei nele, a energia que coloquei. Porque a energia é transmissível, então é isso que importa. Mudar a mente das pessoas. Sonhar, né? Ver as coisas de um outro jeito. Por mais que tenha muita coisa má acontecendo, você sempre vê o lado bom, como você pode reverter essa situação. Então, se você está iluminado assim, consegue ajudar as pessoas só com a palavra ou, até mesmo, só escutando. Isso é o importante, fazer a diferença na vida das pessoas. Eu fico emocionada também, muitas vezes volto chorando pra casa. Tem muitos que chegam na barraca e falam: "Eu só queria ver você, conversar um pouquinho". E, às vezes, a gente conversa qualquer coisa, o que aconteceu na semana, o que a pessoa fez, nada a ver com os duendes. Mas, na verdade, tem tudo a ver, a energia que está nas coisas. Está tudo conectado. (Fala de Silvina, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Com anos de estudos sobre esses seres elementais, Silvina conta como gostaria de tê-los visto quando criança e que, para ter contato com eles, é preciso prestar atenção aos detalhes. Explica também que agradece profundamente a cada pequena pedra que apanha, cada pequeno galho que colhe, cada fruto que a natureza lhe oferece, pois explica ter consciência de que não pertencem a ela ou, ainda, "exclusivamente a ela", sendo como um presente da natureza para todos os seres vivos que habitam esse planeta.

Prestar atenção aos detalhes é descobrir muita coisa. Quando a gente começa a estudar, a se meter mais na coisa, a entrar mais na coisa, a gente aprende muito. E talvez o jeito que você vê não seja o real, só o que você tem na cabeça. Tem muita gente que vem atrás dos duendes achando que é preciso ativar algum poder neles, que eles vão fazer algo por você. Mas é você, a tua energia. Então é o jeito que você vê as coisas, o que você faz para dar seu melhor, para melhorar na vida. Não esperar que ele faça. Tem gente que acha que sou uma bruxa ou uma fada, mas eu sou simplesmente uma transmissora de algo. Trabalho com arte e busco ajudar as pessoas. A Feira me ajudou a aprender a escutar, e isso falta tanto! Eu diria que sou uma transmissora de energia, de vivências. Para mim é importante passar a mensagem, e são os meus produtos que me ajudam, eles me fizeram conhecer muita gente querida, muito querida mesmo. Se você soubesse a magia que o artesanato transmite, quando se faz com carinho você passa isso para as pessoas. Então tá tudo relacionado, tá tudo conectado. Eu acho assim, para fazer o bem, para ser instrumento do bem, não tem como não estar conectado. É isso que tem que chegar para as pessoas. (Fala de Silvina, trechos transcritos de entrevista, 2021)



92

A FEIRA É UMA COISA QUE ESTÁ NA MINHA ALMA

Edson Mendes da Silva | empanadas

Nascido no litoral paulista, quando tinha seis anos de idade, ele e sua família se mudaram para iniciar sua história na capital paranaense. Edson não conheceu seu pai e foi criado por sua mãe — mais uma mãe solo que encontrou nas feiras o sustento familiar. Começaram na feira da praça Rui Barbosa vendendo as especialidades da avó com ascendência portuguesa: bolo xadrez, ovos nevados, papo de anjo e ambrosia. "Eu me lembro, esses doces portugueses eram todos uma delícia", relata, revisitando na memória os sabores da infância.

Nesse período eu tinha uma tia que era casada com um argentino, a mãe dele ensinou nossa família a produzir as empanadas. Aí um dia decidiram levar as empanadas pra Feira e foi um sucesso, nunca mais pararam de fazer. Em algum tempo até pararam de levar os doces porque as empanadas dominaram toda a nossa cozinha, toda a produção. Bom, essa é a história que eu me lembro, é isso que guardo na memória, eu era bem pequeno. (Fala de Edson, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Em 1985 sua família consegue o registro na Feira do Largo da Ordem e, nessa época, Edson e seu irmão já a acompanhavam. Passavam os domingos brincando na barraca, correndo pelos extensos corredores de feirantes e, conquistadas amizades de outras crianças, passavam os domingos brincando nas famosas Ruínas do Largo da Ordem, escalavam tudo e faziam as ruínas de forte, o que dava ainda mais materialidade às suas imaginações.

Agora vou te contar o que todo feirante antigo conta: guando eu era pequeno dormia embaixo da barraca. Ah, e tem outra coisa, na nossa barraca tinha um espaço entre a parte frontal e o chão. Eu e meu irmão ficávamos ali, deitados no pé da barraca e brincando de pegar no pé das pessoas. O povo tava comendo, conversando, a gente pegava e eles ficavam confusos. Era muito divertido, muito engraçado. (Fala de Edson, trecho transcrito de entrevista, 2022)

> Com o passar do tempo e com as vendas aumentando, sua família precisou de ajuda na cozinha e, naturalmente, como explica, foi entrando na produção com 14 anos de idade.

As feiras já eram muito movimentadas, eu estudava e ajudava em casa como podia. Na época não tinha a facilidade do peito de frango desossado, e como eram bacias de frango, eu fiquei com essa função por um bom tempo, só limpava e desossava. Não aprendi a fazer empanadas de uma vez, fui aprendendo por etapas. (Fala de Edson, trecho transcrito de entrevista, 2022)

> Passado um tempo, Edson mudou de função na cozinha e começou a trabalhar em uma nova etapa da produção das empanadas: a massa.

Figuei muito tempo com a tarefa da massa, eu achava muito solitário, era muito tempo sozinho no cilindro. Também tinha a etapa de sovar a massa, fazíamos em uma bacia, de 5 kg em 5 kg. Ia sovando no "muque", tenho até um braço maior que o outro, usava só um braço pro trabalho. É uma coisa engraçada, eu gosto de contar. (Fala de Edson, trecho transcrito de entrevista, 2022)

O trabalho que começou com sua avó e sua mãe logo se estendeu a alguns parentes que buscaram, com sua família, também aprender o preparo das empanadas, de forma que seus tios e primos passaram a fazer parte da equipe de produção.

> De repente todo mundo foi morar junto em uma única casa pra ajudar na produção, eu passei a morar com dez pessoas, vários núcleos familiares no mesmo lugar. Eram madrugadas de trabalho, revezando o cilindro manual, porque a produção era muito grande. Anos depois veio o cilindro elétrico e a sovadeira, ajudou muito, facilitou bastante porque as empanadas são feitas uma a uma à mão, é bem artesanal. (Fala de Edson, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Passado algum tempo de ajuda exclusiva na cozinha, ainda com 14 anos, chegou o momento de ir para a Feira ajudar nos atendimentos e nas vendas. O espaço em que passava os domingos brincando agora tinha se tornado seu local de trabalho.

> Como a gente não tinha carro e carregava muito material, fretávamos uma kombi todo domingo pra trazer as coisas. As mulheres iam dentro da kombi e os rapazes iam em cima. Que vergonha de ficar em cima da kombi, vergonha de passar perto dos meninos que tiravam sarro. Eu tremia, morria de vergonha, foi bem ruim no começo. Por ironia do destino, hoje é meu maior orgulho. Eu fico até emocionado. Foi assim que comecei na Feira, minha família ficou por um bom tempo toda unida. (Fala de Edson, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Anos depois houve uma dissolução entre esse grande grupo de trabalho familiar. Edson explica que não se lembra bem das motivações e dos acontecimentos, mas que foi a partir de então que ficaram novamente na barraca ele, seu irmão, a mãe e a avó. Em certo período, decidiu procurar outros trabalhos, mas, algum tempo depois, recebeu a notícia do falecimento de seu irmão e decidiu ficar perto de sua mãe, retornando à Feira do Largo e reassumindo o posto que ocupava desde tão novo.

Nesse período de trabalho com minha mãe, conheci minha esposa, ela trabalhava na barraca do meu tio. Temos uma história, foi um longo período até ficarmos juntos, mas a partir de então ela veio trabalhar comigo na barraca da minha mãe. Ela é meu braço direito e me deu forças quando passei por um período muito difícil em minha vida. Eu pensava: "Eu não vim nesse mundo pra dar errado", tinha isso na minha cabeça, tenho tudo pra manter a barraca e ser bem-sucedido. Daí dei uma reativada e voltei com tudo, minha intenção era conservar as pessoas que iam até nossa barraca nos prestigiar, meus fregueses são joias raras, foi neles que eu pensei. (Fala de Edson, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Ele toca muitas vezes na importância de seus clientes, na forma sutil e profunda que sua freguesia impacta positivamente sua motivação diária. Contou que, em um dia desses, chegou um rapaz em sua barraca contando que é freguês da família há 35 anos, tendo se tornado cliente na época em que Edson ainda era pequeno. "Quem tem um freguês há 35 anos? É um presente de Deus, você fazer um produto com o coração e a pessoa sentir o prazer de ir lá comer e conversar com você", explica. Em sua barraca, a família teve a oportunidade de atender não apenas clientes de longas datas, mas de conhecer suas famílias. Vemos, de ambos os lados do balcão, gerações de familiares que acompanharam o desenvolvimento da Feira: de um lado, Edson, sua mãe e a avó; de outro, os clientes que permanecem comprando com ele e o apresentando a seus descendentes.

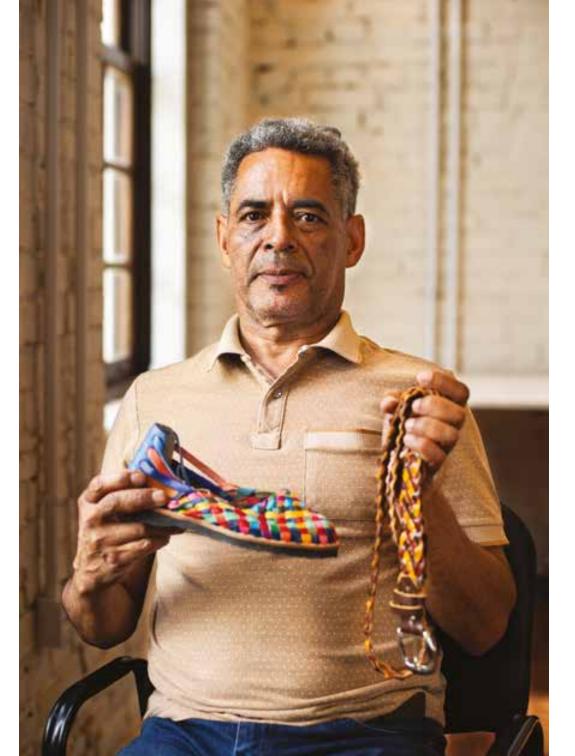
Tinham crianças que iam na barraca e hoje cresceram, casaram e voltaram com os filhos, outras pessoas já voltaram com os netos. Pensava muito nisso quando passei pela fase mais difícil, e isso me ajudou muito. Lembro que pensar na minha família e nos meus fregueses, tenho fregueses há mais de 30 anos, são três gerações de fregueses, pensar neles me deu muita força pra sair dessa fase ruim. (Fala de Edson, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Sua mãe faleceu há pouco mais de dez anos, e foi nessa delicada etapa que Edson realizou a transferência da barraca para seu nome, tornando-se formalmente o herdeiro dessa simbólica conquista de sua família. Muito emocionado, conta que sua mãe "era uma pessoa muito sensível, uma doçura, um amor, todos gostavam dela, era muito querida. Meu Deus, eu amo demais ela. Desde pequenos ela fazia de tudo por nós, ensinava a gente, lembro dela tomando a tabuada e os verbos, sempre quis nos ajudar".

Hoje, ele e sua esposa – que completam mais de vinte anos de união – produzem as empanadas sozinhos e contam com mais quatro pessoas no atendimento.

As pessoas chegam na barraca e percebem nosso cuidado em todas as etapas do preparo. Se a gente vai fazer, então faz bem-feito. Venho e fico feliz da vida, amo estar aqui. Faço a Feira com o maior prazer do mundo, e o pessoal vem, eles já sabem que eu tô aqui, é uma comunidade mesmo. Depois que eu monto a barraca e vão chegando meu fregueses, nossa, é uma felicidade imensa. Tem gente que traz outras pessoas pra provarem o que eu faço, então são coisas simples que você faz e que torna a vida das pessoas muito melhor, são pequenas coisas que ficam nas lembranças e que marcam as pessoas pra eternidade, eu dou muito valor a isso. A Feira é uma coisa que está na minha alma. Nós temos fases na vida e elas são importantes pra gente amadurecer, se não tivermos elas, não teremos pelo que lutar. Eu reagi às minhas fases e sou muito feliz, todo dia eu agradeço por estar aqui. (Fala de Edson, trecho transcrito de entrevista, 2022)





FOI AMOR À PRIMEIRA VISTA

Isaías Teixeira | sapatos e cintos de couro

Pertencente ao grupo de feirantes que iniciou seu trabalho na feira da Praça Tiradentes, foi também pioneiro na feira da Praça Rui Barbosa. Apesar de não se lembrar com exatidão em qual ano conseguiu seu registro na Feira do Largo da Ordem, Isaías conta que ela foi um diferencial em sua vida, um divisor de águas.

Fiquei pouco tempo nas outras feiras, mas senti uma diferença muito grande delas pra Feira do Largo, o público é outro, a dinâmica é outra. A Feira do Largo é única. E eu criei minhas filhas, todas encaminhadas e formadas, tudo com o que eu ganhava aqui. O que eu tenho veio do meu trabalho como artesão. Construí tudo com meu trabalho com couro. Essa Feira é um acontecimento muito bom em nível financeiro e cultural, porque passou e ainda passa muita gente legal por aqui. (Fala de Isaías, trecho transcrito de entrevista, 2022)

101

Pertence juntamente ao grupo de feirantes que sentia a necessidade de mais liberdade, de forma a largar o trabalho registrado e passar a se dedicar ao trabalho com artesanato, ramo ao qual se dedica há quase meio século.

Decidi comecar a trabalhar com artesanato, e o couro foi um fascínio. Comecei a fazer artesanato e não parei mais, foi um amor à primeira vista, já tá indo pra 50 anos. Já tive uma oficina, pude contratar muitas pessoas pra me ajudar, dei muito emprego. Hoje sou eu e minha esposa, Wilma, torcemos muito pra que meu neto tome gosto e fique com nosso trabalho no futuro. Vamos ver, eu torço. Digo: "Vem ajudar o avô e ver se toma gosto". Vai ficar pra ele, eu torço pra que fique dentro da família, queria que continuasse o trabalho que comecei. Mas não adianta enfiar goela abaixo, é um trabalho que a pessoa tem que gostar pra poder seguir. (Fala de Isaías, trecho transcrito de entrevista, 2022)

> Tendo empregado mais de 40 pessoas durante esses quase 50 anos de artesanato, foi dentro de sua própria oficina que Isaías começou a ensinar seus ajudantes. Conta que algumas pessoas seguiram no ramo e que, apesar de a técnica ter sido ensinada por ele, cada pessoa tem um trabalho diferente, um toque diferente.

Eu sempre gostei, sempre fui curioso. Com 16 anos ficava me perguntando como é que as pessoas faziam sapato. Perto de casa tinha um sapateiro, sempre que eu podia ia lá conversar com ele, ficava vendo ele fazer. Parti dali, foi bem didático pra aprender. Comecei fazendo carteiras e bolsas, depois sapatos, usando de molde o meu pé e o pé da minha esposa, depois vieram as formas e ficou bem mais fácil. Esse modelo de sapato que eu vendo já produzo há 35 anos, e permaneço vivendo praticamente dele. É a minha marca registrada. (Fala de Isaías, trecho transcrito de entrevista, 2022)

> Relata que teve uma fase da Feira em que, ainda no período da manhã, costumava já ter vendido todas as peças disponíveis na barraca. Nessa fase, há 15 anos, ele passou muitos domingos indo embora cedo por estar com o estoque esgotado. Antes da pandemia também estava com um bom público, mas, como a Feira depende muito do turismo, passaram todos por uma fase muito difícil. "Agora

que estamos nos recuperando, que tô vendo a Feira dar sinal, tô vendo a Feira reagir. A gente vive disso, precisa da Feira. Tenho clientes que vendi pras mães, depois pras filhas e agora vendo pras netas. Foram esses clientes que me ajudaram muito durante a pandemia", relatou Isaías. Além dessas memórias mais recentes, narrou também sobre outras marcas:

> De uma das boas memórias, de pessoas que me marcaram na Feira, tem o falecido Carlitos. Trabalhava com couro, foi uma das pessoas em quem me espelhei em nível de trabalho. Ele fazia calçados, um trabalho diferente. Quando eu frequentava a feira como consumidor já via o trabalho dele e achava interessante, depois acabei virando amigo e fizemos negócio, íamos comprar couro juntos. Ele fazia uns sapatos tipo do Aladdin, isso ficou marcado em mim. Olha que coisa incrível, eu não fazia calçado, mas quando comecei a fazer até comentei com ele: "Olha, Carlitos, comecei a fazer sapatos por causa do seu sapato que 103 achei tão incrível'. Tentei fazer alguma coisa diferente dele, mas inspirado nele. Essa é uma passagem que me marcou muito.

Outra pessoa que me marcou muito foi o Fernando, também falecido. Ele chegou a fazer parte da casa do artesanato, também fazia um trabalho muito legal, só trabalhava com tear. Marcou muito minha vida como artesão e também como amigo. Essas foram duas pessoas que me ajudaram a seguir no caminho que estou hoje. Eram mais velhos que eu, me inspiraram no trabalho e eu segui minha linha. (Fala de Isaías, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Isaías explica que, apesar de ainda sentir muita falta da união dos artesãos enquanto classe, "em nível de amizade a Feira é muito legal", pois tem amizade com quase todos os feirantes que conhece. Diz que há muita amizade e respeito ao trabalho do outro e que é o contato com as pessoas do que ele mais gosta na Feira.

A Feira do Largo é maravilhosa porque tem muita gente, você conhece gente do mundo inteiro. Minha sandália está no mundo inteiro, disso eu tenho certeza. Esse é o maior barato. Essa é a essência, tem que manter essa essência. Vem gente do Brasil inteiro, do exterior. Esse encanto da feira é o artesão que traz, é o artesão que traz gente do mundo inteiro pra feira. Eu agradeço muito essa técnica que trabalho, uma herança nordestina, e agradeço muito a existência da Feira, só agradeço. Como te falei, só me deu coisas boas, comprei minha casa, eduquei minhas filhas, a Feira me deu tudo isso. (Fala de Isaías, trecho transcrito de entrevista, 2022)







UM VERDADEIRO MOSAICO CULTURAL

Nilcema do Rocio Ratim | estamparia

Nascida e criada em Piraí do Sul, desde jovem Nil acompanhou sua mãe entre algumas aulas que ela ministrava de corte e costura, e foi assim que tomou gosto pelo trabalho com tecidos, que viria a ser seu grande ofício. Durante sua juventude, mais precisamente durante suas férias, vinha à Curitiba e aqui construiu muitas memórias, dentre elas relembra os passeios que fazia na Feira do Largo da Ordem com suas primas.

Me sentia muito à vontade no Largo, passeando entre incensos, sandálias trançadas e bottons. Nunca imaginei que esse lazer seria um dia minha profissão. Após terminar o colegial, cheia de sonhos, segui o caminho de muitos jovens interioranos da época: vir para capital dar continuidade aos meus estudos. Meu irmão já estava aqui e eu não me via de outra forma, cheguei em Curitiba em 1983. Estudei, trabalhei e fiz alguns cursos técnicos ligados à arte: xilogravura, stencil, serigrafia, desenho digital, e faculdade de Economia. Precisando encontrar uma forma de complementar minha renda, comecei a fazer estampas de camisetas pro pessoal da faculdade. Eu gostei disso, desse trabalho com estampa, comecei a brincar com a questão da confecção. (Fala de Nilcema, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Pouco antes de terminar a faculdade, há 25 anos, já produzia algumas peças para um amigo professor de capoeira. Ele sugeriu que, visando expandir seu trabalho com estamparia, Nil buscasse entrar na Feira do Largo da Ordem.

Quando surgiu a oportunidade de entrar na Feira, montamos uma parceria: ele fazia os instrumentos de capoeira e eu fazia os abadás – calças e camisetas – com o intuito de atender turistas de dentro e de fora do país que se encantavam com o gingado, a dança e tudo o que compõe a capoeira – um esporte genuinamente brasileiro. Durante a Feira fiz outros cursos, como empreendedorismo e desenho de moda, que envolve desenvolvimento de coleção e tecnologia têxtil. Embora eu já tivesse noção de costura por causa de minha mãe, agora eu tinha respaldo técnico para escolher melhor os tecidos, fazer os moldes e produzir modelos exclusivos. É isso que torna os clientes fiéis. Desenvolvi também estampas regionais que traduzem a beleza da arquitetura e o clima da nossa cidade, que é um verdadeiro mosaico cultural. (Fala de Nilcema, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Nil conta que houve um período de certa resistência do público com as peças de capoeira, período que durou em média cinco anos. Durante esse tempo começaram a atender muitos estrangeiros e brasileiros que viviam fora e, quanto a isso, aponta que percebia inicialmente seus produtos serem melhor aceitos por turistas.

108

Lá fora a capoeira era mais bem vista, vista com outros olhos. Então entramos com a questão cultural, e não o jogo pelo jogo, era cultural mesmo. O meu companheiro de Feira é professor de capoeira, professor de educação física, mestre em capoeira, então a gente sempre foi pelo lado cultural, o lado da brasilidade. Eu gosto muito disso. Até hoje minhas camisetas todas saem com muita coisa de Brasil, todas saem com uma bandeirinha do Brasil, todas saem embaladas com alguma coisa brasileira. (Fala de Nilcema, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Tendo conhecimento acerca de todas as etapas de produção de suas peças, entendendo de tecido e com as ferramentas necessárias para toda a produção em sua própria casa, Nil cuida da modelagem, do desenho e das estampas de todas as suas peças. Produz os desenhos a partir do nanquim e depois os passa para as telas.

Tudo que eu preciso, eu crio. Gosto de fazer as minhas coisas, é meu laboratório. Eu já cortava tecido, estragava os panos da minha mãe com uns 5 anos. Eu brincava, fazia vestidos pras minhas bonecas com as meias do meu pai, era uma coisa pra qual eu sempre tive um certo talento, um talento pra tecido. Botei seriedade nesse trabalho quando comecei a fazer a Feira, até então eu fazia algumas coisas só na brincadeira. Comecei fazendo pra mim, depois pra alguns amigos, depois pra faculdade, mas nessa época só fazia estampa. (Fala de Nilcema, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Hoje, completando mais de duas décadas na Feira, tem clientes fiéis em diferentes lugares do mundo, clientes que em suas viagens ao Brasil sempre retornam à Feira buscar seus produtos.

Um exemplo é um cliente que é curitibano e mora na Itália. Ele veio há bastante tempo comprar comigo pela primeira vez, comprou calças chamativas, cheias de detalhes do Brasil e com bandeiras, calças de Capoeira Show. Depois de um tempo, voltou ao Brasil com uma lista de compras, os amigos de lá queriam calças iguais às dele. Interessante que há oito anos fui visitar a Itália, estava em Florença, cidade dele, passeando em uma feira. De repente vi uma calça com a bandeira do Brasil, percebi que era a minha calça, uma calça que eu tinha produzido. Reconheci a pessoa, era esse meu cliente, imagine só que coincidência, acho que eu não teria reconhecido ele se não fosse pela calça. Já encontrei gente pelo Brasil com peças minhas também, lembro bem de cada peça que produzo e customizo. (Fala de Nilcema, trecho transcrito de entrevista, 2022)

109

Assim como os demais feirantes entrevistados para este trabalho, Nil traz à narrativa a importância do contato humano muito presente na Feira do Largo da Ordem. Conta que vê sua relação com os feirantes mais próximos como uma relação de família, uma amizade construída domingo após domingo, bem como os encontros com o público.

Aqui estamos até hoje, eu e meu amigo, parceiro de trabalho e da vida. Claudinei da Silva, mestre de capoeira e professor de educação física. Todos os domingos nos encontramos com clientes e amigos, conhecemos pessoas e histórias e, acima de tudo, nos divertimos com o trabalho que é prazeroso. O que eu mais gosto na Feira é o contato com o povo. Se não fala a língua, você dá um jeito, usa a internet pra traduzir. É russo? Não tem problema, vamos lá traduzir, a gente se comunica de qualquer forma. As pessoas na Feira, em geral, estão muito disponíveis para se comunicar, querendo aprender, estão dispostas. Então essa questão da comunicação, da interação que existe na feira é algo muito bom, é o melhor da Feira pra mim. (Fala de Nilcema, trecho transcrito de entrevista, 2022)

A FEIRA REPRESENTA UM LEGADO DE CONHECIMENTO

Odair Marlier | marchetaria, mandalas e velas

Estudante universitário de Matemática e Agronomia, é nessas distintas áreas do conhecimento que tem início a trajetória profissional de Odair. Trabalhando durante sua juventude em uma instituição de pesquisa agrícola no Norte do Paraná, é com a mudança de governo na virada dos anos 1980 que a instituição em questão sofre uma brusca mudança e um grande número de pesquisadores acaba exonerado. Assim, Odair parte em busca de novas atividades para se dedicar, encontrando, a partir de então, o trabalho artesanal que abriu novos caminhos para sua história de vida.

Tive uma formação de arte e cultura dentro da minha casa, constantemente. Meu irmão escreve muito, e, a partir desse ponto, eu me apeguei nessa comunicação da escrita e também na comunicação visual. Acabei me interessando por isso. Fui morar em São Paulo, onde comecei a fazer xilogravura, litogravura e vendia as gravuras na noite paulistana, numa região mais cultural de São Paulo, depois mudei pra serigrafia, aprendi na prática, com amigos que produziam. (Fala de Odair, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Durante esse período se tornou pai e acabou se mudando para Curitiba. Conta que, apesar de apenas em 1982 chegar na capital paranaense para estabelecer residência, é desde sua mais tenra idade que frequentemente vinha à cidade.

113

Na minha cidade, Londrina, eu já desenvolvia estamparia em camiseta e, em Curitiba, estabeleci meu trabalho com serigrafia. Comecei a desenvolver um trabalho com algumas pessoas do Solar do Barão, desenvolvendo gravuras. Pra sobreviver comecei a estampar as gravuras em camisetas na pequena casa que eu aluquei. Alguns poemas embaixo, manuscritos, com caneta de nanquim, assinado, o número de série de reprodução serigráfica. Saía na noite curitibana pra vender as gravuras, vendia também nas universidades, onde eu tinha muitos contatos. As pessoas da cidade me prestigiaram bastante, pessoas que curtiam o meu trabalho. Muitos artistas também me prestigiaram, músicos e escritores, por exemplo o Paulo Leminski. Foi muito legal esse início em Curitiba, sobrevivendo do meu trabalho, as pessoas prestigiando esse trabalho artesanal. Assim comecei a crescer e a ver o empreendedorismo com mais organização. Já comecei a fazer os contatos com os produtores de malha, produtores de camisetas, fui entendendo de qualidade, conhecendo a trama, a malha, pra dar uma estamparia melhor. Fui desenvolvendo com minha companheira, época em que minha filha era pequena. Depois mudei para uma casa maior e consegui até comprar uma residência com meu trabalho de estamparia, em menos de dois anos em Curitiba. Consegui fazer meu ateliê só pra camisetas, pra desenhos e, além da arte da estamparia, tinha a arte de fazer a arte final, pra poder fotografar o desenho nas telas serigráficas. Era tudo em papel vegetal, bico de pena, cor sobre cor, tom, luz, mesa de luz, encaixe de cores. Depois, reproduzia nas telas, pra depois reproduzir nas camisetas. Então a dinâmica de atividades era bem ampla. A estamparia em camiseta deu essa dinâmica de conhecimento e prática de produção. (Fala de Odair, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Nesse înterim aprendeu a produzir alguns móveis e peças de marchetaria em madeira, trabalho com o qual conseguiu ingressar na Feira do Largo da Ordem, recebendo seu registro de artesão em 1983. Além da Feira, trabalhou ministrando aulas de marchetaria, bem como passou um período se dedicando à fotografia, área em que, inclusive, tem uma premiação.

Assim, passado um tempo, ainda desenvolvendo a marchetaria, comecei a agregar ao meu trabalho a produção de velas, com a qual trabalho até hoje. A coisa foi indo, até que um colega indiano me deu a dica de trabalhar com mandalas em vidro. Agreguei as mandalas e fui aprender um pouco também da medicina ayurveda, que está ligada à mandala. Tem essa ligação direta, e elas são informadas pros clientes, explico qual é a finalidade de cada uma delas. A vida me levou a produzir muitas coisas diferentes e eu abracei, é agora ou nunca. Eu botei na minha cabeça que conhecimento nunca é tarde pra desenvolver, acho que trabalho enobrece qualquer um. Você criar alguma coisa pra alguém tem um valor gigante, imenso, não é o dinheiro que vai satisfazer. Então, como eu te falei do início, minha família, o jornalismo, a fotografia, já tava lá atrâs. Pra serigrafia, arte final, desenho, tudo foi uma sequência natural, fazendo a coisa funcionar. (Fala de Odair, trecho transcrito de entrevista, 2021)

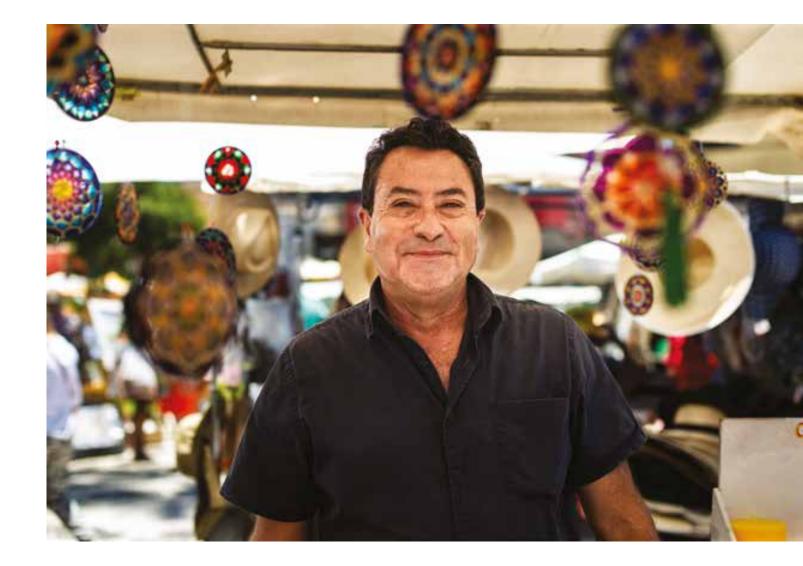
Odair faz questão de expressar, além de seu carinho pela Feira do Largo, o amor pela cidade de Curitiba, lugar que o acolheu e onde construiu sua família. Sua filha mais velha, quando pequena, dormia embaixo das barracas durante os dias de Feiras. Levavam cobertas para ela aguentar os frios intensos da cidade e, em dias de temporal, a pequena se escondia na barraca. Hoje, com três netas, conta como toda sua família está, direta ou indiretamente, ligada à arte.

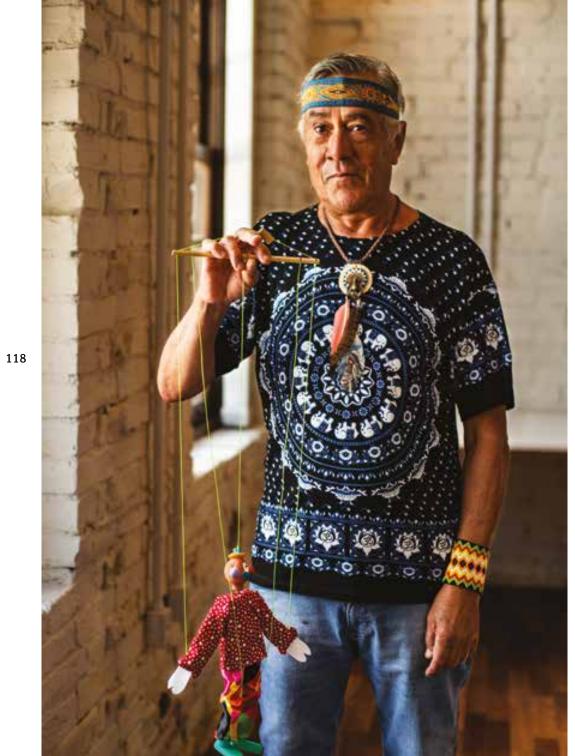
A feira pra mim, meu Deus, é a minha vida. Se eu não venho domingo, falta alguma coisa. Todo esse tempo convivendo com sol, chuva, frio. Todas as pessoas maravilhosas, os amigos, principalmente os que já foram. É muito marcante as pessoas que já foram. É uma família. Não tem como você não amar a Feira. É a nossa praia, não adianta: aqui, antes da pandemia, eram de dez a vinte mil pessoas num domingo. Antigamente também era maravilhoso, um monte de gente, circo mambembe, espetáculos, festivais de teatro, teatro de boneco. Então tudo isso entra na tua alma e não tem como sair. Se deixar de viver isso, não tem graça.

A feira agrega isso na alma, esses valores são imensuráveis. Ontem vi uma matéria que dizia que "artesanato não é produto de mercado, artesanato é tempo, saberes e história". A feirinha é isso, entendeu? É uma coisa muito valiosa. É história, é origem. (Fala de Odair, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Recordando as várias décadas que passou na Feira, explica que é a convivência com os feirantes, as histórias construídas juntas e as histórias partilhadas que fazem com que todos se tornem uma família, que a própria Feira se torne sinônimo de família.

O Isaías, que faz os calçados, todas as minhas filhas usam os calçados dele, minha netinha hoje de quatro anos usa. Então as roupas da Tamara, de tie-dye. Da Nanci. A Feira é família, é amor que tá encravado na alma. Mas também já tive bastante dificuldade aqui, ter que dar a cara pra bater e conseguir sobreviver. Mas é aquela história, a gente caiu e levantou, caiu e levantou. Não me sinto amparado, tenho que bater o escanteio e fazer o gol de cabeça. Uma coisa que me marcou na Feira foi a criatividade de pessoas que morreram, artistas que tinham aqui e que eu nunca vi nada igual. A contracultura, ela abrangeu um modo de viver, um modo de vestir, um modo de comportamento da juventude. E o movimento hippie está ligado diretamente à contracultura mundial. E favoreceu e proporcionou as feiras de artesanato. E, nesse meio, alguns amigos muito fantásticos acabaram acelerando e se foram muito cedo. A gente sente falta. Dessa questão de se perderem no meio do caminho. A Feira representa um legado de conhecimento. A gente passa conhecimentos pras pessoas, informa, educa, encaminha. Tipo a Dona Zélia Scholz, o legado que ela deixou é fantástico. Esse legado de conhecimento é muito importante e não acaba, espero que esse legado da Feira não figue morto no tempo. (Fala de Odair, trecho transcrito de entrevista, 2021)





PODER SOBREVIVER DE ARTESANATO É UMA GLÓRIA Altamir Cabral | brinquedos antigos e instrumentos musicais

Quando jovem, com alguns amigos da redondeza, Altamir jogava futebol em um campinho do seu bairro. Aos sábados, também dia de futebol, conta que via sempre um rapaz passando com sua calça "boca de sino" e uma bolsa de couro. Curioso pra saber aonde ele ia, se aproximou na tentativa de se enturmar. Artesão e, na época, se identificando como hippie, o rapaz desconhecido logo se tornou amigo de Altamir e começaram a trabalhar juntos com produtos de couro. Assim, com 16 anos de idade, redirecionou sua vida profissional, saindo de um trabalho como office boy para iniciar sua história como artesão.

Esse colega já tinha começado um pouco antes com artesanato, mas eu comecei com ele em 1973 na praça Zacarias. Lá todo mundo expunha os produtos no chão. A gente vinha da rebarba do movimento hippie, a contracultura, contestando o sistema em si. Criou-se uma noção de liberdade, de que o sistema não poderia aprisionar o ser humano livre. Começamos a viver essa contracultura, tínhamos liberdade pra viver, então a única maneira de sobreviver eram as feiras. Daí esse colega foi me ensinando, dando uns toques para trabalhar com o couro. Entrei na vida de artista dessa forma. Trabalhei com couro até 1975, quando servi o exército. (Fala de Altamir, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Minha primeira viagem foi para o Peru, fiquei 11 meses. Foi minha fase hippie, estava com 19 pra 20 anos quando comecei a viajar, sempre sozinho. Essa viagem pro Peru daria um filme. Depois do Machu Picchu desci o Rio Urubamba e, de balsa, fiquei um tempo na selva, viajando por lá e tentando sobreviver. Depois fui pra Bolívia, passei alguns meses lá. Fui também para o Chile e fiquei até ser deportado. Depois entrei no Brasil e conheci o Norte e o Nordeste brasileiro, também passei um período na Amazônia. Daí pra viajar eu comecei a trabalhar com bijuteria, era um material mais prático de carregar, tinha que levar o mínimo necessário. Depois vinha de volta pra casa e pras feiras de Curitiba, mas ficava só um tempo, já voltava a viajar porque já tinha virado um "rabo de foguete". Sempre viajando, na medida do possível. A gente tinha uma visão da contracultura, a viagem era justamente o que fazia o movimento hippie, a gente não fazia artesanato pra ganhar muito dinheiro, mas pra se manter na estrada, sobreviver viajando. (Fala de Altamir, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Suas primeiras viagens pela América Latina foram por meio de carona na beira da estrada, contando com a ajuda de muitos motoristas. Durante essa época, além de seu trabalho como artesão, também trabalhava com música, uma área que gostava muito mas que não lhe dava um bom retorno financeiro. Começou com 20 anos aprendendo a tocar alguns instrumentos como autodidata e, além de se apresentar em alguns bares nas praias brasileiras, também conseguiu reunir alguns amigos e gravar um disco.

Não era com o propósito de me aperfeiçoar, não era algo com intuito profissional, "era a estrada". Tocava na Bolívia em feiras de comida, nas ruas do Chile, colocava o chapéu e ganhava um dinheiro. Não era o meu forte, mas eu fazia, se eu fosse sobreviver de música tava lascado, sobrevivo de artesanato. (Fala de Altamir, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Das várias dificuldades que o estigma do movimento hippie causou para Altamir e tantos outros companheiros, prisões arbitrárias marcaram muitos episódios de sua história, enfrentadas durante a década de 1970.

Nessa época, enquanto viajava pelo Brasil, a gente não tinha ideia do que era a ditadura militar brasileira. O hippie era muito mal visto, uma visão horrível. Viam a gente como tudo igual, sujo, com piolho, sem destino. Por conta disso fui preso várias vezes, em vários estados diferentes. Eu era um ser humano livre e estava no mundo, como diz o ditado, e isso já era motivo pra ser preso, aparentemente. Viver de artesanato não era bem visto. Só de trabalhar na rua já me prendiam, não tinha motivo na verdade, o sistema era assim. Fui preso umas cinco ou seis vezes, mas foram sempre períodos muito curtos, não tinham motivos pra me deixar preso. (Fala de Altamir, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Dentre tantas viagens, Altamir sempre retornou a Curitiba por alguns períodos nos quais sobrevivia devido às feiras. Passada a fase da feira na praça Zacarias, com sua mudança para a praça Tiradentes, continuaram a trabalhar no "velho esquema do pessoal expondo no chão, não tinha barraca, não tinha mesa, não tinha nada", relatou. Depois que a Feira começou aos domingo, no Largo da Ordem, logo iniciou sua atividade nela também, entre viagens e caronas. Altamir acredita que, vendo o dinheiro que movimentava o trabalho da rua, grandes feiras foram surgindo para a população que passou a participar desse movimento — até então articulado pelos

hippies. Com as grandes feiras, criou-se um sistema de organização para elas, o que, consequentemente, as deixou menos livres, indo em direção oposta ao que se buscava inicialmente.

Durante todos esses anos de feiras, Altamir também trabalhou com outros produtos artesanais, como a tecelagem, fazendo bolsas, sapatos, mochilas e coletes. Hoje trabalha com materiais recicláveis, criando instrumentos musicais e brinquedos, alguns de origem indígena. Acredita que a reinvenção de seu trabalho de artesão é necessária para sobreviver nas feiras, busca usar o criativo para sempre ter novidades, mostrar algo que as pessoas não estão acostumadas, algo que o público só pode encontrar nas feiras de artesanato.

Nas minhas viagens aprendi muito sobre culturas indígenas e trago muitas dessas coisas pro meu trabalho hoje, que é o que eu mais vendo, elas são muito presentes no meu trabalho. Vou resgatando também alguns brinquedos antigos, porque o artesão precisa usar o criativo, inovar e surpreender. A maior importância do artesanato é que te mantém o criativo, tem que estar sempre criando. Se você tem o lado criativo e tem por onde expandir isso, poder sobreviver de artesanato é uma glória. (Fala de Altamir, trecho transcrito de entrevista, 2021)





A FEIRA EM SI É MINHA VIDA, MINHA PAIXÃO

Benedito Martins | acessórios e bijuterias

Peninha, como é conhecido há décadas, é um dos feirantes que constrói a Feira desde seus primórdios. Com sua barraca de quatro metros localizada em frente ao monumento Cavalo Babão, na praça Garibaldi, é referência na Feira em termos de bijuterias e acessórios. Sua barraca marcou muitos clientes, com uma freguesia fiel, e marcou também a minha vida. Desde minha infância vinha à Feira para comprar os acessórios produzidos por Peninha e sua família. Surpresas da vida, nunca imaginei que um dia escreveria sobre ele.

Durante sua infância, época em que ainda morava em um sítio com sua avó, juntava carteiras de cigarro da época e com elas fazia tranças e dobradura, produzindo cintos, porta-copos, porta-panelas, criando diferentes utensílios a partir das carteiras de cigarro. Foi desde pequeno que apresentou aptidão e gosto por trabalhos manuais, conhecendo o artesanato desde a mais tenra idade.

Quando eu tinha 13 anos morava em Santa Felicidade, e perto da minha casa morava um senhor que fazia uma espécie de latão batido, tudo no martelinho. Era época hippie e eu me encantei com aquilo, pensei: "É isso que eu quero pra mim!". Ele foi um dos primeiros artesãos que apareceu na feira da praça Zacarias, e eu comecei a trabalhar com ele em 1971. Comecei como funcionário trabalhando para várias pessoas na feira, fiz muitas amizades desde o começo. Também trabalhei com diferentes materiais, aprendia a fazer muita coisa, tipo peças em couro, mas sempre gostei de bijuteria. Em 1978 eu consegui começar a trabalhar pra mim, comecei a fabricar o que vendia, já com minhas bijuterias. Nesse tempo eu viajava muito pro litoral, então era um material fácil de carregar, colocava a mochilinha nas costas com meu material e pegava a estrada. Era fácil chegar numa cidade, botar um paninho na calçada e arrumar minhas coisinhas pra vender. Vendia à noite e durante o dia fabricava. (Fala de Benedito, trecho transcrito de entrevista, 2021)

> Peninha, sua esposa e sua filha chegam no Largo da Ordem às 4h30 da manhã, mais ou menos, todos os domingos. A chegada ainda durante a madrugada permite que eles possam montar a barraca e arrumar toda a mercadoria, que é em grande quantidade e precisa ser toda presa, peça por peça. "Eu tenho muitas peças, sempre gostei de trabalhar com bastante. Minha barraca chama a atenção pela quantidade e pela diversidade também, por isso se tornou uma referência", explicou. Todo domingo fazem da mesma forma, chegam de madrugada e são um dos últimos feirantes a sair, deixando o Largo da Ordem por volta das 16 horas da tarde.

Nunca tive outro trabalho paralelo, sempre trabalhei com artesanato. Uma vida inteira, a minha vida inteira. Eu gosto da feira por causa da liberdade, eu comecei na feira por causa da liberdade. Não ter patrão, fazer amizades de anos e anos, você conhece todo mundo, pessoas que já foram, pessoas que tão aí ainda, eu sempre tive muita amizade na feira, então amizade e liberdade. Poder vir e andar na feira conversando com todo mundo é o que eu mais gosto. (Fala de Benedito, trecho transcrito de entrevista, 2021)

> Peninha está no Largo da Ordem em absolutamente todos os domingos. Conta que nesses 50 anos faltou à Feira apenas em três ocasiões: no falecimento de sua mãe, no falecimento de seu filho e em uma manhã em que seu carro estragou. Apenas três faltas em cinquenta anos. Além da Feira do Largo, também relata que nunca faltou à antiga feira da praça Rui Barbosa, bem como na época em que expunha no calçadão da rua XV de Novembro — época que lembra precisar correr dos fiscais 127 -, nunca deixou de ir sequer a um único dia de trabalho. Por conta disso, explica como o período sem Feira em decorrência da pandemia foi difícil para a classe de feirantes, pois é um trabalho de extrema dedicação e comprometimento, com uma rotina de décadas que foi rompida bruscamente por um longo período.

Nossa, mas a feira em si é minha vida, é minha paixão! Falei esses dias com um outro feirante sobre as possibilidades que ele teve na vida, possibilidade de mudar de ramo, teve outras opções mais confortáveis, mas pelo amor à Feira ele permaneceu e está aqui até hoje. Por isso tem que ser algo que te realiza, pra você continuar sempre aqui. Deixo minha esposa e minha filha na barraca e vou visitar meus amigos, vou passando nas barracas ver o pessoal, dar uma andada. Passo a semana toda em casa sozinho produzindo, fabricando, então no domingo o que eu mais gosto é de estar com o pessoal. E minha filha sempre trabalhou aqui com a gente, desde que nasceu. Ela dormia embaixo da barraca. Desde pequena vindo pra Feira, cresceu aqui. Tanto que hoje ela já é advogada e continua vindo, ela não larga a Feira, concilia com a outra profissão. E é bom porque ela e minha esposa são boas vendedoras, eu não sou, por isso prefiro fabricar e ficar no domingo conversando com o pessoal. Tenho uma outra filha, mas essa não pegou o gosto pela Feira. O negócio da família ficou com a filha mais nova que desde pequena, com uns oito anos, já fazia uns produtos pra vender e já juntava o dinheirinho dela. (Fala de Benedito, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Faz questão de contar que tudo o que conquistou na vida, para ele e sua família, foi graças à Feira. Não só os bens materiais, mas também as amizades de uma vida inteira e alguns clientes fiéis. Por conta deles, permanece ainda com produtos antigos, produzindo-os em pequena quantidade apenas para garantir aos clientes que voltam interessados. Nesse longo período de Largo da Ordem, conta que conseguiu fazer amizade com quase todas as pessoas que trabalham na Feira e que não tem inimizade com ninguém. Além disso, também ajudou muitos outros artesãos a sequirem na área e montarem suas próprias barracas na Feira do Largo.

Tem um rapaz na Feira que começou a trabalhar comigo desde criança, tinha uns dez anos, a gente fazia coisas de conchinhas, fazia colar, brinco, essas coisas. Hoje em dia ele tá na Feira, mas aprendeu a produzir as peças comigo e me ajudou durante bastante tempo, depois conseguiu montar a barraca dele. Hoje ele tem a família dele e vive da Feira também. Então tenho muitas histórias com pessoas que conviveram comigo na Feira, tem gente que tem vocação pro artesanato, que aquilo te chama, são histórias que acontecem. Tem muita gente que criou os filhos aqui, que trouxe filho pequeno, que estiveram aqui desde criança. São crianças que realmente fazem parte da Feira também porque estão envolvidos desde muito novos. (Fala de Benedito, trecho transcrito de entrevista, 2021)

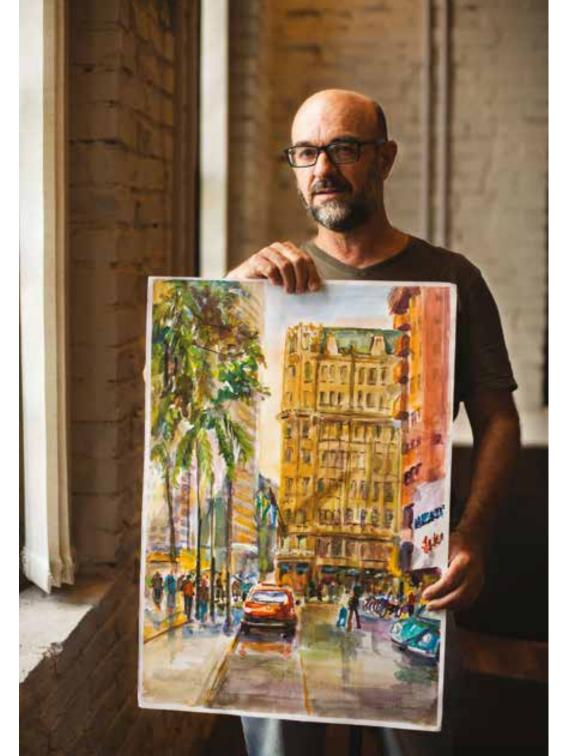
128

Finalizando nossa conversa, recordou da época em que a Feira começou, que não era reconhecida e da época em que as profissões artesão e feirante eram muito discriminadas, consideradas ocupações de quem não queria trabalhar.

Agora o pessoal começou a dar valor a nós, artesãos. A gente foge um pouco do padrão que esperam, estudar e arrumar um trabalho na área que estudou, a gente foge um pouco desse tipo de realidade. Eu tenho uma liberdade diferente, posso montar minha banquinha aonde eu for, e essa liberdade é do que eu mais gosto. A Feira é meu amor, minha vida. Tenho uma paixão. É difícil as pessoas entenderem. Tem que gostar muito pra persistir por tantos anos, quase 50. É preciso gostar de pegar o alicate, ficar ali pensando, criando alguma coisa, tentando imaginar, pra você fazer uma coisa diferente pra que as pessoas gostem. Até minha filha me fala: "Pai, eu não me vejo sem estar na feira". Que nem eu, na Feira a gente se realiza. (Fala de Benedito, trecho transcrito de entrevista, 2021)

129





PARECE OUE ERA PREDESTINADO

Reginaldo Carvalho | pintura a óleo e aquarela

Com pai desenhista e pintor, desde pequeno pôde frequentar seu ateliê e sua oficina, além de crescer em uma casa cheia de quadros. Assim, Reginaldo desde muito novo assistia a seu pai pintar e se interessava por isso, tinha sua curiosidade aguçada e brincava com alguns materiais do ateliê. Além disso, o pai também era músico amador, compunha e tocava. Sua mãe gostava de música popular brasileira e o influenciou muito também. Reginaldo nasceu e cresceu em um ambiente artístico com uma família entusiasta de diferentes linguagens artísticas.

O primeiro contato que a gente teve com arte fora de casa foi na biblioteca pública, é um ponto de referência pra mim, com oito anos eu já era sócio e tava aprendendo a ler. O primeiro livro que eu peguei lá foi As Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato. Nasci num ambiente cultural, esse ambiente em casa favoreceu muito. Talvez o econômico nem tanto, mas o cultural era muito bom, fomos estimulados a ler, a pesquisar, a duvidar das coisas, a não aceitar as coisas. (Fala de Reginaldo, trecho transcrito de entrevista, 2021)

133

Conforme explica, sua trajetória na pintura começou em decorrência de uma série de fatos, entre eles: seu pai aos poucos começou a deixar a profissão de lado e passou a, gradativamente, se aproximar ainda mais de sua arte, colaborando para que Reginaldo também se aproximasse ainda mais.

Eu gostava de desenhar, sempre fui habilidoso pra desenho, sempre fui habilidoso pra arte. Sempre gostei de trabalhar com a mão. Quando era criança eu gostava de montar aqueles aeromodelos, sempre gostei de ver as coisas sendo construídas a partir das mãos. Se você olhar, uma coisa básica da arte é isso, você pegar e transformar as coisas com a tua mão, passando da cabeça para as mãos, e enfim temos o objeto. (Fala de Reginaldo, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Assim, observando e passando da cabeça para o papel, descobriu uma habilidade para copiar. Olhava a figura e conseguia reproduzir exatamente como a original, pois sempre desenhou muito bem. Inclusive, o único emprego registrado que teve foi de desenhista de arte final para serigrafia, empresa na qual conheceu muitos outros artistas que também passaram por lá. Nesse período, seu pai decidiu trabalhar expondo suas produções artísticas na Feira do Largo da Ordem.

Mas teve um evento antes, que é particular meu, isso aos 13 anos. Eu trabalhava no supermercado, era pacoteiro e ganhava gorjeta, nem salário tinha. Ganhava gorjeta e eu sempre fui muito ligado nessas coisinhas da minha geração, que era colecionar. Colecionava selo, colecionava moedinha, colecionava carteira de cigarro – embora não fumasse – gostava de ver aqueles rótulos. Já tinha um apelo artístico naquilo ali, aqueles rótulos eram bonitos. E eu percebi que algumas moedas que eu pegava de gorjeta eram mais antigas, então eu pegava, por exemplo, uma moeda de 50 centavos, de 1967, e vendia por 3 cruzeiros na Feira. Então, eu vinha aqui e vendia, pegava as moedas no sábado, separava, trocava também com outros colegas que trabalhavam lá e juntava uma coleção. No domingo pegava o ônibus, vinha aqui pra Feira, vendia tudo e voltava pra casa, digamos, com cinco vezes mais do que saí. Eu vendia pra um senhor que tinha uma barraca de moedas, hoje ele é dono do bar que fica embaixo do meu atual ateliê. Quase quarenta anos depois eu sento numa mesa com ele e falo: "Você vendia moedas na Feira e eu vendia pra você". (Fala de Reginaldo, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Com essa marcante passagem de sua vida, explica como sente que sua ligação com a Feira é muito antiga, anterior à chegada de seu pai, diz que "parece um negócio predestinado". Por volta de 1981, Reginaldo passou a acompanhar seu pai na Feira, indo com ele para ajudar no carregamento de seus materiais de trabalho. Arrumaram um lugar perto dos outros pintores na Feira e muitos deles o viram crescer, pois ali iniciou por volta de seus 16 anos.

Apesar de legal, não tava me dando muito dinheiro, fui tentar arrumar alguma coisa pra fazer, na viradinha de 1982. Fui trabalhar como vendedor de cursos, porta a porta. Entrei em uma loja do shopping Itália, olhei uma moça e fui oferecer o curso. Por um acaso ela abriu a carteira e eu vi uma foto dela, então falei: "Você quer que eu desenhe essa foto aí pra você?", e ela me respondeu que eu não conseguiria. Na hora, com pensamento rápido, falei: "Vamos fazer uma aposta? Se eu conseguir desenhar isso e ficar bem certinho, você me dá 1.000 cruzeiros. Se você não gostar, não me dá nada". Ela topou. Saí com a foto dela – foto que guardo até hoje –, comprei uma cartolina – porque não sabia nem com qual papel trabalhava –, cheguei em casa, peguei os lápis que eu tinha, fiz aquele rosto bem certinho, igualzinho, coloquei direitinho e adequei num papel. Voltei na loja no sábado, entreguei e ela me disse que achou bonito. Me deu um cheque de 1.000 cruzeiros. Isso era muito dinheiro pra um menino de 17 anos, dava pra fazer uma festa, eu fiz o mercado. (Fala de Reginaldo, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Foi a partir de então, tendo seu primeiro reconhecimento e retorno financeiro, que Reginaldo decidiu começar a trabalhar utilizando sua habilidade artística. Assim voltou a acompanhar seu pai na Feira, mas agora colocando junto um cavalete seu ao lado, onde punha retratos feitos a partir de fotos antigas. Preparou-se comprando materiais mais adequados para o serviço, como lápis e papéis. Conseguiu produzir alguns retratos para o público da Feira, mas durante algum tempo precisou buscar outros trabalhos que lhe dessem mais retorno financeiro. A volta de sua

atenção total às pinturas parecia algo inevitável. Foi se interessando cada vez mais por elas, escutando muito as pessoas, aprendendo a olhar e sempre buscando algo diferente do que já fazia. Assim, teve a ideia de começar a pintar imagens de Curitiba, mas salienta que não bastava saber pintar, era preciso aprender a habilidade de vendedor também. Além disso, buscando aprimoramento dentro de sua linguagem artística, Reginaldo ingressou na Escola de Música e Belas Artes do Paraná e conquistou seu diploma de bacharel em pintura, 15 anos após sua entrada na Feira.

Assim comecei a pintar Curitiba e a conhecer pessoas interessantes por meio dos quadros e da Feira e, quando a gente vai com dedicação, as coisas vão acontecendo naturalmente. Na época em que eu comecei aqui, a Feira não era o que se vê hoje. Não era um lugar turístico, não tinha esse glamour turístico, ainda não era um grande evento curitibano. Hoje a feira não é mais uma simples feira, é um evento. É um lugar cultural, tem música, tem artesanato, pinturas, esculturas, muita gente boa já passou por aqui. A Feira foi se desenvolvendo, foi crescendo e hoje é referência em termos de artesanato no Brasil. Porém, já houve uma série de momentos difíceis e de crises, depois as coisas melhoram e a gente vê a Feira crescer. Já se passaram guase 40 anos que estou agui, sem contar o tempo das moedinhas. Hoje, ao olhar pra trás, vejo que tenho quadros em vários lugares do mundo. Se você olhar aquele menino que veio disposto com uma pastinha embaixo do braço, tudo que eu fiz na vida, inclusive como um meio de sobrevivência, com meus objetivos, consegui conquistar muitas coisas, constituí uma família, dei educação pros meus filhos, ajudei outras pessoas. Uma vez meu irmão falou pra mim: "Você fez tudo isso a partir de um pincel!", e fazer as coisas a partir de um pincel é algo notável. (Fala de Reginaldo, trecho transcrito de entrevista, 2021)



JÁ TAVA NO SANGUE

Richard Poppe | murais magnéticos

Filho de dois integrantes do grupo de fundadores da Feira do Largo da Ordem, Richard a frequenta desde seus quatro anos de idade. Não demorou muito para começar a atender sozinho, cobrar e dar troco, montar e desmontar as mercadorias, embalar e, até mesmo, produzir as peças.

A feira se iniciou com a junção de alguns hippies e artesãos, se não fosse especificamente eles fazerem o movimento para começar a Feira, que começou ali numa vielazinha perto da XV, ela não teria nascido. Meus pais fizeram parte desse movimento, dessa luta. Eu comecei a vir com quatro anos pra Feira, com uns seis ou sete anos já vendia meus artesanatos na escola, na hora do recreio. Não adianta, já tava no sangue. Nessa época eu já ajudava na confecção dos materiais da barraca, na verdade eu sempre ajudei na confecção. Minha mãe e meu pai, além de trabalharem em várias feiras no começo, sempre tiveram barracas separadas, cada um com seu produto. Eu ficava na barraca do meu pai, passei a ficar sozinho fazendo a Feira pra ele poder ficar em casa produzindo e dar conta de todas as feiras. Eu sempre gostei de trabalhar e ter meu próprio dinheiro, sempre fui independente e sempre foi divertido, era prazeroso. Eu gostava de correr atrás do que eu queria, então trabalhava com o dinheirinho que ganhei com meu trabalho. Acabei me habituando. Quando meu pai faleceu eu herdei a barraca dele, foi transferida pra mim. Minha mãe sempre teve a barraca dela ao meu lado, até hoje é assim. (Fala de Richard, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Ainda tenho amizades verdadeiras da época de infância aqui na Feira, dos filhos de alguns feirantes. A gente gostava de subir e brincar na livraria que tinha aqui, gostava de brincar nas Ruínas, o pessoal era muito receptivo e animado, era muito divertido. Tenho a lembrança de comprar revistinha na banca do Seu Vitor, ali no chafariz, a criançada ficava toda em volta correndo. (Fala de Richard, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Além disso, entre essas amizades que mantém há décadas no contexto da Feira, Richard aborda as simbólicas barracas que muitos desses amigos herdaram de suas famílias:

Se você ver as barracas maiores, saiba que são dos fundadores da feira. Aliás, se parecer ser muito jovem, são herdeiros das barracas. Mas essas barracas maiores são as conquistas dos mais antigos. Minha barraca passou do meu pai pra mim, ela é maior também, tem quatro metros. A barraca tem toda uma parte sentimental. É conquista do meu pai e eu devo ser o último da linhagem aqui. Contando com o tempo dos meus pais antes da Feira do Largo, são quase 60 anos lutando em feiras. Nossos pais correram atrás, lutaram pelos direitos dos feirantes, não podemos perder esses direitos. Hoje estamos aqui porque começamos há muitas décadas atrás. Temos uma história que precisa ser respeitada. Ainda sinto falta de mais consideração para conosco, artesãos, fazemos parte do movimento cultural da cidade e somos parte do patrimônio. (Fala de Richard, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Por estar dentro da Feira desde pequeno, acabou criando um hábito com seus pais, algo difícil de se desvincular, explicou. Devido a tantos anos nesse ofício, sempre com a mesma rotina estabelecida desde sua infância, uma das maiores dificuldades impostas pela pandemia da COVID-19 foi se readaptar aos domingos em casa.

Passaram tão rápido esses 40 anos que a gente só se deu conta de todo esse tempo, na verdade, quando ficou parado tantos meses na pandemia. Daí você fala: "Nossa! agora eu aprendi o que é ter um domingo", uma coisa que eu não sabia o que era. Pra quem está acostumado, foi bem complicado. Na pandemia eu aprendi o que era final de semana, a gente só conseguiu imaginar como é a realidade do domingo de folga sendo obrigado a ficar em casa. (Fala de Richard, trecho transcrito de entrevista, 2021)

141

Por fim, após abordar sutis e profundas questões de uma vivência de quem viu a Feira crescer e cresceu com ela, Richard dividiu conosco sua sensível percepção de aqui estar.

Vir pra Feira sempre foi uma coisa prazerosa, eu gostava de vir, explicar e mostrar o artesanato. Você vai criando uma história e vai gostando de fazer. Eu gosto de fazer o que eu faço. O artesanato é uma criação única, uma coisa prazerosa para mim. E sempre foi assim, por isso que permanecemos, por isso que depois de tanto tempo ainda ficamos. Eu gosto de vir, atender e conversar com os colegas, ainda mais com aqueles que você se criou desde pequeno. Você os vê aos domingos, vê eles crescendo. É uma coisa que sempre foi prazerosa pra mim, e de qualquer forma eu fiquei com os meus pais, então fui aprendendo os valores, o respeito às pessoas, o atendimento ao público, fui conversando, conhecendo muitas histórias, conhecendo gente de fora. Tem uma integração cultural muito grande, um conhecimento muito grande aqui. Hoje, do que eu mais gosto na Feira é vir e ter contato com as pessoas, o espaço livre, as crianças olhando. Essa interação com o público é a melhor parte. (Fala de Richard, trecho transcrito de entrevista, 2021)





CHEGA UMA HORA EM QUE VOCÊ TEM OUE TOMAR UMA DECISÃO NA VIDA

Santo Antônio Strapasson | sisal

Brasileiro filho de italiano, recebeu seu nome como uma homenagem aos seus dois avôs. Um se chamava Santo e o outro, Antônio. Santo nasceu em Campina Grande do Sul e mora em Curitiba desde 1972. Na época em que aqui chegou, era estudante e morava em uma pensão da Rua Dr. Muricy, rua essa que cruza o Largo da Ordem, permitindo que Santo conhecesse a Feira do Largo já em seu início, quando os artesãos ainda expunham seus trabalhos em um pano no chão. Conta que via os guardas chegarem e os feirantes precisarem retirar seus materiais às pressas.

O pessoal tinha que abraçar todo o seu material, eu lembro que via isso e ficava me perguntando o porquê daquilo, por que não deixar o pessoal vender. Assim que eu vi a feira começar. Depois que começaram a montar barraca em vez de expor no chão com chuva e frio. Mas minha primeira Feira como artesão foi só em 1992, no Dia das Mães. (Fala de Santo, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Trabalhou durante 18 anos na tesouraria de uma empresa, com um regime e uma carga de trabalho muito estressantes. Conta que quando chegava em casa pintava gesso. Acompanhando esse processo, seu cunhado, que já expunha em feiras, o questionou sobre o porquê de não levar esse seu trabalho artístico para feiras também. Indo em busca de entender suas possibilidades, Santo escutou que gesso não entraria por conta da quantidade de pessoas que já trabalhavam com o mesmo

Daí comecei no parque São Lourenço e fiquei duas semanas, fiz umas peças de suporte pra plantas, daí fui aperfeiçoando esse trabalho, consegui entrar na feira de Natal e então o negócio deslanchou. A partir daí, com a coisa andando, abandonei meu emprego, tava muito estressante, chega uma hora em que você tem que tomar uma decisão na vida. Eu dizia: "O que que eu tô fazendo aqui? Tá me fazendo mal". Eu ganhava bem, mas às vezes o dinheiro não é tudo. Eu não tinha sossego, não tinha férias. Eu trabalhava o ano inteiro pra tirar cinco dias de férias. Você tem os filhos, você tem a mulher, tem mãe, tem amigos e você só trabalha, trabalha, trabalha, trabalha. Eu disse: "Não, isso não serve mais pra mim". Eu já fazia artesanato, mas era pra desestressar. Hoje não é mais assim, hoje é meu ofício. Vem pessoas na Feira e falam: "Ah, mas isso aqui é artesanato, é desestressante". E eu digo: "Pra você, porque pra gente é trabalho, trabalho e trabalho. É vida". (Fala de Santo, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Produzia os suportes com sisal, tingia o sisal e vendia muito, sempre gostou de criar e descobrir combinações de cores para suas peças. O macramê aprendeu todo com a Dona Zélia, mas outras técnicas desenvolveu como autodidata. Santo conta que acredita ter o dom para aprender, pois escuta e consegue desenvolver com muita rapidez, além de ter habilidades de venda, trazendo às suas peças as narrativas que a compõem, como o nó chinês que carrega consigo uma história.

Eu comecei estendendo um pano no chão, vendendo assim meu material. Já tinha autorização. Depois consegui minha barraca e fui subindo a Feira, agora estou na Rua Kellers, já tem 28 anos que estou naquele lugar. Quando comecei na Feira eu ainda não tinha muita confiança que ia dar certo, tinha esse receio. Mas eu e minha falecida esposa batalhamos forte e fizemos dar certo. Em 1995 tirei minha esposa do emprego e ela veio trabalhar comigo. Anos depois que minha esposa faleceu, conheci minha atual companheira e também tirei ela do emprego, da mesma forma, estava sofrendo no emprego e chamei pra trabalhar na feira comigo. Eu disse: "Chega! passei por isso e sei como é. Sai fora. Pior do que está não vai ficar.". A vida tem que ser bela. (Fala de Santo, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Pai de dois filhos, recebeu ajuda deles em muitos períodos de sua história na Feira, especialmente quando sua falecida esposa adoeceu, fase em que sua filha assumiu a Feira para que ele pudesse estar presente em casa. O filho, que hoje não mora aqui, ajudou muito na época da faculdade, quando os pais produziam durante os dias e ele, ainda muito jovem, ia para as feiras depois de suas aulas. Hoje, com sua atual companheira, busca "trabalhar em partes", com o serviço dividido em etapas em que cada um assume algumas delas. Santo produz as peças, produz o macramê e desidrata as flores que compõem os produtos, e sua companheira permanece responsável pela decoração de cada uma.

Tinha um senhor na Feira que também trabalhava com flores secas, e ele me ajudou muito, me deu dicas, indicou procedimentos, materiais. Inclusive, a gente dividia algumas encomendas de outros estados, era bom pros dois, a gente se ajudava, a gente sempre se ajudou. Nunca tive problema com ninguém da Feira, conheço as famílias de todo mundo ali, conheço os netos do pessoal. (Fala de Santo, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Suas sementes vêm do Nordeste e do Norte do Brasil, mas tem outros fornecedores em diferentes estados. Já as flores, além de as encomendar, também aproveita para colhê-las por muitos lugares por onde passa. Explica que, no artesanato, se a pessoa conseguir observar e pensar com atenção, consegue aproveitar de tudo. O que é lixo para um, é benefício e pode ser aproveitado por ele, explica.

Vou aprendendo sobre as melhores sementes observando elas e como se comportam com o tempo. Por exemplo, não trabalho mais com açaí, que depois de um tempo dá problema nas peças. Vou aprendendo com a prática e com o tempo. A mãe de um amigo uma vez me disse: "O inteligente é observador", e eu levo isso comigo há muitos anos. É observando que se aprende, não adianta achar que sabe de tudo. A vida é um aprendizado. (Fala de Santo, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Conta também que com a Feira conquistou boa parte de tudo o que tem hoje, como construir uma boa casa e criar seus dois filhos. Acostumado a trabalhar desde jovem, diz que não pensa em parar nunca e que se falta à Feira sua semana toda fica estranha, como se algo importante estivesse faltando, "é como acordar e não tomar café", completa.

A feira é importante porque eu tenho certeza de que eu venho aqui e amanhã eu vou ter o que comer, porque tem tanta gente que trabalha e não consegue nada. Eu graças a Deus trabalho e consigo. Então o mais forte da Feira para mim é manter o que eu construí e conseguir me manter hoje, sem contar toda a ajuda que consegui dar pros meus filhos com o que ganhei com a Feira. A Feira pra mim é isso, é você trabalhar e saber que daqui sai alguma coisa, além, é claro, de todas as amizades que a gente construiu aqui. Não são poucas as pessoas amigas, se for contar todos os nomes eu nem sei. É uma relação de amizade e companheirismo. A gente é parceiro e é por aí que a coisa acontece. (Fala de Santo, trecho transcrito de entrevista, 2021)





150

A FEIRA É RICA POR SUAS REFERÊNCIAS, SEUS CONHECIMENTOS E SUAS ANCESTRALIDADES

Tiemi Takahashi | artesanato em arame e caixinhas de fósforo

Desde muito nova, Tiemi teve a oportunidade de ver sua mãe se dedicar ao artesanato e fazer muitos cursos na área. Com o gosto e a aptidão dela aos trabalhos manuais, aprendeu com sua mãe muitas técnicas de artesanato, especialmente no que se refere a corte e costura, pois sua mãe era uma costureira de mão cheia. Foi acompanhando o início da trajetória dela nas feiras que Tiemi teve o primeiro contato com o que hoje é sua paixão.

Muitos dos meus conhecimentos adquiri vendo a forma como meus pais faziam as coisas, tive uma criação que eu considero muito boa. Meu pai tinha noções de desenho, gostava muito de cantar e dançar. Em algumas ocasiões eu o via cantar, cantava superbem. Era um exímio cerzidor, um trabalho impecável que fazia nas horas vagas a pedido de clientes de sua lavanderia. Meu avô paterno também desenhava, no pé-direito de sua casa havia desenhos florais feitos por ele. Minha mãe conta que meu avô materno viajava o mundo e era poliglota. Minha avó, em uma de suas fotos da juventude, aparece tocando violino. Tanto na parte paterna quanto na materna, tenho familiares que seguiram carreira nas artes. (Fala de Tiemi, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Lembro muito também de, na infância, meu avô ensinar os netos a produzirem suas próprias pipas, mas com uma técnica diferente, ele produzia tudo com varetas de bambu, não era uma pipa normal. Então são muitas coisas artísticas na infância que me ajudaram, esse meio pra mim é muito bom, é muito gostoso trabalhar com isso. Nessa parte de desenvolvimento artístico e cultural eu sempre tive uma boa base, posso dizer que tive uma boa influência artística, tanto nas artes plásticas quanto na música, é uma coisa que é de berço. (Fala de Tiemi, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Relata muitas memórias de sua infância e, entre elas, conta sobre um cliente francês da lavanderia de seus pais, o qual a presenteou com alguns livros de técnicas de origami. Os origamis, que ela faz desde pequena, estão presentes em seus trabalhos até hoje, trazendo o conceito de sua linha de produção.

Consigo desenvolver muitas peças por meio do arame e utilizo um comparativo que vem da minha tradição japonesa: o origami. O origami é um papel, uma coisa plana que você dá dimensões através da dobradura. Muitas peças que criei a partir do arame de alumínio partiram desse princípio do origami. Crio peças com um único fio de arame. São coisas que você precisa ter noção de como transformar, é necessário conseguir visualizar a peça e conseguir passar pro arame. Fui aprendendo muitas peças na base do pedido, pedem para eu fazer então eu tento visualizar, se consigo visualizar eu faço. Se eu visualizar, consigo desenvolver. São minhas bases. (Fala de Tiemi, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Tiemi cursou Direito e, posteriormente, Artes Plásticas. No início de sua trajetória profissional desenvolveu projetos junto à Secretaria de Estado da Cultura e à Fundação Cultural de Curitiba, por meio de uma ONG com foco na questão ambiental. Hoje, trazendo essa bagagem, trabalha também com o reúso de materiais e na internet dá dicas criativas para sua aplicação. Nesse meio tempo também participou de algumas exposições na área de artes plásticas, tendo alcançado o primeiro lugar no Salão de Foz do Iguaçu. Desde 1998 trabalha com suas peças na Feira do Largo da Ordem, mas só a partir de 2007, quando foi demitida da empresa em que trabalhava, passou a viver exclusivamente de artesanato.

Quando entrei na Feira consegui uma barraca bem ao lado da mãe de uma amiga, Dona Maria Marczuk, considero ela como minha madrinha de Feira. Ela produzia colares ucranianos que aprendeu com sua mãe e recebia muitas pessoas da Ucrânia que estavam em busca dessas referências, pois lá já não encontravam mais, uma arte que estava se perdendo na Ucrânia. O que ela produziu é histórico. Acho importante esse registro de histórias porque já perdemos muitas que não foram registradas. Tenho o privilégio de trabalhar na praça Garibaldi, trecho em que se concentram os feirantes mais antigos, e pude conhecer muitas pessoas e histórias. Pessoas que estão aqui há uma vida inteira, com conhecimento de técnicas e de vida. São muitas riquezas históricas e culturais que acabamos perdendo com a falta de registros. São também muitas histórias de família, muitas pessoas trazem bagagens enormes. A Feira é rica por isso, tem referências, conhecimentos e ancestralidades. (Fala de Tiemi, trecho transcrito de entrevista, 2022)





O ARTESANATO É UMA FORMA DE TRANSFORMAR O SÚTIL EM CONCRETO

Wilson Guimarães | artesanato em couro

"Guima", como é conhecido por todos da Feira, descobriu os trabalhos com couro ainda na infância, pois seu pai realizava, esporadicamente, a produção de algumas peças com o material: "Eu sempre vivi com o meu pai e via ele trabalhar com couro, essa coisa ficou impregnada". Após o falecimento de sua mãe — quando tinha seis anos —, e o falecimento de seu pai — quando tinha oito anos —, Guima foi morar com os tios e planejava vir a Curitiba com o objetivo definido de estudar e trabalhar. Com apenas nove anos de idade, chegou sozinho à capital paranaense.

Eu vim para Curitiba por vontade própria, tinha um conhecido com "acesso" e então tive a oportunidade de estudar em um colégio interno, onde nós estudávamos de manhã e à tarde íamos aprender ofícios, com aulas de marcenaria, carpintaria, gráficos e sapataria. No dia seguinte ao que nós chegamos ao colégio, estávamos eu e mais três garotos conversando após o café da manhã, me lembro de desenhar um sapato na areia e naquele momento decidi que seria para sapataria que eu iria, porque eu poderia fazer algumas coisas diferentes. Me recordo que na sapataria tinham dois mestres italianos, duas pessoas especialíssimas. Fiquei um ano trabalhando e aprendendo com eles, depois eu retornei para minha cidade natal, que era Mandaguari, fiquei mais dois anos lá trabalhando em uma sapataria, sempre com o foco em couro. Depois retornei para Curitiba, cheguei aqui com 13 anos, apenas com a certidão de nascimento no bolso. (Fala de Wilson, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Novamente em Curitiba, foi por meio de uma antiga professora que conseguiu um local para ficar, se estabelecendo e arranjando um emprego no INPS da época. Posteriormente, obteve a oportunidade para trabalhar em um escritório de advocacia, onde recebeu muito incentivo de seu antigo chefe para seguir na área do Direito. Conta que, apesar dessa possibilidade de caminho, teve sua trajetória transformada por conta de pessoas que conheceu no final do ano de 1966.

Conheci pessoas que trabalhavam com artesanato e foram os fundadores da Feira, Ronaldo Leão Rego e a Lélia Rego, esposa dele. Comecei a encontrá-los às sextas-feiras para produzirmos alguma coisinha, e assim comecei a desenvolver uma linha de carteiras. Isso foi crescendo e nós íamos para a feira da praça da Zacarias, em 1967, expor no sábado, até que em agosto do ano seguinte comecei a ir oficialmente sozinho. Lá se vão 54 anos. Foi um período maravilhoso de muita efervescência cultural, muita movimentação, os artesãos vinham de fora, os hippies da época, nós participamos desse movimento maravilhoso que transformou a sociedade mundial, os hábitos desde a vestimenta até os conceitos mais pessoais. Nos encontrávamos na Praça Zacarias, fazíamos a feira e sempre com alegria e satisfação de mostrar alguma coisa nova que tínhamos feito, existia aquela essência de criatividade, a gente tinha disposição e orgulho de todo final de semana mostrar alguma coisa diferente. (Fala de Wilson, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Quando a feira da praça Zacarias foi transferida para a praça Tiradentes, permaneceu expondo ali por volta de três a quatro anos, até que, com a transferência da feira para a praça Rui Barbosa aos sábados, Guima também migrou para lá. Devido à mudança dos feirantes para dentro da Rua da Cidadania, prejudicando o trabalho em vários aspectos, tem-se a extinção da feira de sábado, período no qual Guima já havia se fixado na Feira do Largo da Ordem.

Começamos aproximadamente com 20 expositores, nós tínhamos a praça toda à nossa disposição, tinham os bancos que o pessoal vinha aos domingos e se sentavam, as famílias passeando, então era um ambiente muito bacana, uma opção essencialmente cultural para Curitiba. A sociedade curitibana tinha aquela curiosidade, aquela disposição e aquela vontade de conhecer coisas novas, e o que acontecia na cidade de novo era a nossa Feira. Nós tínhamos uma importância bacana para a sociedade de Curitiba. A feira de artesanato é tudo isso, sempre houve uma participação muito grande do povo. Então essa efervescência foi borbulhando, florindo e crescendo, foi muito bacana e muito bonito. (Fala de Wilson, trecho transcrito de entrevista, 2022)

159

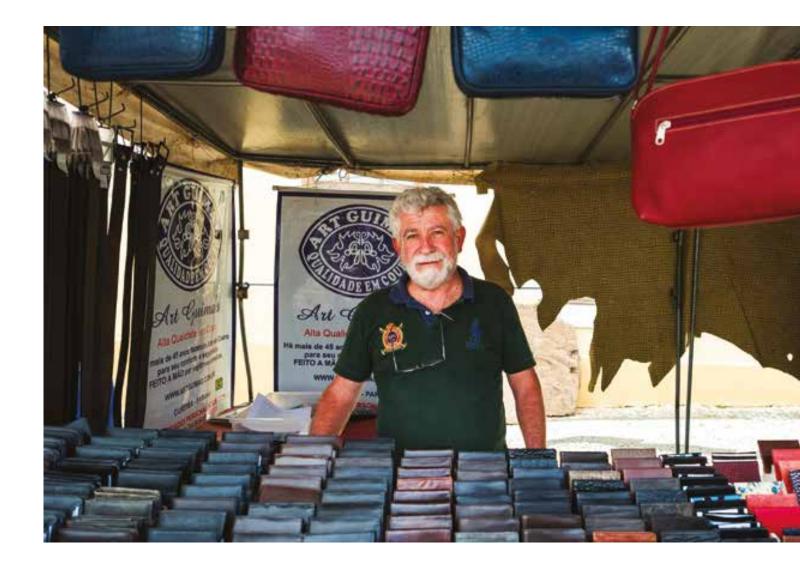
A vida seguiu seu curso: no dia primeiro de janeiro de 1977 Guima se casou, e em 1978 nasceu sua primeira filha. Hoje, com três filhos e seis netos, conta que sua família sempre esteve envolvida com o trabalho artesanal que desenvolve, pois todos os filhos aprenderam o ofício e trabalharam com ele, "a família é o berço onde tudo começou", completa. As filhas, segundo ele, são mais criativas e ajudavam na confecção, já o filho, com sua aptidão para as vendas, ajudou muito com o atendimento ao público. Hoje é uma de suas netas que dá apoio em todas as etapas de produção e organização, tanto no ateliê quanto na Feira.

Conta também que sempre acompanhou o movimento hippie, porém seguindo uma filosofia de vida mais centrada no trabalho, na organização e na família, justificando o porquê de não considerar que foi "essencialmente hippie". Esse movimento, segundo suas palavras, foi um grande acontecimento cultural na cidade, uma grande revolução cultural e, anexas ao movimento hippie, as feiras sempre estiveram presentes como a sustentação do todo, a forma pela qual essas pessoas conseguiam permanecer fora dos hábitos culturais tradicionais.

A Feira é algo que a gente não consegue viver sem, ela faz parte da vida da gente. Todo o contexto da Feira, a movimentação das pessoas, a descontração, as famílias passeando, o alto nível de prática dos conceitos culturais, é um acontecimento pra sociedade curitibana e pro estado do Paraná. Faz parte da vida da gente, eu preciso consumir a Feira todo final de semana, preciso sentir a Feira. Ver as pessoas circulando livremente é muito importante pra nós que somos iniciantes de tudo isso. Infelizmente muitos companheiros já partiram, acho importante mencionar pessoas que se dedicaram muito ao início dela, são parte fundamental da história da Feira, por onde tudo começou. Algumas dessas pessoas são Tokio Sato, Liane Fransato, Nereu, Claudionor Tupi Bittencourt, Julio Cesar Fernandes Faria e o Kriguer. Nós nunca podemos olhar apenas o hoje sem olhar pra trás. Se não existissem as pessoas do passado, nós não estaríamos aqui hoje. A importância de tudo na vida está na raiz. A nossa Feira é isso. (Fala de Wilson, trecho transcrito de entrevista, 2022)

Ele, que permaneceu toda a sua vida produzindo artesanatos e participando das feiras, explica que existem duas coisas na sociedade humana que são de essencial importância para a cultura e para a vida: uma é o artesanato, que, segundo suas palavras, libera a espontaneidade humana e a criatividade, gerando novas oportunidades; e a outra é a agricultura familiar e orgânica. "Estamos vivendo um processo de volta às raízes", explica ele.

Todas essas coisas foram muito importantes na vida da gente. Tive muitas oportunidades de seguir em outras áreas, como por exemplo o Direito, mas eu escolhi seguir pelo artesanato. Eu escolhi, foi isso que eu quis fazer. Abandonei tudo pra fazer artesanato. É uma caminhada difícil, muito trabalhosa e inconstante, mas foi o caminho que eu escolhi e sou feliz por isso, pude enxergar um horizonte maior através da arte. A raiz da Feira é a criatividade. Há uma ligação muito forte entre corpo e mente no artesanato, é uma forma de transformar o sútil em concreto, dar vida às matérias. (Fala de Wilson, trecho transcrito de entrevista, 2022)







DO QUE MAIS GOSTO NA FEIRA SÃO AS CORES

Fátima Sanson | casinhas de passarinhos e aromatizantes

Fazendo parte do grupo de feirantes que descobriu o amor pelo artesanato após adulta, Fátima apresenta em sua história muitos capítulos de reinvenção. De todos esses novos começos, irei me ater a três passagens narradas por ela, em que as rupturas foram necessárias para a vida seguir seu caminho. A primeira ruptura diz respeito ao seu trabalho: ocupando há muitos anos um bom cargo em uma empresa multinacional, com um emprego no qual as pessoas ao seu redor viam progressão de carreira e garantias de qualidade de vida, não era em uma mesma proporção que Fátima se sentia feliz, devido à sua rotina exaustiva e ao seu alto índice de estresse gerado pelo trabalho.

Tomei coragem e pedi as contas. Imagina, ninguém pede as contas de uma multinacional com tanto tempo de empresa. Me chamaram de louca, disseram que eu nunca mais conseguiria outro emprego assim e, de fato, não consegui. Fiquei um tempo buscando, mas não conseguia nada, isso foi me deixando muito mal também. Com a minha idade, independente do meu currículo bom e da minha experiência, não conseguia mais emprego fixo. (Fala de Fátima, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Nesse cenário de sofrimento, sua mãe, que realizava aulas de artesanato, a convidou para participar de uma aula em sua companhia. Fátima conta que pensava: "Essas coisinhas miúdas e delicadas não são pra mim", porém, ainda assim, aceitou o convite.

Foi assistir a uma única aula, me apaixonei por artesanato. A primeira peça que fiz, que foi produzida na aula, já ficou com a professora pra que ela vendesse pra mim. Ela começou a me encomendar algumas peças, outras pessoas da cidade foram conhecendo meus trabalhos e encomendando também. As encomendas logo cresceram muito, assim comecei a atuar como artesã e fui indo. (Fala de Fátima, trecho transcrito de entrevista, 2021)

> Na época, Fátima, que já produzia artesanatos, ajudou uma amiga de infância que tinha o desejo de começar a criar também. Assim, a ensinou a produzir algumas peças artesanais e juntas deram início a uma jornada de feirantes, sendo então a feira do Passeio Público, em Curitiba, a primeira em que atuou. As amigas, apesar de dividirem a mesma barraca, sempre produziram produtos diferentes, e as peças de Fátima sempre foram casinhas de passarinho. Com elas, logo conseguiu uma licença para expor na Feira do Largo da Ordem e, diferente do Passeio Público, lá ela trabalhava com sua mãe, que a ajuda até hoje. Realizam a produção das peças de forma dividida, em que cada uma cuida de uma etapa do artesanato.

> A segunda ruptura e recomeço dessa história estaria prestes a se iniciar com o falecimento de seu pai, em dezembro de 2009:

Todos ficaram muito tristes, muito abalados com o falecimento do meu pai, não tinha mais clima pra continuar vindo pra Feira. Decidi pedir uma licença, e em junho de 2010 me mudei para Irati, no interior do Paraná. Nesse período de licença me dediquei a alguns cursos, como um de arte sacra e outro de pintura barroca. Em Irati a arte sacra é muito forte, a cidade é conhecida pela imagem de Nossa Senhora das Graças. Lá eu tinha muitas encomendas, eu produzia muitas peças para a lojinha que ficava perto dessa santa, fazia muitas imagens para vender, recebia inclusive encomendas grandes de pagadores de promessas. (Fala de Fátima, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Em 2012, em um exame de rotina, realizou uma radiografia do seu tórax, mas, como conta, esqueceu de buscar o resultado, afinal não estava preocupada. Passado um tempo da realização do exame, mais precisamente quatro meses depois, Fátima machucou o pé e precisou voltar ao hospital onde realizou a radiografia. Acompanhada de seu irmão, pediu para que ele buscasse o resultado do exame, aproveitando o tempo em que ela esperava na emergência.

> Quando eu vi o resultado, quase desmaiei: estava com câncer de pulmão. Entrei em pânico. Voltei para Curitiba refazer o exame. O novo exame deu no diagnóstico que não se tratava de câncer, então oito meses após esse segundo diagnóstico, ainda me sentindo atormentada, decidi refazer o exame mais uma vez. Nessa terceira vez, novamente diagnosticada com câncer. Logo comecei o tratamento médico, precisei fazer uma toracotomia – no meu caso foi a retirada da metade de um pulmão –, porque, apesar de ainda estar pequeno, era severo. (Fala de Fátima, trecho transcrito de entrevista, 2021)

O terceiro e último episódio de recomeço dessa resumida e intensa história diz respeito à descoberta e ao tratamento de seu câncer. Após sua cirurgia, para ficar mais perto do hospital e também de sua mãe, retornou a Curitiba para novamente fixar moradia aqui. Em 2016 teve a grande sorte, segundo suas palavras, de ser aceita novamente na Feira do Largo da Ordem. Conta que em todo esse período de Feira, antes e depois do intervalo em Irati, percebeu que precisaria sempre se reinventar, inclusive na Feira.

Tenho produtos que são sazonais, só vendem em certa época do ano. Assim vou aprendendo a produzir produtos que saem em outros períodos, faço muitos cursos pra sempre continuar aprendendo. Hoje trabalho também com aromatizantes, é o forte do meu trabalho, tenho investido nisso e me aperfeiçoado muito, fazendo também sabonetes e com planos para iniciar minha própria produção de perfumes. Depois que comecei, nunca parei com o artesanato. É gostoso vir pra Feira do Largo, são muitas amizades, gosto do povo, gosto de me comunicar e de conhecer pessoas. O que mais gosto na Feira são as cores. Agora eu não paro mais com a Feira porque aprendi a lidar com elas e isso me deixa mais tranquila. Criar em cima das peças, sabe? Inventar, imaginar as cores. (Fala de Fátima, trecho transcrito de entrevista, 2021)





ERA AQUI ONDE EU QUERIA ESTAR, E ESTOU

Jane Castanho | encadernação artesanal

Diferente de todos os outros capítulos que a este antecederam, apresento aqui uma artesã que está na Feira há três anos. Para além de sua visão enquanto parte de um público que conquista o espaço de seus sonhos, nos apresentando uma perspectiva muito valiosa de uma artesã apaixonada e recém-chegada, Jane é a semente para que este projeto tenha nascido. Apesar do ainda curto período de Feira — se comparado a outros feirantes aqui apresentados — foi acompanhando Jane, sua mãe, que Carolina Castanho teve a primeira faísca sobre o presente projeto, o qual ainda viria a ser lapidado e aperfeiçoado por toda a nossa equipe. Neste momento não encontro palavras para expressar o quão simbólica é a presença de Jane neste trabalho e o quão gratos somos pela oportunidade de conhecer tantas trajetórias e histórias de vida.

O Largo pra mim é onde eu queria chegar de maior, falei: "Do Largo não tem pra onde ir". Sou apaixonada por essa Feira desde o primeiro dia em que eu botei meus pés aqui, ainda como público. É uma paixão que me faz querer ficar ainda muito tempo, eu quero curtir a Feira do Largo o tempo que eu puder. Não são meus 59 anos que vão me segurar. (Fala de Jane, trecho transcrito de entrevista, 2021)

169

Embora faça parte da turma de feirantes mais novos, Jane relata emoções que também são compartilhadas por feirantes antigos. Esperar ansiosa pelo domingo é

Eu gosto daqui, eu gosto de energia da Feira, eu gosto das pessoas chegando até a barraca, das pessoas andando, olha, até me arrepia. Eu acho bonito quando está todo mundo começando a montar as barracas, aquela correria, aquele entra e sai de carro descarregando, daqui a pouco está tudo funcionando. Aí você vê as pessoas chegando, as pessoas andando, circulando, vendo tudo. É muito bom ver isso, eu me arrepio toda só de falar. (Fala de Jane, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Jane compartilha também sua experiência de primeiro domingo como feirante, fala sobre o receio de seus produtos não serem aceitos pelo público, de suas inseguranças e dúvidas. Mas, para ela, foi a partir do momento em que começou a arrumar seus produtos na barraca que sentiu que esse espaço também era dela, que seu sonho realmente estava acontecendo e que daria certo.

Senti uma emoção que tenho certeza que o público não tem ideia desse sentimento. É uma conquista minha, me dá até vontade de chorar. Foi muito bom, relembrando assim, o primeiro dia foi uma coisa bem doida e muito especial. Não sei nem se eu consigo explicar o que eu senti. Tenho o sentimento de que minha barraca é meu cantinho, foi um espaço conquistado, achei que nunca conseguiria entrar. Ter essa oportunidade é maravilhoso, um sentimento de conquista. Agora é seguir em frente, tentando passar o melhor para meus clientes. Me sinto à vontade, como que em casa. É um espaço em que eu me sinto — eu sou uma pessoa um pouco tímida — e aqui eu me sinto muito à vontade. Eu converso, eu falo, eu explico sem pensar que sou tímida, fica tudo pra fora da barraca, é outra dinâmica. (Fala de Jane, trecho transcrito de entrevista, 2021)

Jane conta que hoje sente que faz realmente parte da Feira, "era aqui que eu queria estar, e estou", completa. O sentimento de pertencimento surgiu em muitas conversas com os demais feirantes, porém é de maneira subjetiva que essa emoção se constrói e se manifesta em cada um. Além do pertencimento para com a Feira, Jane também perpassa sobre a importância de uma parceria enquanto classe: "A gente precisa um do outro, e isso é em qualquer trabalho, mas aqui a gente precisa ainda mais. Precisamos poder contar um com o outro, estamos na mesma luta, no mesmo objetivo de estar aqui pra levar para o outro o que você faz com suas próprias mãos, levar o que se cria".

A exemplo disso, Jane conta que naquele mesmo domingo da nossa conversa uma feirante precisou sair porque o pai foi internado, encaminhado ao hospital passando muito mal. A feirante se retirou às pressas, mas sua barraca continuou funcionando e suas vendas continuaram a ser realizadas. Os feirantes próximos se uniram e se dividiram para ajudar no atendimento ao público que se direcionava à barraca da vizinha ausente. Como disse Jane: "É uma experiência triste pelo que aconteceu com o pai dela, mas por outro lado é bonito ver que estávamos ali para ajudar, é uma parceria de verdade".

Eu gosto dessa coisa das barracas serem abertas, você poder ver os feirantes que você conhece, seus colegas de todo domingo, pode ajudar e contribuir, porque todo domingo é uma história diferente. Fiz amizades aqui que se estenderam para fora da Feira, frequentamos as casas uns dos outros, a gente se ajuda na Feira e seguimos amigos fora da Feira também. Me sinto uma pequena parte da Feira, mas são muitas pequenas partes importantes para manter esse lugar. Essa conversa me fez voltar lá no primeiro dia, legal pensar no jeito que eu cheguei, como eu era e como eu sou hoje, como eu mudei e o quanto eu pude crescer na Feira. Aí você vê a grandeza da coisa, principalmente pra mim, que quis tanto conquistar esse espaço. (Fala de Jane, trecho transcrito de entrevista, 2021)









Fontes:

- Decreto nº 509 da Prefeitura de Curitiba, de 10 de julho de 1972.
- "Artesanato, opção de todos os domingos".
 Gazeta do Povo. 07/12/1981.
- "Troca tudo na feira". Correio de Notícias. 20/10/1977.
- "Mercado das Pulgas é opção no domingo".
 Gazeta do Povo. 30/05/1977.
- "Artesãos perdem mercado". Estado do Paraná. 05/07/1973.
- "Feira de Artesanato na Praça Garibaldi".
 Diário Popular. 19/05/1985.
- "Feira do Largo completa 25 anos". Estado do Paraná. 04/04/1998.
- "Coordenação da Feira de Artesanato gera descontentamento". Gazeta do Povo. 06/01/2001.
- "Feirinha do Largo promove manifesto". Jornal do Estado. 06/01/2001.
- "Feiras carregam sotaques e sabores". Gazeta do Povo. 13/10/2005.
- "Feira do Largo 'cresce' para ruas vizinhas".
 Jornal do Estado. 24/03/1997.
- "Polêmica na feira artesanal". Gazeta do Povo. 20/08/1984.
- "Artesãos e camelôs em 'guerra' pela praça".
 Diário do Paraná. 07/04/1982.
- "Uma feira com o apelido de 'artesanato'".
 Estado do Paraná. 16/09/1978.
- "Praça Tiradentes vetada a artesãos". Gazeta do Povo. 14/06/1977.
- "Artesanato some dando lugar aos industrializados". Diário do Paraná. 13/03/1977.

- "Artesanato na Tiradentes: todos reclamam da sujeira". Diário do Paraná. 29/08/1976.
- "Decadência da feira 'hippie'". O Estado do Paraná. 17/10/1976.
- "Mercado das Pulgas. No Largo da Ordem tudo pode ser um bom negócio". Jornal do Brasil. 17/02/1972.
- "Feiras de Curitiba já são atração turística".
 Gazeta do Povo. 13/03/1974.
- 'Mercado das Pulgas' hoje é um sucesso na Praça Garibaldi". Gazeta do Povo. 09/09/1976.
- "CWB vai à feira". Gazeta do Povo. 06/09/1995.
- "Domingo em Curitiba tem Feira de Arte". Folha de Londrina. 27/12/1972.
- "Nas manhãs dos sábados e domingos o colorido das duas feiras populares". Gazeta do Povo. 19/03/1975.
- "Hoje, o novo dia da Feira Hippie". Gazeta do Povo. 29/05/1976.
- "Feira de Artesanato, a praça sem artesãos".
 Diário do Paraná. 14/10/1975.
- "Autenticidade desta feira não é a mesma".
 Gazeta do Povo. 24/08/1975.
- "Interior vem para feira na Zacarias". Gazeta do Povo. 20/07/1975.
- "Na Zacarias, a feira com grande movimento".
 Gazeta do Povo. 26/01/1975.
- "O que será da Feira Hippie?". O Estado do Paraná. 01/12/1974.
- "Invasão ameaça a feira da Zacarias". Gazeta do Povo. 19/05/1974.
- "Na feira dos hippies, atração e contrastes".
 Gazeta do Povo. 24/03/1974.

- "Os falsos hippies da Praça Zacarias". Gazeta do Povo. 17/01/1973.
- Reunião de memórias orais de entrevista concedida pelo artesão e feirante
 Wilson Guimarães à integrante do projeto e antropóloga Luana Camargo.

Referências:

BONZATTO, Eduardo Antonio; POLICHUK, Naja Kayanna. Origem da Feira do Largo da Ordem, Curitiba, em 1970: diálogos da arte e zanato. Revista Lumen et Virtus – Revista Interdisciplinar de Cultura e Imagem, v. 5, n. 10, Belo Horizonte, p. 95-117, marco, 2014.

DIAS, Tania Mara. Artesanato brasileiro e artesanato curitibano: uma abordagem sobre a questão da identidade da cultura popular curitibana. Curitiba: Casa da Memória, 18 p.

DINIZ, Sheyla Castro. Desbundados e marginais: a MPB pós-tropicalista no contexto dos anos de chumbo. In: Anais XII Brasa: Congresso Internacional da Brazilian Studies Association. King's College, Londres, Inglaterra, agosto, 2014.

GEORGE, Iozodara Telma Branco de; PASSOS, Lilianny Rodriguez Barreto dos. A Feira do Largo da Ordem como patrimônio imaterial de Curitiba – Paraná. Curitiba: Máguina de Escrever, 2021. 140 p.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 2, n. 22, p. 935-952, 2014.

LUZ, Aline Pires. A arte psicodélica e sua relação com a arte contemporânea norte-americana e inglesa dos anos 1960: uma dissolução de fronteiras. Mestrado, UEPJMF, 2014.

PORTELA, Logan. Cultura e expressão: um estudo sobre artesanato e arte popular da Feira do Largo da Ordem de Curitiba. Curitiba: Lon Produções Culturais, 2013.

RATZ, Cláudia Denise Krummenauer. O processo histórico que transformou a pequena Feira Hippie realizada na Praça Zacarias em um dos principais pontos turísticos de Curitiba. TCC, Faculdades Integradas Espírita. Curitiba, 2007.

SOBRE AS AUTORAS

Carolina Castanho, fotografia

Formada em Tecnologia em Produção Cênica na UFPR e com pós-graduação em Fotografia e Imagem em Movimento pela Universidade Positivo. Atualmente cursa a graduação de Ciências Sociais pela UFPR. Esteve no Haiti por quatro vezes como fotógrafa voluntária. Tem registros de rituais importantes na aldeia Pindoty durante a gravação do documentário "Essa terra não vai terminar".

Luana Camargo, pesquisa antropológica

Educadora patrimonial, antropóloga e produtora cultural. Além do seu exercício profissional elaborando e gerindo projetos artísticos e socioculturais, dedica-se ao estudo acadêmico das culturas populares, de trajetórias de vida e da antropologia da memória, realizando também pesquisas etnográficas e consultorias antropológicas para projetos socioculturais. Com foco no desenvolvimento humano a partir da arte e da cultura, fundou em 2017 a Canô Produções, empresa pautada pelo compromisso da permanência artística e cidadã em suas ações, desenvolvendo produtos e bens artísticos culturalmente relevantes e socialmente responsáveis.

Soraia Gatti, pesquisa histórica

Licenciada e bacharel em História pela UFPR e especialista em Antropologia pela PUCPR. Tem experiência e interesse nas temáticas de pesquisa de Gênero e Cultura, História do Brasil, Cultura Popular Brasileira e Pensamento Decolonial.





























BOLETIM INFORMATIVO DA CASA ROMÁRIO MARTINS

VOLUMES EDITADOS NO PERÍODO DE 1974 A 2001

- 01 Desembrulhando as balas Zequinha. Valêncio Xavier. Ago. 1974.
- 02 Os caminhos da pavimentação em Curitiba. Rafael Greca de Macedo. Out.1974.
- 03 Romário Martins: um punhado de terra natal. Rafael Greca de Macedo. Dez. 1974.
- 04 3 Contos de Armando Ribeiro Pinto. Dez. 1974.
- 05 Bento Mossurunga: um músico do Paraná. Roselys Vellozo Roderjan. Jan. 1975.
- 06 Maria Bueno: uma peça de Oraci Gemba. Jan. 1975.
- 07 O lazer na Curitiba antiga: fotos de uma exposição. Valêncio Xavier. Fev. 1975.
- 08 Freguês de caderno (armazém de secos e molhados em Curitiba).
- Rafael Greca de Macedo. Fev. 1975.
- 09 3 Contos de Cláudio Lacerda. Fev. 1975.
- 10 Notícias sobre a imprensa do Paraná até 1900. Oswaldo Pilotto. Fev. 1975.
- 11 História de Curitiba em quadrinhos: desenhos de Moacyr Calesco; texto de Valêncio Xavier. Supervisão de Ruy C. Wachowicz. Abr. 1975.
- 12 Chichorro e seus calungas. Newton Carneiro. Jun. 1975.
- 13 Premiados no I Concurso Municipal de Contos. Lizete Andrade Chipanski, Rosirene Gemael, Carlos Alberto Marçal Gonzaga, Antônio César Bond. Jun. 1975.
- 14 Lance Maior. Roteiro do filme de Sylvio Back. Jul. 1975.

- 15 Schroeder e Kirstein: rótulos e embalagens antigas. Rosirene Gemael. Out. 1975.
- 16 Santa Cândida, pioneira da colonização linista. Ruy Christovam Wachowicz. Dez. 1975.
- 17 O lambrequim. Key Imaguire Junior. Mar. 1976.
- 18 Viagem do navio S. M. Albatrós, capítulo sobre o Paraná, 1885–1886. Abr. 1976.
- 19 Referências sobre filmagens e exibições cinematográficas em Curitiba, 1892–1907. Solange Stecz. Jun. 1976.
- 20 O eclético: aspectos da ornamentação de fachadas em Curitiba. Key Imaguire Junior. Jul. 1976.
- 21 Linguajar paranaense (resenha). Vasco Taborda Ribas. Set. 1976.
- 22 Projeto. Rogério Bonilha. Abr. 1977.
- 23 O Palácio do Congresso. Câmara Municipal de Curitiba, histórico e restauração. Izabel Corcão. s/data.
- 24 Arquitetura do imigrante italiano. Equipe. s/data.
- 25 Cem anos de Bento Mossurunga: o cantor da alma paranaense. Roselys Vellozo Roderjan. Maio 1979.
- 26 Memórias da sorte & Damp; do azar Estórias e histórias do jogo em Curitiba. Maí Nascimento e Rafael Greca de Macedo. s/data.
- 27 Memória de vida, Lineu Ferreira do Amaral. Equipe.
- 28 Imagens e paisagens que Curitiba perdeu. Equipe.
- 29 Memória de vida, Guataçara Borba Carneiro. Equipe.
- 30 Memória da aviação em Curitiba. Equipe.
- 31 Memória de vida, Francis Accioly Filho. Maí Nascimento e Rafael Greca de Macedo.
- 32 Ruínas de São Francisco. Rafael Greca de Macedo, Maí Nascimento e Vera Lúcia Gregório de Andrade. Dez. 1979.
- 33 Vila São Pedro, o bairro na história da cidade. Tânia Mara de Paula Toledo, Rafael Greca de Macedo e Roseli Boschilia. Jan. 1980.
- 34 O carnaval de Curitiba em 1884. Reprinter de Proclama.
- 35 7 Quedas de Canendiyu. Roteiro do filme de Sylvio Back, texto de André Rebouças e Rafael Greca de Macedo. Ano 5.

- 36 População de Curitiba e paranaense de 1780. Ruy Christovam Wachowicz.
- 37 Memória de vida, Carlos Heller. Equipe.
- 38 Memória de vida, Raul de Azevedo Macedo. Equipe.
- 39 Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. Comemorativo ao centenário do hospital de caridade, 1880-1980. Rafael Greca de Macedo e Maí Nascimento. Maio 1980.
- 40 A visita imperial a Curitiba. David Antonio da Silva Carneiro. Ano VI.
- 41 O parque Inglez (subsídio para a história do bairro do Bacacheri). Rafael Greca de Macedo, Maí Nascimento e Vera Lúcia Gregório de Andrade.
- 42 O Passeio Público. Rafael Greca de Macedo.
- 43 A arte paranaense antes de Andersen. Newton Carneiro. Set. 1980.
- 44 Igreja da Ordem restauro e história. Rafael Greca de Macedo. Out. 1980.
- 45 Pilarzinho, o bairro na história da cidade. Rafael Greca de Macedo, Roseli Boschilia e Tânia de Paula Toledo. Out. 1980.
- 46 Coleções Cartões Postais: suportes da memória. Eduardo Sallum. Nov. 1980.
- 47 Portão, o bairro na história da cidade. Rafael Greca de Macedo, Roseli Boschilia e Tânia de Paula Toledo. Nov. 1980.

- 48 9 de agosto de 1945: a FEB parou Curitiba. João Dedeus Freitas Netto. Dez. 1980.
- 49 Leiteria Schaffer, restauro e história. Rafael Greca de Macedo e equipe. Jan. 1981.
- 50 Estrada do Mato Grosso. Rafael Greca de Macedo e equipe. Mar. 1981.
- 51 Preservação da memória nacional. Aloísio Magalhães. Mar. 1981.
- 52 Dom Jerônimo Mazzarotto. Rafael Greca de Macedo. Abr. 1981.
- 53 Os ucranianos. Oksana Boruszenko. Abr. 1981.
- 54 Rua da liberdade. Rafael Greca de Macedo e Maí Nascimento. Jun. 1981.
- 55 Bosque João Paulo II Parque Memorial da Imigração Polonesa. Edwino Tempski,
- Rafael Greca de Macedo, Ruy C. Wachowicz e Waldir Assis Filho. Jul. 1981.
- 56 Memória de vida, Mário Braga de Abreu. Ana Maria F. Rochael, Margarita P. Sansone,
- Ney Regatieri Nascimento e Rafael Greca de Macedo. Jul. 1981.
- 57 Centro Acadêmico Hugo Simas, 50 anos. Vários Autores. Ago. 1981.
- 58 Breve relato dos quartéis do Paraná. Cid Deren Destefani. Ago. 1981.

- 59 Comunidade rurbana de Campo de Santana. Vários Autores. Set. 1981.
- 60 Despoluição visual em Curitiba. Maí Nascimento, Rafael Greca de Macedo e Roseli Boschilia. Dez. 1981.
- 61 Memória de vida, Tadeusz Morozowicz. Aramis Millarch, Rafael Greca de Macedo, Maí Nascimento e Milena Morozowicz. Jan. 1982.
- 62 Cabral e Juvevê, os bairros na história da Cidade. Cíntia M. Braga Carneiro, Maí Nascimento, Rafael Greca de Macedo e Roseli Boschilia. Fev. 1982.
- 63 Indústria de fundo de quintal. Jaime Lechinski e Maí Nascimento. Abr. 1982.
- 64 Lápis, um compositor paranaense. Aramis Millarch. Maio 1982.
- 65 Memória de vida, Lysandro Santos Lima (1906-1982). Lysandro Santos Lima (póstumo) e Rafael Greca de Macedo. Jun. 1982.
- 66 Campo Comprido, o bairro na história da cidade. Cíntia M. B. Carneiro, Rafael Greca de Macedo e Roseli Boschilia. Ago. 1982.
- 67 Memória de vida, Hélène Garfunkel (1900-1982). Vários Autores. Ago. 1982.
- 68 Água Verde, o bairro na história da cidade. Myriam Sbravati, Roseli Boschilia, e Wanirlei Pedroso Guelfi. Nov. 1982.
- 69 Mère Júlia do Cajuru. Vários Autores. Dez. 1982.
- 70 Fantasia circense. Maí Nascimento, Rafael Greca de Macedo e Rosângela Stringari. Fev. 1983.
- 71 Colônia D. Augusto: uma introdução à sua história. José Augusto Colodel. Mar. 1983.
- 72 Umbará: gentes, vida e memória. Marcelo C. Brunetti e Marcos A. Zanon. Out. 1984.
- 73 Memória. Tocando a Vida: Janguito. Elizabeth Fortes e Roseli Boschilia. Nov. 1984.
- 74 Bairro Mercês: do túnel do pirata ao Bar Botafogo. Marcelo C. Brunetti e Roseli Boschilia. Jul. 1985.
- 75 Memória. Nhô Belarmino e Nhá Gabriela. Elizabeth Fortes e Roseli Boschilia. Jun. 1985.
- 76 Ulisses Vieira: 1885-1942. Ruy Alvarez Vieira. Jul. 1985.
- 77 Henrique de Curitiba Morozowicz. Catálogo de obras. Maio 1986.
- 78 Sylvio Back Por um Cinema Desideologizado. Maio 1987.
- 79 Catálogo de museus. Roseli Boschilia. Maio 1987.
- 80 José Penalva. Catálogo de obras. Jan. 1988.

- 81 Pioneiros da evangelização presbiteriana no Paraná. Túlio Vargas. Jul. 1988.
- 82 Erbo Stenzel. Ângela Ceccatto Pires. Ago. 1988.
- 83 Centro Cultural Portão. Elton L. Barz e Roseli T. Boschilia. Nov. 1988.
- 84 Os franceses em Curitiba. Maí Nascimento. Jul. 1989.
- 85 Tradições natalinas. Eugênia B. Mazepa, Oksana Boruszenko e Rafael Greca de Macedo. Dez. 1990.
- 86 Festivais de música de Curitiba. Cursos internacionais de música do Paraná–1965/77. Selma Suely Texeira. Jan. 1991.
- 87 A boa vida de Santa Felicidade. Marlene Rodrigues. Abr. 1991.
- 88 Jacobs, Kriger& Cia Ltda Foto Brasil. Ana Maria Hladczuk e Oksana Boruszenko. Maio. 1991.
- 89 Heróis da Lapa 5.ª Região Militar. Jul. 1991.
- 90 100 anos de Justiça no Paraná 01/08/1891 01/08/1991. Maí Nascimento, Milton M. Vernalha e Rafael Greca de Macedo. Ago. 1991.

- 91 Mohamed olho moderno. Ago. 1991.
- 92 Um jardim para Fanchette. Set. 1991.
- 93 Bruno Farnocchia Flamacolor (A serigrafia em Curitiba). Elton Luiz Barz e Roberson Maurício Caldeira Nunes. Fev. 1992.
- 94 Parque das Pedreiras da Pedreira Municipal à Ópera de Arame. Elton Luiz Barz, Maí Nascimento e Roberson Maurício Caldeira Nunes. Mar. 1992.
- 95 Curitiba em 24 quadros. Maí Nascimento. Mar. 1992.
- 96 Shopping Popular. Elton Luiz Barz, Maí Nascimento e Roberson Maurício Caldeira Nunes. Abr. 1992.
- 97 Igreja, Cinema, Poder o filme religioso no Brasil. Francisco Alves dos Santos. Jun. 1992.
- 98 Calçadão, vinte anos depois. Raul Guilherme Urban. Jul. 1992.
- 99 Augusto Stresser e a Ópera Sidéria. Vários autores. Set. 1992.
- 100 Aramis Millarch. Vários autores. Set. 1992.
- 101 Francisco Kava Sobrinho (1936-1985). Raul Guilherme Urban. Jun. 1993.
- 102 O Culto de Nossa Senhora da Luz. Valéria Marques Teixeira. Set. 1994.

- 103 Trabalho, Técnica e Arte: Pianos Essenfelder. Roseli Boschilia e equipe. Mar. 1995.
- 104 Cemitério Municipal São Francisco de Paula Monumento e Documento. Cassiana Lacerda Carollo. Abr. 1995.
- 105 Curitiba Origens, fundação, nome. Igor Chmyz, Cecília Westphalen, Aryon D. Rodrigues. Jun. 1995.
- 106 Boqueirão O bairro na história da cidade. Marcelo Sutil. Ago. 1995.
- 107 O cotidiano de Curitiba durante a II Guerra Mundial. Roseli Boschilia. Out. 1995.
- 108 Os ucranianos 2ª. ed. Oksana Boruszenko. Out. 1995.
- 109 Carlos Gomes e seus horizontes. José Penalva. Jan. 1996.
- 110 Cores da Cidade Riachuelo e Generoso Marques. Roseli Boschilia. Mar. 1996.
- 111 Fazendinha O bairro na história da cidade. Marcelo Sutil. Maio 1996.
- 112 Cinema no Paraná Nova geração. Francisco Alves dos Santos. Jun. 1996.
- 113 A Rua 15 e o Comércio no Início do Século. Roseli Boschilia. Nov. 1996.
- 114 Fundação Cultural de Curitiba. Maí Nascimento Mendonça. Dez. 1996.
- 115 Nas Ondas do Rádio. Maí Nascimento Mendonça. Dez. 1996.
- 116 Pinheirinho O Bairro na História da Cidade. Marcelo Sutil, Vidal de Azevedo e Costa. Dez. 1996.
- 117 Umbará O Bairro na História da Cidade. Tatiana Dantas Marchette. Dez. 1996.
- 118 Boa Vista O Bairro na História da Cidade. Roseli Boschilia. Dez. 1996.
- 119 Rui Barbosa A Praça na Trilha do Tempo. Antonio Paulo Benatti, Marcelo Sutil. Dez. 1996
- 120 Tiradentes A praça verde da Igreja. Elizabete Berberi, Marcelo Saldanha Sutil. Jul. 1997.
- 121 Parolin O bairro na História da Cidade. Maria Luiza Baracho. Nov. 1997.
- 122 Universidade Federal do Paraná Um edifício e sua história.

Antonio Gonçalves Junior. Dez. 1997.

- 123 Da pharmacia à farmácia Farmácias curitibanas 1857 19Marcelo Saldanha Sutil. Jul. 1999.
- 124 Rebouças O Bairro na História da Cidade. Maria Luiza Gonçalves Baracho. Maio 2000.
- 125 Cinema no Paraná Anos noventa. Francisco Alves dos Santos. Abr. 2001
- 126 Passeio Público Primeiro parque público de Curitiba. Cassiana Licia de Lacerda. Ago. 2001.

BOLETIM CASA ROMÁRIO MARTINS

VOLUMES EDITADOS A PARTIR DE 2005

- 127 Fotos de estúdio: imagens construídas. Marcelo Saldanha Sutil, Maria Luiza Gonçalves Baracho. Jul. 2005. Série Memória Urbana.
- 128 Cinemateca de Curitiba: 30 anos Hugo Moura Tavares. Set. 2005. Série Memória Institucional.
- 129 Um olhar para o futuro: coleção Júlia Wanderley. Marcelo Saldanha Sutil, Maria Luiza Gonçalves Baracho. Nov. 2005. Série Memória de Vida.
- 130 Centro Histórico: espaços do passado e do presente. Ana Lúcia Ciffoni, Marcelo Saldanha Sutil, Maria Luiza Gonçalves Baracho. Mar. 2006. Série Memória Urbana.
- 131 Praças de Curitiba: espaços verdes na paisagem urbana. Aparecida Vaz da Silva Bahls Set 2006. Série Memória Urbana.
- 132 COHAB-CT: 41 anos de planejamento e realizações. Vidal A. A. Costa. Dez. 2006. Série Memória Institucional.

- 133 Memória da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Vidal A. A. Costa. Mar. 2007. Série Memória Institucional.
- 134 O Acervo Wischral: documentos de um olhar. Maria Luiza Gonçalves Baracho e Marcelo Saldanha Sutil. Abr. 2007.
- 135 Bigorrilho, a construção de um espaço urbano. Maria Luiza Gonçalves Baracho e Marcelo Saldanha Sutil. Ago. 2007. Série Memória Urbana.
- 136 Música na Capela do Santa Maria: história, arquitetura e revitalização. Rosianne Pazinato da Silva, Ivilyn Weigert, Nancy Valente e Miguel Gaissler. Dez. 2007. Série Memória Institucional.
- 137 Teatro do Paiol: 35 anos de aplausos. Deborah Agulham Carvalho. Maio 2008. Série Memória Institucional.
- 138 Os derradeiros artífices de uma cultura rural: artesania para uso rurícola ou doméstico tradicional em Curitiba-PR. Emilio Carlos Boschilia. Dez. 2008. Série Memória Urbana.

139 Lago Azul, o parque na memória curitibana. Tatiana Dantas Marchette. Dez 2008. Série Memória Urbana.

140 Rótulos e embalagens: sinais de outros tempos. Marcelo Saldanha Sutil e Maria Luiza Gonçalves Baracho. Jan. 2009. Série Memória Urbana.

141 Lala Schneider. Rosirene Gemael. Jun 2009. Série Memória de Vida.

142 Factos da atualidade: charges e caricaturas em Curitiba. Aparecida Vaz da Silva Bahls e Mariane Cristina Buso. Maio 2009. Série Memória Urbana.

143 Memória da Rede Municipal de Ensino de Curitiba 1983 – 1998. Vidal A. A. Costa. 2010. Série Memória Institucional.

144 Synval Stocchero. Curitiba na mira do fotógrafo. Maria Luiza Gonçalves Baracho. Dez 2010. Edição Especial. Série Memória Urbana.

145 Centro Paranaense Feminino de Cultura. Regina Maria Schimmelpfeng de Souza. Nov. 2012. Série Memória Institucional.

146 Senhoras e senhores: o Circo da Cidade faz 40 anos! – Ângela Maria de Medeiros Rodarte e Elizabete Berberi. Dez. 2016. Edição Especial. Publicação em formato digital. Série Memória Urbana.

147. Arquitetura do Imigrante Italiano no Bairro de Santa Felicidade. 2ª edição revista e ampliada. Key Iamquirre Junior. Nov. 2019. Série Memória Urbana.

148. Uma rua no percurso do tempo: transformação e resiliência da Rua Comendador Araújo. Maria da Graça Rodrigues dos Santos. Nov. 2019. Série Memória Urbana.

149. Dos traços aos trajetos: a Curitiba negra entre os séculos XIX e XX. Brenda Maria Lucilia Oeiras dos Santos; Gesline Giovana Braga; Larissa Brum Leite Gusmão Pinheiro. Nov. 2019. Série Memória Urbana.















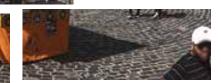












PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

Prefeito Rafael Greca de Macedo

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA

Presidente

Ana Cristina de Castro

Diretor Administrativo e Financeiro

Cristiano Augusto Solis de Figueiredo Morrissy

Diretor de Ação Cultural

Edson França Bueno

Diretor do Patrimônio Cultural

Gabriel Serrato Paris

Diretora de Incentivo à Cultura

Loismary Angela Pache

Diretor de Planejamento

José Roberto Lança

EQUIPE TÉCNICA PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Pablito Kucarz

IDEALIZAÇÃO Adriana Campos

Carolina Castanho

Gilmar Kaminski REDAÇÃO DE CONTEÚDO WEB

Luana Camargo Soraia Gatti

PESQUISA ANTROPOLÓGICA ASSESSORIA DE IMPRENSA

Luana Camargo Luísa Bonin

Thays Cristine

PESQUISA HISTÓRICA Platea Comunicação e Arte

Soraia Gatti

SITE

FOTOGRAFIA Lean Bilski

Carolina Castanho SG Studio

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO ASSESSORIA JURÍDICA

E GESTÃO DE PROJETO Carolina Wanderley

Gilmar Kaminski São Sebastião

Cultura e Propriedade Intelectual

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Anna Carolina Azevedo REALIZAÇÃO

Flutua Produções

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO Canô Produções

Záire Osório

APOIO

REVISÃO TEXTUAL Manifesto Café
Ana Coralina Padaria América

Bar do Alemão









AGRADECIMENTOS

Alessandra Oliveira

Altamir Cabral

Angela Coraiola

Angela Hasselmann

Angela Medeiros Rodarte

Benedito Martins

Bruno Goy

Dolly Villanueva

Éder Ferraz

Edson Mendes da Silva

Eduardo Henrique Engelhardt

Equipe da Escola de Patrimônio

Fátima Sanson

Fernando de Liz

Hélio Leites

Isaias Teixeira

Jane Castanho

Jorge Tonatto

Julio Cezar Bernardelli

Linda Grabowski

Maria Laskowski

Maria Luiza Gonçalves Barracho

Marily Lessnau

Nilcema do Rocio Ratim

Odair Marlier

Patrícia Wohlke

Paulo Cezar Rombi

Rafael Suzuki

Reginaldo Carvalho

René Scholz

Richard Poppe

Santo Antônio Strapasson

Silvina Aranibar

Tiemi Takahashi

Wilson Guimarães































APOIO













